

Universidade do Minho  
Escola de Arquitectura

Paula Cristina Miranda da Silva Martins

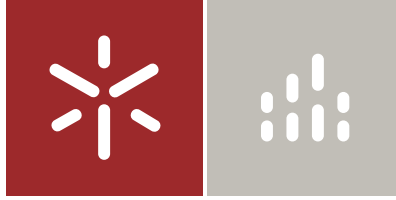
Narrativas sócio-espaciais da criança em  
Pevidém

UMinho | 2019 | Paula Cristina Miranda da Silva Martins | Narrativas sócio-espaciais da criança em Pevidém

UMinho | 2019

janeiro de 2019





Universidade do Minho  
Escola de Arquitectura

Paula Cristina Miranda da Silva Martins

Narrativas sócio-espaciais da criança em  
Pevidém

Dissertação de Mestrado  
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao  
Grau de Mestre em Arquitectura  
Ramo de Conhecimento: Cidade e Território

Trabalho efetuado sob a orientação da  
Arquiteta Cidália Maria Ferreira da Silva

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

*em memória de uma voz cheia de saudade e carinho, para a minha avó que me ensinou a ser...*

## Agradecimentos

Um muito obrigada à professora Cidália por todo o acompanhamento e dedicação, e principalmente pelo entusiasmo constante nas novas etapas.

À minha família, pelo apoio constante, carinho e preocupação amorosa ao longo destes meses. Aos meus pais e irmão, aos meus tios e primos, a todos um muito obrigada!

Um grande agradecimento àqueles que me ajudaram nos desafios que surgiam ao longo do trabalho. Ao sr. António Pacheco e ao André Melo por toda a disponibilidade e simpatia. A todos os participantes nas conversas, pela curiosidade, participação ativa e pela paciência!

Aos meus amigos e colegas pelas trocas de ideias, pelas conversas e risos durante os infinitos dias de trabalho. À Maria pela alegria em convívio e pelas dicas sempre precisas! Ao Gonçalo por toda a paciência, companhia e amabilidade.

A todos os que me apoiaram, obrigada!



## RESUMO

Esta investigação principia que **os espaços habitados refletem rotinas diárias e práticas comuns**, tendo como foco base de trabalho uma questão central das mesmas: **as crianças**. Pretende-se perceber de que forma se criam as relações pessoais, espaciais e temporais, questionando sempre aquilo que as relaciona com o lugar vivenciado, assumindo que as crianças são livres para se apropriarem dos espaços em seu redor, espaços estes desenhados à dimensão adulta.

Como território de estudo, **a vila de Pevidém** surge como um catalisador de relações transescalares com as freguesias envolventes, centralizando uma variedade de ligações com o dia-a-dia: o espaço da escola, o espaço do parque, o espaço da escola de música, os percursos e as rotinas diárias, os movimentos pedonais e viários, o modo de estar e ainda a ligação singular com a cidade de Guimarães.

O objetivo consiste em estimular o potencial da articulação entre os espaços existentes, de forma a elaborar uma investigação base, que recorre ao contínuo trabalho *in situ*, para procurar as pistas e analogias existentes no lugar, nas relações entre as suas várias escalas e fluxos, descobrindo e concretizando pontuais focos de trabalho de interação com as pessoas/crianças.

A divisão em três capítulos reflete o trabalho efetuado ao longo das visitas de campo: *Observar*, *Dialogar* e *Interagir*. Desde logo o processo da investigação é refletido nos capítulos do trabalho, enunciando atitudes e inquietações constantes que iam surgindo ao longo do processo de análise, refletindo assim sobre as questões essenciais como potencializadoras de **narrativas sócio-espaciais da criança em Pevidém**.

Um estudo através de escalas, através das pessoas, entre tempos e espaços, refletindo hábitos humanos nas vidas comuns, com o objetivo principal de encontrar relações de permanência entre a comunidade e a vila de Pevidém, para assim intensificar e aperfeiçoar os usos diversos encontrados.

Lugares vivenciados, rotinas coletivas e práticas habituais, **narrativas sócio-espaciais** como resultado de um **habitar comum**.





## ABSTRACT

This research begins that **the inhabited spaces reflect daily routines and common practices**, focusing on a central issue of the same: **the children**. It is intended to understand how personal, spatial and temporal relationships are created, always questioning what relates them to the place experienced, assuming that children are free to appropriate the spaces around them, spaces designed to the adult dimension.

As a study territory, **the village of Pevidém** emerges as a catalyst for transcending relations with the surrounding villages, centralizing a variety of connections with everyday life: the school space, the park space, the music school space, the daily paths and routines, the pedestrian and road movements, the way of being and also the singular connection with the city of Guimarães.

The purpose is to stimulate the potential of the articulation between the existing spaces, in order to elaborate a basic research, which uses the continuous work *in situ*, to search for clues and analogies existing in the place, in the relations between the various scales and flows, discovering and concretizing focal points of work interaction with the people/the children.

The division into three chapters reflects the work done during the field visits: *Observe*, *Dialogue* and *Interact*. From the outset, the research process is reflected in the chapters of the work, stating the constant attitudes and concerns that emerged throughout the process of analysis, thus reflecting on the essential issues as potentiators of **socio-spatial narratives of the child in Pevidém**.

A study through scales, through people, between times and spaces, reflecting human habits in common lives, with the main objective of finding relations of permanence between the community and the village of Pevidém, in order to intensify and improve the various uses found.

Experienced places, collective routines and usual practices, **socio-spatial narratives** as a result of a **common living**.

# Índice

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
Enquadramento da investigação	16
<b>Metodologia</b>	18
<b>Atlas de imagens</b>	20
<b>Capítulo I. OBSERVAR</b>	<b>25</b>
<b>Aproximação ao Território</b>	<b>29</b>
Vale do Ave	29
Vila de Pevidém	33
<b>Observar de Perto</b>	<b>39</b>
o espaço da vila	43
o espaço da escola	47
o espaço do parque	53
<b>Capítulo II. DIALOGAR</b>	<b>63</b>
<i>Primeira parte</i>	
<b>Falar de perto</b>	<b>67</b>
<i>Férias Desportivas de Verão</i>	69
Das 9h as 12h	71
Das 13h às 18h	73
<i>Segunda parte</i>	
<b>Da Palavra ao Traçado</b>	<b>77</b>
à conversa com a enfermeira Ana Paula   03.05.18	83
à conversa com as amigas Glória e Maria   09.10.18	85

à conversa com as primas Sara e a Mafalda   09.10.18	87
à conversa com o António e o Diogo   09.10.18	89
à conversa com o André   09.10.18	91
à conversa com as cinco amigas – Férias Desportivas   19.10.18	93

### **Capítulo III. INTERAGIR 103**

#### **Traços de Memória Comuns 107**

*léxico verbal de ações comuns* 115

#### **Por Camadas 113**

espaço das escolas 115

espaço da igreja de S. Brás | cemitério 119

espaço da igreja Matriz | praça Francisco Inácio 123

espaço da feira 127

#### **Imaginar Rotinas 134**

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS 145**

#### **Referências bibliográficas 152**

#### **Índice iconográfico 156**

#### **Anexos 161**

*“O príncipezinho sentou-se numa pedra e levantou os olhos para o céu:*

*-Gostava de saber se as estrelas estão iluminadas para que cada pessoa possa encontrar a sua. Olha para o meu planeta. Está precisamente por cima de nós... Mas como é longe!*

*-É belo, disse a serpente. Que vens aqui fazer?*

*-É por causa de uma flor, disse o príncipezinho”<sup>1</sup>*

1. SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. 2009. *O Príncipezinho*, Editorial Aster, Lisboa, p. 60

## **INTRODUÇÃO**

## Introdução

**Narrativas sócio-espaciais da criança em Pevidém**, Guimarães, consiste numa reflexão sobre o espaço da vila como lugar habitado e vivenciado, pelos residentes e comunidades vizinhas, através de um conjunto de processos de observação e reconhecimento.

A **criança** pevidense revela um papel fundamental num olhar específico sobre a vila, através do qual são abordadas e analisadas as rotinas diárias comuns da população, de modo a descobrir potenciais agentes e causas. O espaço assume um contexto essencial para o ato de brincar, no entanto, brincar acaba por se desvanecer entre os lugares pela falta de objetos-estímulos, como também, espaços comuns para a comunidade. O processo de análise de Pevidém partiu do estudo dos espaços vinculados à criança, bem como o seu papel para com a comunidade e respetiva vila.

**Observar** como primeiro passo de investigação, capítulo I, analisando Pevidém, os seus espaços públicos, serviços e ofícios principais, abordando e descobrindo lugares apropriados ou habitados pela criança, para assim refletir numa análise por observação perceptível e essencial para proceder com a investigação.

Num segundo capítulo progride-se na análise, falando com a comunidade. **Dialogar** com as pessoas, sobre as suas rotinas, de forma a descrever a relação de cada um, de cada habitante e de cada criança com o espaço. Nesta fase de trabalho, principia-se o diálogo com a comunidade, sendo representada a participação numa atividade da vila de um dia e posterior análise, refletindo sobre algumas conversas com aqueles que habitam Pevidém. Desta forma, inicia-se um estudo sobre a vila com base nas narrativas das rotinas e ações comuns.

Assim, pretende-se compreender os lugares e espaços de Pevidém habitados por uma comunidade, percebendo quais os fatores e questões que devem ser fundamentados como potencializadores das rotinas dos habitantes, tendo como base a importância da perceção das narrativas espaciais, que podem ser pensadas e estruturadas especificamente para cada pessoa e para os lugares que experimentam e vivem.

**Interagir** em Pevidém, questionando e apontando temas inerentes à justificação de um lugar, refletindo a escala do espaço, as ações que alberga, as práticas ativas que são vivenciadas, tendo como base que cada espaço pode ser potencializado, criando uma narrativa comum na vila, espacial e temporal, que atravessa várias escalas e lugares.

Assim, num terceiro e último capítulo (*interagir*) torna-se essencial pensar e questionar o potencial de brincar e aprender através de um incentivo básico para a compreensão de qualquer lugar.

Desta forma, sintetiza-se o conceito de **campos de aprendizagem** como lugares que potenciam a imaginação, a apropriação informal diversa e o ato de brincar, a partir da especificidade de cada um. Neste capítulo, abordam-se atos que estimulam a ação sobre a vila, pensar o habitar e potencializá-lo como uma prática social comum.

O ato de aprender e o espaço são reflexo de relações temporais, permitindo assim explorar a conexão recíproca entre os espaços, as pessoas/crianças e o tempo, semeando novos estímulos e novas ações em torno dos processos de transformação que ocorrem no território, de modo a potencializar os lugares como campos de aprendizagem.

Em suma, a presente investigação assume uma pesquisa aprofundada sobre o modo de olhar e captar um espaço, um território, a vila de Pevidém, como lugar habitado e vivido.

Refletindo no tempo, nos vínculos sociais, nas analogias entre programas, nas ações comuns, encontram-se carências e possíveis estímulos sobre um lugar de uma comunidade e respetivas práticas do dia-a-dia.



## Enquadramento da investigação

Este trabalho insere-se num projeto de investigação intitulado de **ProChild CoLab**, uma associação privada sem fins lucrativos que sustenta uma abordagem transdisciplinar com o objetivo de combater a pobreza e exclusão social em crianças dos 0 aos 10 anos. Como principal foco de atuação, pretende criar projetos de base territorial, através de acordos de parceria, apresentando e fortalecendo inovação social principalmente contra causas estruturais ou contextuais relativas à pobreza na infância.

Relativamente à vila de Pevidém, Guimarães, o **ProChild CoLab Pevidém** tem como objetivo projetar um território de aprendizagem, com a coordenação e organização mútua entre os parceiros institucionais e locais, para assim promover a iniciativa inovadora que reflete sobre inclusão social das crianças. Através da interpretação genérica e comum do espaço habitado pelas crianças, com a colaboração de instituições locais e das experiências dos habitantes, pretende estimular e potenciar a vivência da criança na vila.

Campos de Aprendizagem (“Learning Fields”) traduz o principal objetivo da investigação como iniciativa inovadora, que visa transformar o espaço territorial local através de um contexto indutor da educação, lazer e desenvolvimento cultural da população, com base numa ação previamente planeada e estruturada, traduzida nos domínios urbanístico e arquitetónico, educacional e formativo, cultural e social (participação, proteção e saúde).

Principia-se que todos os espaços que são experimentados e vivenciados são potenciais campos de aprendizagem, a partir dos quais a ação de brincar e a interação com o lugar traduzem elementos essenciais na sua compreensão. Com base no pré-conceito simplista que liga de um modo direto o lugar de aprender ao espaço da escola, ou o lugar de brincar ao parque infantil, a investigação considera a prática de aprender e ainda o espaço associado no seu significado integral e vinculado.

Este projeto tem como objetivos principais:

“-Investigar os espaços próximos de ‘relação’ onde esta aprendizagem pode ter lugar, nomeadamente: entre a escola-edifício e o seu espaço aberto; entre a casa/bairro e o espaço público;

- Criar projetos-estratégias de intervenção que catalisem a imaginação e a apropriação do espaço enquanto Campo de Aprendizagem”<sup>2</sup>.

Como resultados locais previstos pretende-se a melhoria territorial do habitar em Pevidém, com uma maior e mais intensificada articulação entre as várias ações educativas, sociais e culturais, através do bem-estar comum, de modo a dinamizar a participação e colaboração social na comunidade.

*Narrativas sócio-espaciais da criança em Pevidém* reflete os princípios base do projeto de investigação ProChild CoLab Pevidém, partindo da interpretação dos espaços habitados pelas crianças, relacionando percursos diários e lugares de permanência, entre a casa e a escola, a escola e o parque. O presente trabalho principia uma investigação que interpreta um olhar mais aproximado das rotinas da comunidade pevidense, analisando os hábitos e práticas comuns, através de interpretações individuais no mesmo lugar.

Assim, com base nas intenções do projeto **ProChild CoLab Pevidém**, procede-se ao reconhecimento da vila, partindo de uma compreensão mais genérica dos espaços vivenciados pelas crianças, pela comunidade que habita Pevidém diariamente, reconhecendo fatores de continuidade ou particularidades casuais nos costumes diários. Interpretando **narrativas**, compreendendo as relações **sócio-espaciais** a partir da **criança que habita Pevidém**.

2. *Propostas de Projetos de Investigação*. Cidália F Silva, Prof. Auxiliar da EAUM e Investigadora do Lab2PT. *Projeto de investigação, “Learning Fields”*, Guimarães, 26 de Outubro de 2017

## Metodologia

Como método de trabalho, a análise *in situ* traduz uma ação essencial que reflete todo o processo realizado. As visitas de campo efetuadas na vila de Pevidém surgiram como método de atuação perante questões inerentes ao desenvolvimento e progresso da investigação.

As principais idas ao local transpõem pesquisas e análises mais aprofundadas, outras visitas com menos duração, resumem momentos de passagem (muitas vezes sempre de carro) que foram registados através de fotografia ou escrita, contudo, muitas outras passagens foram feitas, apenas não há registo ou memória da data das mesmas.

Deste modo, são apresentadas cerca de **catorze visitas** de campo efetuadas entre o mês de janeiro 2018 e janeiro 2019. Apesar da primeira visita de campo registada ter ocorrido a 4 de janeiro de 2018, a presente investigação foi executada durante um período de tempo determinado entre março 2018 e janeiro 2019. A primeira visita consiste uma data previamente estabelecida pelo grupo ProChild CoLab, permitindo uma visita em conjunto, como um primeiro reconhecimento comum de Pevidém.

Ao longo da investigação a obra de Michel De Certeau, *The Practice of Everyday Life*, 1988, é bastante citada na medida em que permite ao autor explicar e justificar ações relevantes e progressos abordados durante o processo de trabalho, sendo que o livro não é referido nem analisado durante o estudo, apenas citado como fundamento de uma prática.

No que diz respeito às citações utilizadas, por opção da autora, as referências na língua inglesa não são traduzidas para português para não alterar o significado e sentidos mais imediatos dos vocábulos e termos específicos da língua.

## Visitas de campo

**04 janeiro.** Visita guiada com o grupo ProChild CoLab, a vice-presidente da câmara municipal de Guimarães Dra. Adelina Paula Pinto e a vereadora da ação social Dra. Paula Oliveira: encontro na igreja Matriz, passeio pelo centro da vila; de seguida, espaço das escolas e várzea agrícola; espaço da feira; parque desportivo Selho S. Cristóvão;

**26 março.** Análise. Percurso centro-escola: caminhada com registo de vídeo e fotografia, esquiços de seções ao longo do percurso, observação do espaço da escola. Praça Francisco Inácio: registo fotográfico e análise do parque infantil ali presente. Indústrias da vila: estudo das indústrias em atividade e abandonadas, registo do nome.

**03 abril.** de passagem; observação.

**12 abril.** de passagem; observação.

**26 abril.** Investigação e diálogos casuais. Praça Francisco Inácio: conversas com alguns residentes sobre o espaço e sobre a vila em geral. Igreja Matriz: preparos da festa da vila em honra a S. Jorge, sendo indicado abordar o padre da freguesia. Residência paroquial: conversa com o padre responsável pela freguesia sobre a catequese e os seus horários, o número de crianças e a adesão que esta atividade religiosa proporciona. Espaço da feira: observação do parque verde e dos jogos de cartas. Parque desportivo Selho S. Cristóvão: registo fotográfico e observação.

**03 maio.** Conversa com a enfermeira Ana Paula Silva no USF de Pevidém.

**25 maio.** de passagem; observação.

**07 junho.** de passagem; observação.

**14 junho.** Junta de Freguesia: conhecimento e comunicação da atividade *Férias Desportivas*, informação e contacto com o organizador António Pacheco. Praça Francisco Inácio: observação.

**21 junho.** Parques infantis: reconhecimento de quatro equipamentos na vila e um equipamento no parque desportivo Selho S. Cristóvão, registo fotográfico e análise dos lugares.

**02 julho.** Participação nas Férias Desportivas, das 9h às 18h.

**09 outubro.** Mapas pessoais: conversas no espaço da feira com Glória e Maria, registo fotográfico das partidas de sueca, e praça Francisco Inácio, conversa com a Mafalda e Sara, e depois, com o António e o Fábio. Novo parque infantil: descoberta e registo fotográfico, análise do lugar e dos elementos.

**19 outubro.** Mapas pessoais: conversa com as amigas das Férias Desportivas no ginásio Bibamais através do sr. António Pacheco. Espaço da feira: observar e registo fotográfico.

**21 janeiro.** Última visita à vila, tendo como objetivo fotografar os espaços analisados, para assim facilitar uma visão mais clara dos assuntos expostos. Ver fotografias expostas nos anexos (anexos 2, 3 e 4).

## Atlas de imagens

**Figura 1.** Piet Mondrian, *Composition no. 3 with colour plane*, 1917

**Figura 2.** Corneille, drawing published in *Promenade au Pays des Pommes*, 1949, Stedelijk Museum Amsterdam

**Figura 3.** Piet Mondrian, *sea and starry sky* (zee en sterrenlucht) (1915)

**Figura 4.** K. Lynch, *Galaxy*, 'The Pattern of the Metropolis', Daedalus, Winter, 1961

**Figura 5.** K. Lynch, *Polycentred net*, 'The Pattern of the Metropolis', Daedalus, Winter, 196

**Figura 6.** Pieter Bruegel the Elder, *Kinderspelen*, 1560. Kunsthistorisches

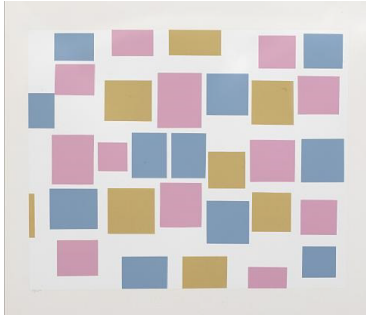
**Figura 7.** Fotografia de Matteo De Bernardini, *two kids playing in acqua alta*, Piazza di San Marco, Venezia, 2017

**Figura 8.** *Aldo Van Eyck playgrounds*, fotografia de Jaime Álvarez Santana, 1969

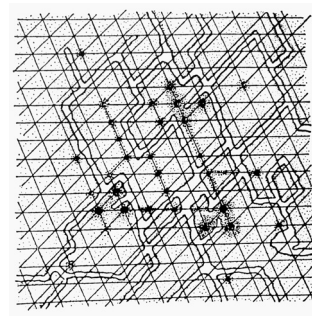
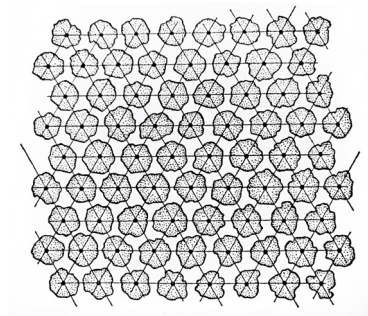
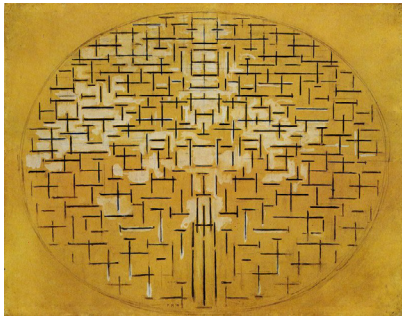
**Figura 9.** Atelier Urban Nomads, *collage-Stabburqueiros*, project is a collaboration with Leveld Kunstnartun, Leveld, Ål, Norway and Leveld Skole

**Figura 10.** Atelier Corajoud, *Les jardins d'École à Paris*, fotografia de Jacky Mace

a ladeira



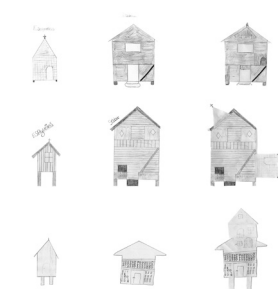
conceito(s)



o sujeito e o lugar



métodos



A **ideia** vem apresentar o objetivo do processo de investigação e a sua finalidade. Deste modo, como foco base de trabalho, uma questão essencial intrínseca ao habitar comum num lugar: as crianças.

As figuras que representam a ideia (figura 1 e 2) traduzem o princípio de interpretação do processo de trabalho, influenciando o modo de análise sobre a vila. A ideia aborda o conceito através da observação e do questionamento e, acima de tudo, interliga teorias e pensamentos, associando temáticas distintas no método de trabalho, tendo sempre como princípio o espaço da criança.

Interpretam-se os espaços que proporcionam o estar e o habitar, lugares vivenciados, comuns e individuais. Cada lugar detém qualidades específicas, característica próprias, no entanto, neste **conceito** inicial, essas particularidades assumem-se quando os espaços são considerados como um todo, quando os lugares existem partindo de vínculos e ligações (figuras 3, 4 e 5) que advém das rotinas diárias de uma comunidade.

Estimulam o aprender, a imaginação e o viver. Espaços a princípio observados individualmente, no entanto, em contexto de vila habitada, cada lugar se associa com outro lugar, próximo ou distante, vinculado pela rotina comum.

O espaço reflete um contexto essencial para o processo de análise, para o brincar e aprender. Em cada observação, em cada esboço e análise é necessário estabelecer relações entre a criança e o meio, entre o **sujeito e o lugar** (figuras 6 e 7).

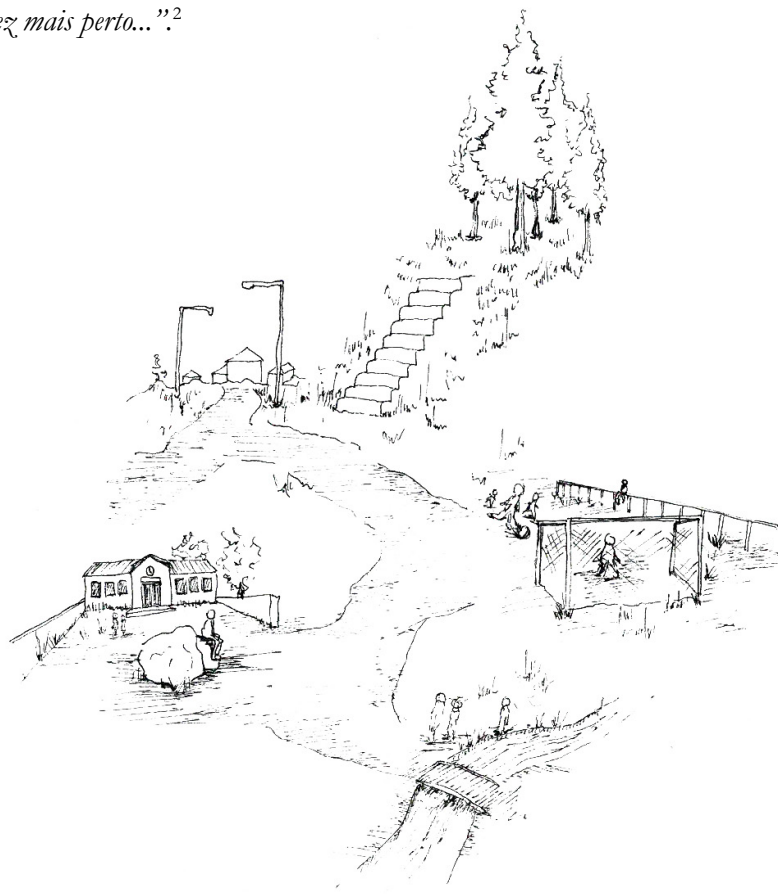
O espaço é tido como o local físico que capacita a descoberta da sua finalidade ou programa e desenvolve uma representação cognitiva face às relações nele existentes. Os lugares visitados, o sítio que se habita, as zonas de passagem, tudo isto resume o espaço vivido que permite uma compreensão específica sobre o progresso das capacidades autónomas de ação no meio físico.

O processo do trabalho de perceção da vila de Pevidém resume um conjunto de relações existente entre a ideia, o conceito, o sujeito e o lugar. As figuras do **método** (figuras 8, 9 e 10) traduzem modelos que permitem explorar e fundamentar a relação que se cria com a criança, como sujeito que habita um espaço, espaço esse em constante mudança, através de novas ações. Exemplos e modos de atuar sobre um lugar, um espaço singular que alberga várias ações comuns.



“ - Como é que hei-de fazer?, disse o príncipezinho.

-Tens de ter muita paciência, respondeu a raposa. Primeiro, sentas-te um pouco afastado de mim, assim, na relva. Eu olho para ti pelo canto do olho e tu não dizes nada. A linguagem é uma fonte de mal-entendidos. Mas, de dia para dia, podes sentar-te cada vez mais perto...”<sup>2</sup>



**Figura 11.** Ilustração de análise |  
redescobrir a criança no espaço  
15.08.18

2. SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. 2009. *O Príncipezinho*, Editorial Aster, Lisboa, p. 69

## Capítulo I. **OBSERVAR**



**Figura 12.** Fotografias tiradas na visita de campo 09.10.2018

## Capítulo I. Observar

*“To consider the city is to encounter ourselves.  
To encounter the city is to rediscover the child.  
If the child rediscovers the city,  
the city will rediscover the child – ourselves.”*<sup>3</sup>

A primeira interação com Pevidém reflete os diversos ritmos observados das vivências das crianças. Nesta análise inicial o primeiro passo consiste na procura e no estudo dos espaços mais habitados por crianças, através das suas ações e permanências.

O território a reconhecer é a vila de Pevidém, no município de Guimarães, Vale do Ave, região do Minho. A vila afirma-se como um centro de serviços e apoios para com as freguesias vizinhas (Selho S. Cristóvão, Gondar, Serzedelo, Ronfe, Brito, Silves e Candoso - S. Martinho). Também a relação estabelecida com a cidade de Guimarães é refletida no dia-a-dia dos habitantes da freguesia (trabalho profissional, programas de lazer e serviços).

O espaço assume um contexto essencial para desenvolver o potencial de brincar e aprender. Durante as primeiras visitas de campo, procurou-se captar vivências díspares que transmitissem analogias singulares entre as morfologias de Pevidém e a criança. No convívio comunitário, no contacto com a superfície envolvente, explorando cada objeto e forma à sua volta, a criança cria ligações pessoais, que lhe permitem adquirir novos conhecimentos, alcançando o saber individual do espaço habitado. O comportamento de cada criança, o modo como se desenvolve em termos psicológicos, advém de um crescimento gradual, que cria um vínculo constante entre ela e o lugar. Jean Piaget (a) afirma que *“consiste sempre (...) numa organização ativa da experiência vivida”*<sup>4</sup>. Assim sendo, a assimilação que ocorre entre a criança e o espaço permite uma apreensão de novas visões, ações e formas, sendo desnecessário proceder à respetiva modificação ou adaptação. Ou seja, nesta correlação contínua existente entre o sujeito que conhece e o espaço a apreender, a criança cria o seu próprio conhecimento através do agir no lugar. Estas teorias serviram como base de procedimento na investigação.

Como inquietação inicial, este estudo de observação reflete o suporte de todo o processo de trabalho, permitindo criar um entendimento comum com Pevidém e a comunidade.

a. Jean Piaget psicólogo suíço que desenvolveu a Teoria do Construtivismo: origem do conhecimento infantil no qual a criança passa por diversos estágios para alcançar e construir o conhecimento.

3. LIGTELIJN, Vincent; STRAUVEN, Francis. 2008. *Aldo van Eyck – Writings. Volume 1: The child, the city and the artist: an essay on architecture. The in-between realm.* [1962] Amsterdam: SUN, p. 25

4. PIAGET, J. 1974. *O Nascimento da Inteligência na Criança*, Rio de Janeiro, Zahar, p.56

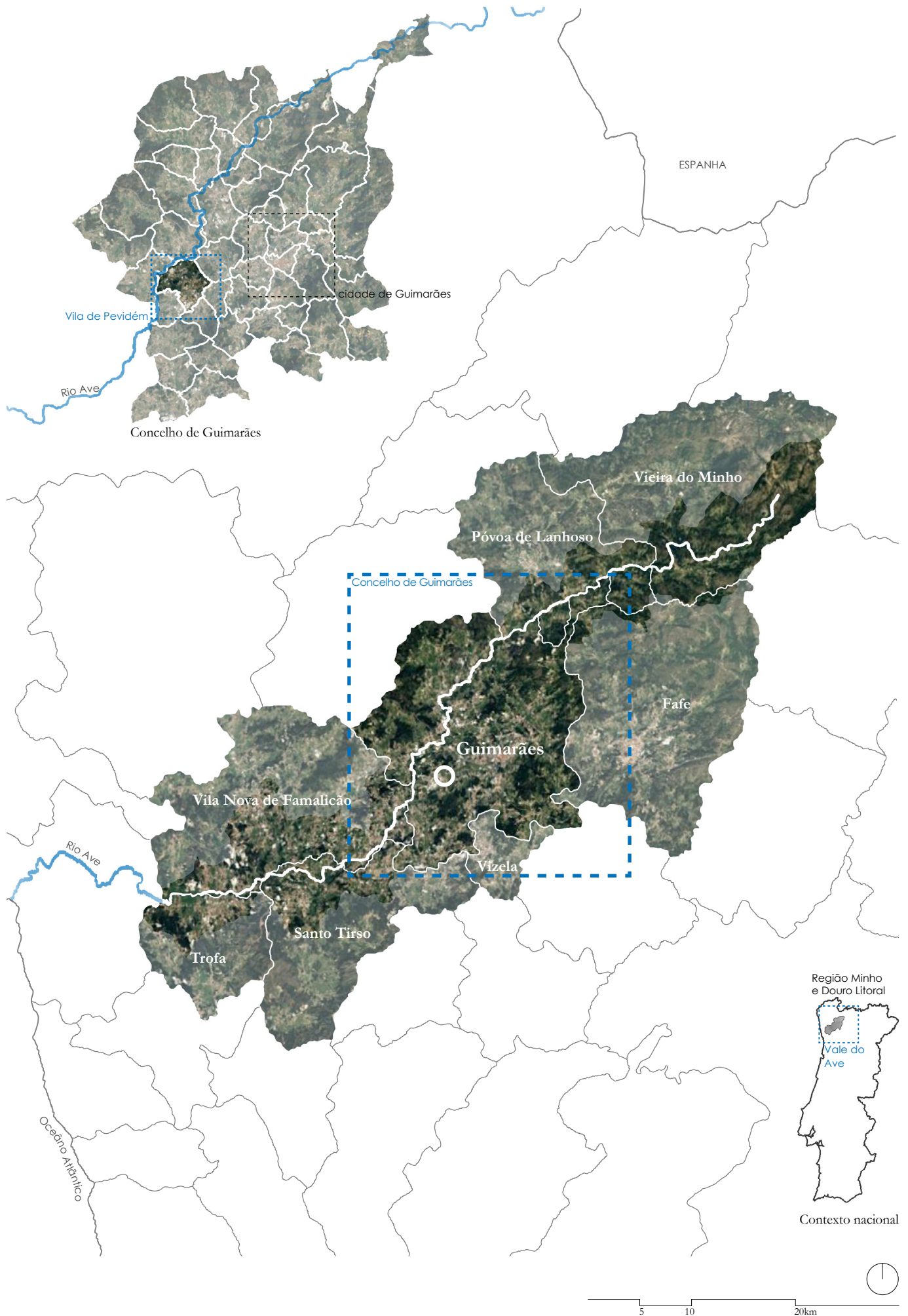


Figura 13. Primeiro reconhecer o Vale do Ave como território de ação

## Aproximação ao território

Inicia-se uma abordagem à amostra territorial, desde o global para o específico, expondo o lugar de ação, através das bases topográficas, como território em constante mutação.

### Vale do Ave

O Vale do Ave, localizado no Noroeste de Portugal, região do Minho, é composto por um aglomerado de municípios, caracterizados por uma urbanização dispersa, como consequência da difusão do setor industrial. Numa relação com o rio Ave, que percorre todo o vale, e ainda pequenas explorações agrícolas, criam-se fatores que conferem ao lugar uma singularidade peculiar (fig. 13). “(...) região urbano-industrial, densamente ocupada por um padrão de urbanização e de industrialização rural difusa”.<sup>5</sup>

Com cerca de 430.900 habitantes<sup>6</sup>, o Vale do Ave integra os municípios e as freguesias dos concelhos de Guimarães, Vizela, Vila Nova de Famalicão, Trofa e Santo Tirso, estruturados por um elemento natural em comum: o rio Ave (b). As cidades do vale caracterizam-se pela densa edificação urbana. Grande parte da população reside fora das grandes urbes, num espaço difuso, gerando morfologias dissemelhantes que resultam de um processo contínuo, associado à pluriatividade<sup>7</sup> existente: setor industrial, setor agrícola e atividades complementares associadas à habitação, que influenciam a disseminação populacional. Esta malha urbana entre cidades é suportada por uma rede infraestrutural extensa e densa.

No espaço difuso (fora das cidades), o lugar não se resume somente à construção existente. A constante presença das parcelas agrícolas, a massa de espaço florestal e natural criam a diversidade própria do vale do Ave, sendo a estrutura parcelar uma base fundamental para o seu entendimento. “A identidade do território transcreve-se nesta estrutura: as parcelas agrícolas distinguem-se claramente das parcelas mistas, com habitação e agricultura; as parcelas industriais distinguem-se das habitacionais; as parcelas habitacionais, dos loteamentos contemporâneos, também se distinguem das anteriores, e assim sucessivamente. É esta estrutura que define as distâncias entre as diversas ocupações, entre agricultura, floresta e edificação”.<sup>8</sup> No território difuso destacam-se ainda a relevância de vilas importantes pelas suas capacidades polarizadas, ao nível industrial e de serviços. Destas evidenciam-se a vila de Pevidém e Caldas das Taipas.

b. Rio Ave nasce na Serra da Cabreira, Vieira do Minho, a uma altitude de 1200 metros, e vai desaguar no Oceano Atlântico, sendo a foz em Vila do Conde.

5. DOMINGUES, Álvaro. 1999. *Formas e Escalas da Urbanização Difusa: Interpretação e Intervenção no NO de Portugal*. Inforgeo n°14, Lisboa: Edições Colibri, p.52.

6. Dados dos Censos para a região “Médio” Ave (2011), disponíveis no site: <http://www.ine.pt>.

7. MAGALHAES, Madalena. 1984. *A Pluriatividade no Vale do Ave*, Porto, CCRN.

8. SILVA, Cidália F. 2007. *Saber ver o Difuso no Vale do Ave*, in 1st International Conference of Young Urban Researchers, ISCTE, Lisboa, p.15



--- Limites da freguesia

Amostra estudada

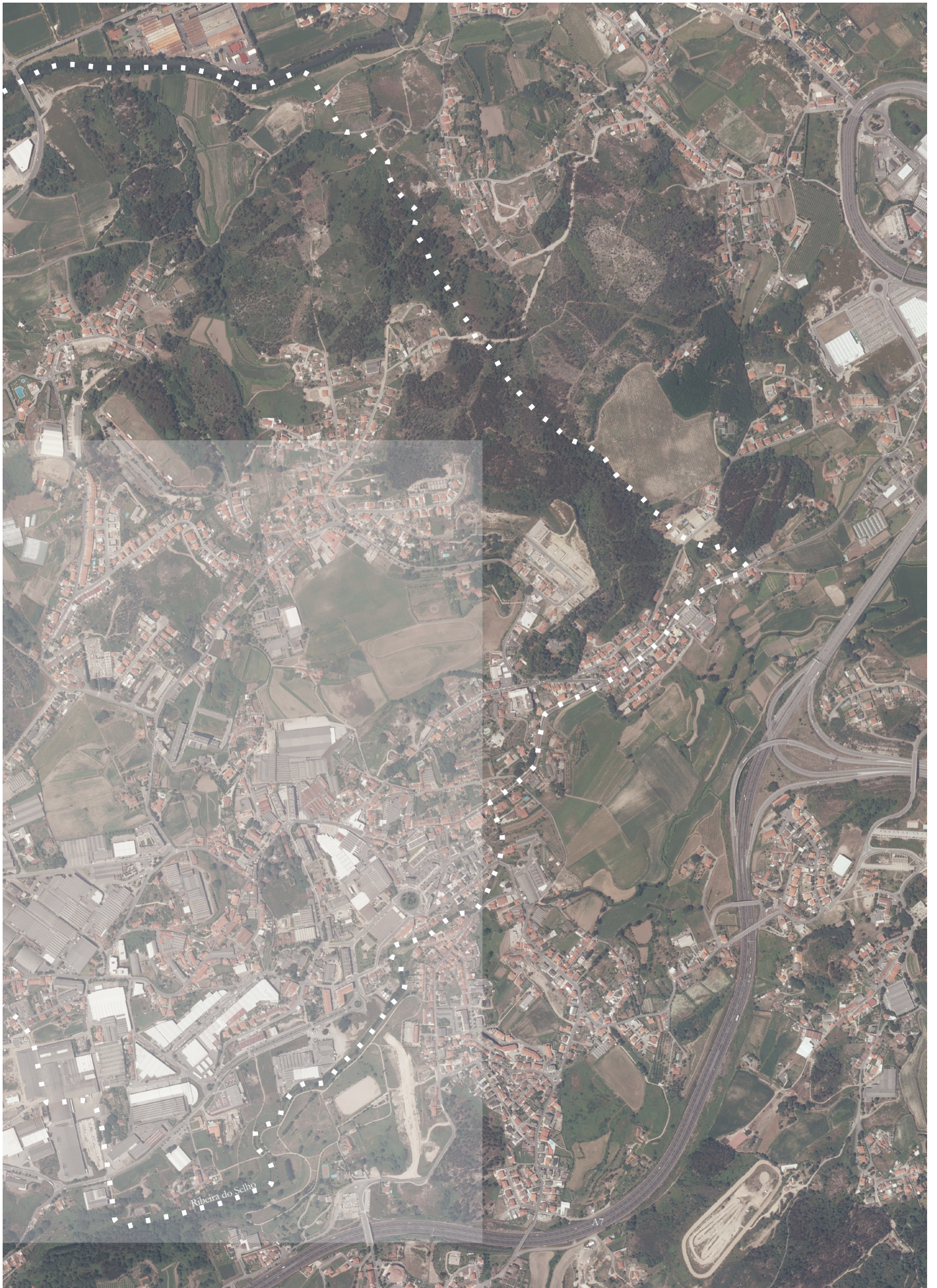


Figura 14. Vila de Pevidém | freguesia Selho S. Jorge



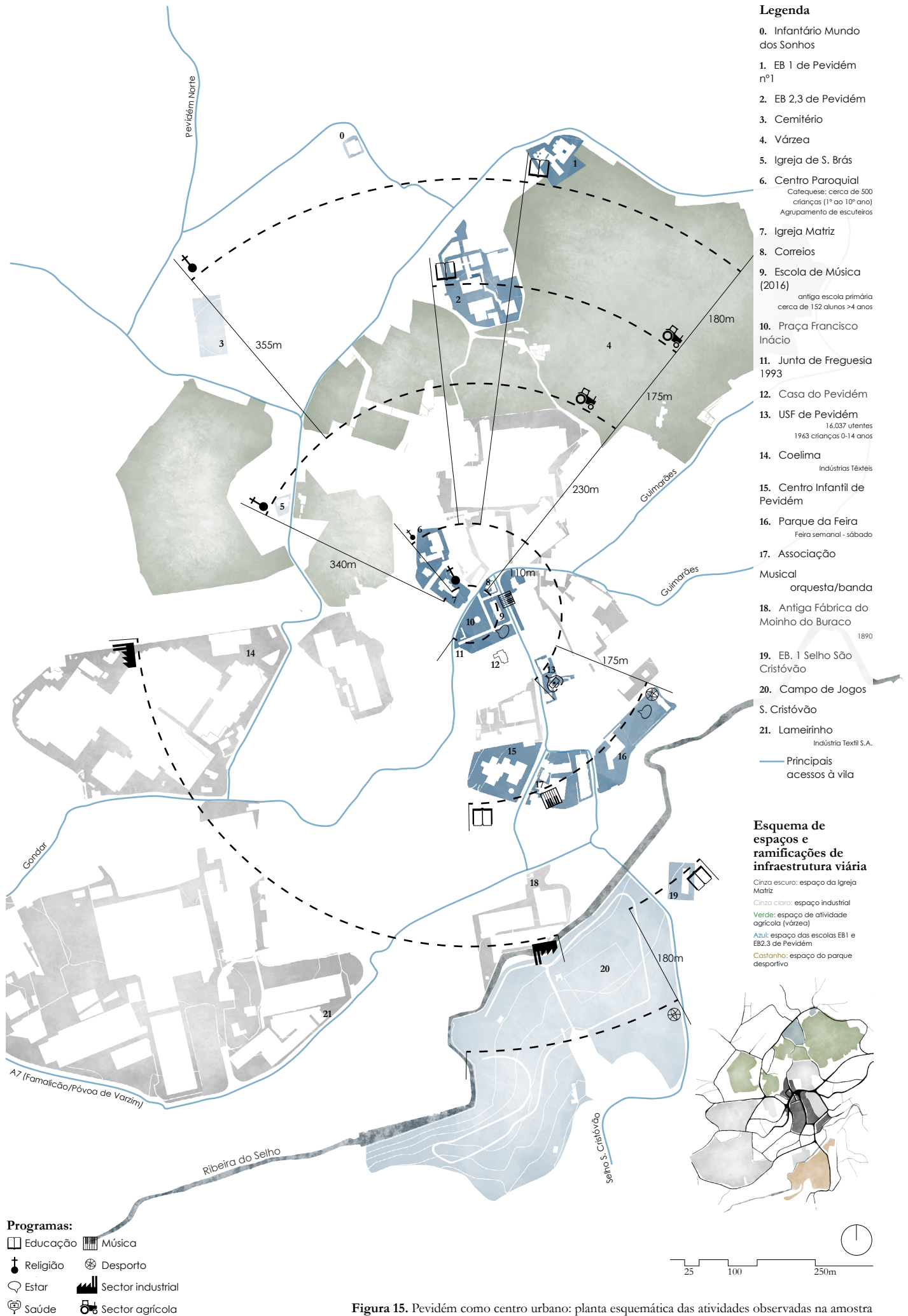


Figura 15. Pevidém como centro urbano: planta esquemática das atividades observadas na amostra

## Vila de Pevidém

*“(...) o território não é um dado, mas o resultado de diversos processos. Por um lado, modifica-se espontaneamente (...). Por outro lado, é objeto das intervenções humanas.”<sup>9</sup>*

Como lugar de ação surge a vila de Pevidém, localizada territorialmente na freguesia de São Jorge de Selho, Guimarães. Esta amostra caracteriza-se pelos diversos vínculos existentes com as freguesias envolventes, criando uma centralidade que abrange diferentes atividades e serviços públicos, servindo as várias populações (figura 15). Apesar de a freguesia ter um limite territorial, a vila de Pevidém não possui nenhuma demarcação específica.

Num vale formado pelo rio Selho, afluente do rio Ave, numa porção de território caracterizada por uma implantação urbana disseminada entre a cidade de Guimarães e a zona densa industrial, encontra-se Pevidém, no qual o ramo mais abundante corresponde à indústria têxtil, a qual representa a principal atividade económica da vila. Como parte do Vale do Ave, também reconhecido pela grande afluência do sector industrial, a vila é uma das mais reconhecidas desta área devido ao crescimento exponencial do sector da indústria local em meados do século XX.<sup>(c)</sup>

c. Primeiramente na freguesia combinava-se o cultivo agrícola com a fição e tecelagem do linho, sendo Guimarães o centro das trocas comerciais (finais séc. XIX). Posteriormente, o negócio dos tecidos em algodão aumentava, invadindo os mercados de vendas. No fim do século XIX (por volta de 1890) surge a primeira industrialização da fição do algodão na Fábrica do Moinho do Buraco em Pevidém. Assim, no início do século XX, as indústrias começaram a substituir as culturas agrícolas de cultivo, o que permitiu criar diversos postos de trabalho, durante o dia e durante a noite.

A freguesia S. Jorge de Selho foi elevada à categoria de vila em 1995, Vila de Pevidém, nome que advém de um lugar nela existente onde outrora habitou uma família da “Casa do Pevidém”. Existem diversos movimentos associativos, o que cria um centro de atividades e serviços urbanos no município. Desde atividades desportivas, clubes industriais, associações juvenis e musicais, gera-se uma agenda cultural diversificada para a comunidade. Em termos de habitantes, residem atualmente na freguesia cerca de 5625 indivíduos, dos quais 900 pertencem ao grupo etário dos 0 aos 14 anos<sup>10</sup>.

Adjacente à relação entre programas, surge o fator da mobilidade pela vila, das vias principais. A partir da zona da Igreja Matriz geram-se diversas ramificações de acesso à freguesia, tornando-se o ponto de cruzamento entre as mesmas. Vias que interligam Guimarães, Famalicão, freguesias como S. Cristóvão de Selho, como também vínculos internos (por exemplo às escolas de Pevidém; igreja de S. Brás e cemitério; parque da feira; parque desportivo).

9. CORBOZ, André. 2001. *Le Territoire comme palimpseste* in André Corboz, *Le Territoire comme palimpseste et autres essais*, Les Editions de l'Imprimeur, Paris, 1983. p.27

10. Dados dos Censos para a Freguesia de S. Jorge de Selho (2011) presentes no site <http://www.jfpevidem.pt/>

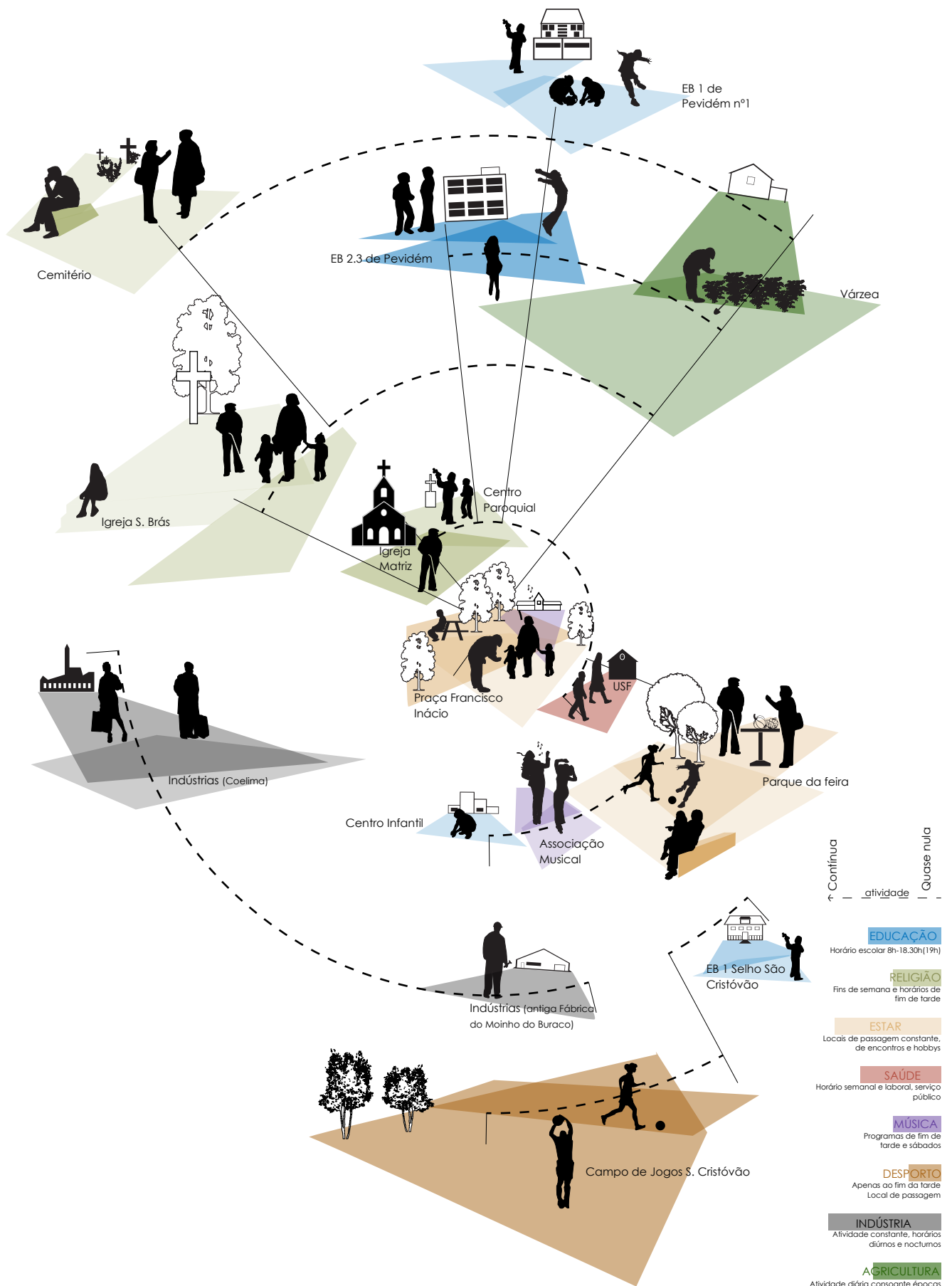


Figura 16. Atividades diárias permanentes da comunidade observadas na vila (meses: março a outubro 2018, das 8h às 20h)

d Conteúdos de interesse relativos à vida social da freguesia de Pevidém:

- variedade de programas diários para a comunidade (ex: escola de música, associações culturais, associações de trabalhadores, clubes desportivos, etc)

- serviços que atendem necessidades para com os habitantes das freguesias vizinhas (ex: USF, escola básica e feira semanal)

- agenda cultural e religiosa bastante preenchida ao longo de todo o ano civil (ex: várias festas religiosas, atividades de desporto e lazer: por exemplo caminhadas, feiras de natal, concertos de música, etc)

Deste modo, ao longo da investigação, estes aspetos e eventos serão tidos como base de análise da vila como centro urbano.

Como caso de estudo, a vila apresenta relevantes e variadas questões (d) relativas às atividades e serviços públicos que proporciona, associadas ao facto de possuir um centro urbano, que vem responder às necessidades básicas diárias das comunidades residentes.

Numa primeira análise de observação é necessário abordar o sentido da vila como espaço social vivenciado, através de movimentos e rotinas comuns de quem experimenta e habita os lugares.

Tratando-se de uma vila reconhecida pelos diversos serviços e programas que a constituem, torna-se relevante uma análise de elementos criados pela pluriatividade adjacente ao território do Ave, onde o sector industrial, o sector agrícola e outras ações complementares à indústria na habitação se relacionam, ou seja não se separam, criam uma mistura de funções. “A palavra paisagem exprime melhor um sistema articulado de relações, a co-presença de conjuntos diversos e sobrepostos, a ideologia da miscelânea e do carácter híbrido (...)”<sup>11</sup>

Como componentes que definem a vila, é refletida uma realidade imaterial que consiste nas analogias existentes entre as atividades presentes nos elementos já referidos (figura 15). A disposição e organização das partes integrantes que formam a vila de Pevidém descrevem programas diversos de serviço aos habitantes (figuras 15 e 16). No espaço da Igreja Matriz (1951) situam-se equipamentos fundamentais para a gestão da freguesia como a Junta de Freguesia, praça Francisco Inácio, Unidade de Saúde Familiar de Pevidém, Correios, Academia de Música (lições semanais), Centro Paroquial (catequese diária e agrupamento de escuteiros) e Parque da Feira (feira semanal na manhã de sábado). Adjacente a este programa de serviços públicos, surgem as restantes estruturas fundamentais. A norte da Igreja Matriz as escolas EB 2.3 e EB 1 de Pevidém, tangentes à zona agrícola mais significativa da vila: a Várzea. Já lateral ao centro, a grande massa do sector industrial, no qual se localizam empresas como Coelima e Lameirinho. Por fim, perto da ribeira do Selho que contorna parte da amostra, surge o Parque Desportivo de São Cristóvão (2013) utilizado para campo de jogos, exercício individual ou apenas uma caminhada.

11. ZARDINI, Mirko. 2005. *De la Ciudad que sube al paisaje que Avanza*, in Solà-Morales, Ignasi e Costa, Xavier (ed.). *Metrópolis*. Editorial Gustavo Gili Barcelona, páginas 205-212, p. 207 - “La palabra paisaje expresa mejor un sistema articulado de relaciones, la copresencia de conjuntos diversos y superpuestos, la idea de mezcolanza y el carácter híbrido (...) [tradução livre da autora]

Assim sendo, no conjunto intercalar dos diversos estados de atividade (entre contínua e quase nula) (figura 16) presentes nas rotinas observadas, dos movimentos gerados pelas relações existentes entre os elementos que compõem a vila, entende-se a freguesia como um centro de atividades e necessidades comuns para todos aqueles que por ela passam.

A partir das primeiras visitas de campo, em particular com base na informação recolhida na primeira visita a 4 de janeiro de 2018, com o grupo de investigação ProChild CoLab, juntamente com a Vice-Presidente da Câmara Municipal de Guimarães Dra. Adelina Pinto e a vereadora da Ação Social Dra. Paula Oliveira, descreve-se a vila de Pevidém, num passeio de carro pelos principais pontos de interesse apontados por aqueles que habitam ou reconhecem a freguesia, reconhecesse a freguesia, interage-se primeiramente com o seu funcionamento. Mais tarde, através das visitas seguintes, entende-se e representa-se a observação e análise efetuadas.

Deste modo, as figuras 15 e 16 traduzem uma vila observada e estudada em função da informação recolhida inicialmente. Estes esquemas pretendem representar uma realidade imaterial que consiste nas analogias existentes entre os vários elementos já referidos.

Como fator prático, denotam-se as rotinas diárias e horários de trabalho que definem os usos comuns funcionais dos espaços apontados. Assim, ocorre ao sábado pela manhã a feira semanal, criando o acesso pela igreja Matriz aos habitantes da freguesia ou então, pela nova passagem entre Selho S. Cristóvão e Selho S. Jorge, preenchendo a zona do parque da feira. Contudo, nos restantes dias da semana, o mesmo lugar é bastante frequentado pela comunidade, pois proporciona zonas de lazer e de estar.

Na escola de música (Associação Musical) o horário de aulas predomina ao fim da tarde, assim como alguns anos de catequese no Salão Paroquial, o que cria bastante movimento na zona da praça Francisco Inácio, causado também pelo horário escolar, fim de turnos de trabalho e horários de serviços públicos mais centrais (como os correios, a Unidade de Saúde Familiar de Pevidém, lojas comerciais, junta de Freguesia, cafés/restaurante, mini-mercado e bancos). Também na zona da igreja Matriz, decorrem os principais eventos e festas da freguesia, resumindo um local comum e reconhecido por todos os habitantes.

Ainda nas horas de fim de tarde, alguns fluxos de atividades na zona da Ribeira de Selho, mais especificamente no Parque Desportivo de São Cristóvão, com os treinos dos clubes desportivos ou atividade física.

Deste modo, através destas analogias presentes na vila, observadas, registadas e analisadas, Pevidém reflete um espaço habitado por rotinas diárias diversas, o que gera o habitar comum da freguesia.

O habitar comum é representado nas figuras 15 e 16 pelo esquema circular, o qual pretende traduzir e refletir a relação inerente entre os programas, analisando as distâncias e as ligações entre si. Na primeira figura, abordam-se as atividades consoante o espaço e a função inerente de cada serviço. Já na segunda figura, cada atividade é representada consoante o reconhecimento e investigação inicial, traduzida na vivência humana social.

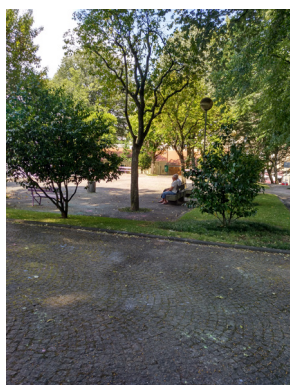
*“A space exists when one takes into consideration vectors of direction, velocities, and time variables. Thus space is composed as intersections of mobile elements. It is, in a sense, actuated by the operations that orient it, situate it, temporalize it, and make it function in a polyvalent unity of conflictual programs or contractual proximities.”*<sup>12</sup>

*Aproximação ao território* induz a investigação para a próxima fase, o próximo passo na observação. Primeiramente analisa-se um conjunto generalizado de rotinas e atividades diárias para posteriormente detalhar e aprofundar pontos de interesse, focos potencializadores.

*“Arquitetura num pequeno interior, mas também na escala territorial; sempre arquitetura nas várias escalas do projeto; sempre arquitetura que atravessa várias escalas.”*<sup>13</sup>

12. CERTEAU, Michel de. 1988. *The Practice of Everyday Life*, California: University of California Press, p. 74

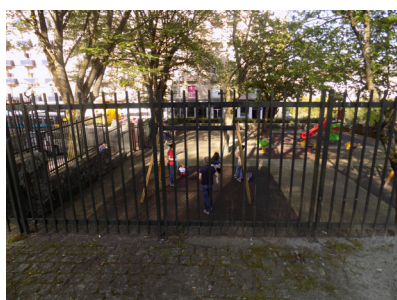
13. SILVA, Cidália F. 2007. *Saber ver o Difuso no Vale do Ave*, in 1st International Conference of Young Urban Researchers, ISCTE, Lisboa, p. 35



10:54h | 21.06.2018  
Praça Francisco Inácio



14:30h | 15.10.2018  
Parque da Feira



16:51h | 26.03.2018  
Praça Francisco Inácio



16:39h | 09.10.2018  
Praça Francisco Inácio



15:10 h | 09.10.2018  
Praça Francisco Inácio



18:38h | 19.10.2018  
Parque da Feira

Figura 17. Fotografias captadas durante as visitas de campo

## Observar de perto

*“Every story is a travel story – a spatial practice. For this reason, spatial practices concern everyday tactics, are part of them (...)”*<sup>14</sup>

Visita após visita, fotografia após fotografia, registo após registo... Os cenários repetem-se, as rotinas mantêm o seu decurso, as crianças brincam nos parques e os senhores no banco sentados partilham mais uma partida de sueca.

e. Aquela que observa, presta atenção a algo ou a alguma coisa; como método de instrução, a autora da investigação que observa vai aprender ou modificar algo.

O espaço público, local de encontros e de passagem, acolhe histórias desconhecidas aos olhos da *observadora* (e). As caminhadas por Pevidém, como elemento neutro no ciclo natural diário, permitem compreender os lugares que melhor se identificam com a vida da comunidade, com o brincar das crianças. A presença da Igreja Matriz assume um marco territorial no centro da vila, no entanto, a pequena igreja, anterior à igreja Matriz (igreja de São Brás) faz parte da memória coletiva como local de reunião comum, situada perto do cemitério da freguesia. Deste modo, esta igreja é ainda mencionada nos discursos (f) e rotinas das pessoas.

f. Pequenas conversas no adro da igreja matriz com algumas pessoas que organizavam/preparavam as festas da vila em honra a S. Jorge (29 de abril de 20) na tarde dia 26 de abril de 2018: “foi lá que batizei os meus filhos?”; “passo pela igreja para ir ao cemitério...”;

A praça Francisco Inácio, para quem observa de longe, é tida como o centro da vila. A 23 de abril celebram-se as Festas da Vila em honra a S. Jorge, reunindo a comunidade para a celebração na praça, com diversas atividades e espetáculos. Durante a investigação observada, este espaço carecia de atividade, de pessoas, de vida. Com decorrer dos percursos realizados, denota-se uma ligeira deslocação da ação central para um espaço distinto: o parque da feira.

Num lugar amplo, repleto de programas diversos (feira semanal, campo de jogos, parque infantil, espaço verde com mesas de piquenique, bancos de jardim, cafés circundantes, entre outros serviços) o parque da feira onde os amigos da sueca se reúnem no fim de almoço, as crianças chegam da escola e combinam um pequeno torneio de futebol, os funcionários dos estabelecimentos locais aproveitam a sua pausa da tarde, os amigos de infância encontram-se para um café antes do ginásio. As histórias vão cruzando os seus decursos pessoais, e a *observadora* permanece imparcial ao acontecimento geral ininterrupto em seu redor.

14. CERTEAU, Michel de, *op. cit.*, p. 115



*“Stories thus carry out a labor that constantly transforms places into spaces as spaces into places”.*<sup>15</sup>

Do processo contínuo inicial surge uma questão necessária para a compreensão da vivência das crianças em Pevidém, a qual consiste na percepção dos espaços projetados ou pensados em função do habitar da criança.

*“It is especially in ‘public’ areas that you come into contact with others, who are doing different things, and it is there that you are confronted with a larger world than that of your classroom or school, or your particular section of a school.”*<sup>16</sup>

No espaço comum habitado percebem-se padrões constantes do contacto com crianças: os locais de passagem, paragem e atividade. Nesta abordagem, distinguem-se três espaços principais: **o espaço da vila** (serviços públicos, comércio, atividades extracurriculares, religião), **o espaço da escola** (ocupação principal diária da criança pevidense, encontro com amigos, passagem do tempo) e **o espaço do parque** (parques infantis que correspondem ao lugar exterior mais cobiçado pelas crianças, com equipamentos que proporcionam o brincar).

De um modo geral, a rotina diária de uma criança pevidense pratica a seguinte ordem de ações:



Entre cada uma das três atividades encontram-se os **tempos livres** no sentido de programa (ou seja, espaços de tempo entre tarefas delineadas), libertos de um plano previamente definido, o espaço no qual a criança cria o seu próprio conhecimento através do agir num determinado lugar. Nos momentos intercalares de espera pela próxima ação, o sujeito percorre pela vila, com passos livres e intuitivos, atuando sob o meio que o envolve, as pessoas por quem passa.

15. *Idem*, p. 118

16. HERTZBERGER, Herman. 2008. *Space and Learning: lessons in architecture 3*, 010 Publishers, Rotterdam, p. 3

Na teoria do psicólogo suíço Jean Piaget, *Teoria do Construtivismo*, Piaget afirma “*conhecer não consiste, (...) em copiar o real, mas em agir sobre ele e transformá-lo*”.<sup>17</sup> Partindo do princípio que ocorre uma analogia entre o sujeito e o lugar, o autor defende que o primeiro produz o conhecimento através de um projeto pessoal e íntimo, recolhendo e absorvendo as ações que o envolvem, para assim assimilar novos saberes e novas experiências.

As três categorias identificadas pela *observadora*, vila, escola e parque, surgem unicamente como base de trabalho para relacionar e analisar a necessidade de aprender a partir da interação com o mundo e a relação imediata entre o movimento espontâneo e o sítio.

O intuito constante da investigação direciona a *observadora* para a criança, no entanto, também nestes três espaços referidos, é abordado o dia-a-dia da comunidade pevidense em geral.

Neste primeiro reconhecimento aborda-se a mudança e a adaptação de um espaço comum, trabalham-se as diversas ligações e respectivos cruzamentos existentes nos instrumentos de ação que são refletidos na relação sujeito-lugar, assinalando o meio que envolve cada área da vila, como os campos agrícolas e respetiva atividade, sector industrial e a influência do horário laboral e ainda os atalhos e carreiros apropriados aos hábitos. Rotinas observadas, para assim ser possível reconhecer os hábitos e costumes existentes num espaço comum, na vila de Pevidém.

“(...) *everyone can have a particular domain in which he belongs, (...)*”<sup>18</sup>

Deste modo, observando e adquirindo o entendimento necessário para conseguir estabelecer uma resposta para a investigação, com base no pensamento perceptível sobre a vivência da comunidade em Pevidém, como uma necessidade básica nas rotinas do crescimento e nas atmosferas comuns do habitar, o ato de **observar** permite estabelecer um recuo na investigação para conseguir, após este estudo inicial, aproximar e passar da observação neutra à observação presente.

17. PIAGET, J. 1996. *Biologia e conhecimento: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos*, Petrópolis, Vozes, p.15

18. HERTZBERGER, Herman. 2008. *Space and Learning: lessons in architecture 3*, 010 Publishers, Rotterdam, p. 3

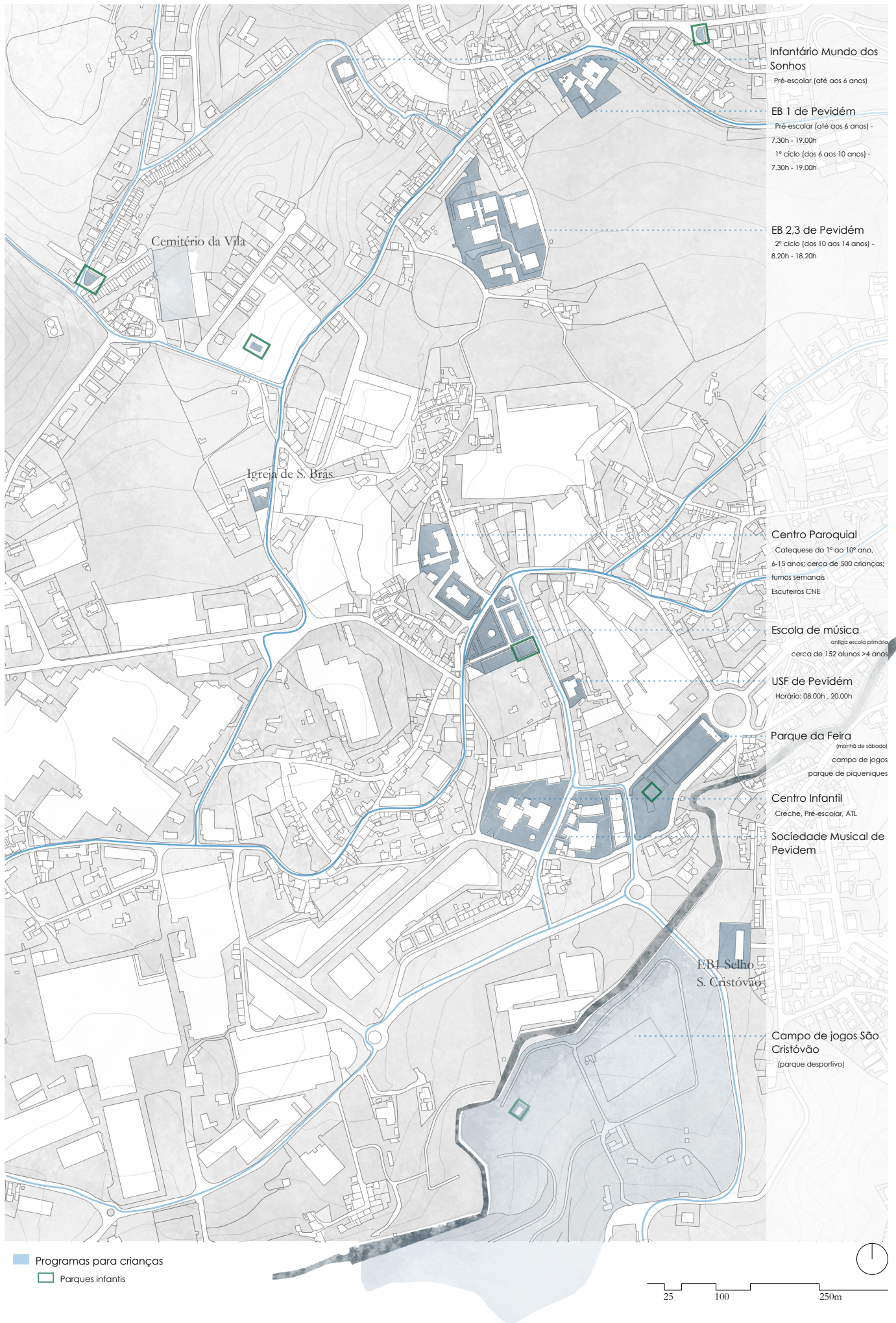


Figura 18. O espaço da vila habitado pelas crianças

## o espaço da vila

No conjunto urbano da vila destacam-se quatro zonas de maior afluência no que diz respeito aos tempos das crianças: as escolas primária e básica, a zona da Igreja Matriz, o espaço da feira e o parque desportivo. Exteriormente a estas áreas encontram-se ainda a igreja de S. Brás e o cemitério da freguesia.

Todos estes espaços possuem programas que respondem às rotinas diárias dos habitantes, como também das crianças. No hábito diário de uma criança em Pevidém, partindo do princípio de observação distante, os tempos entre ações remetem para o brincar de modo livre, com tempo limitado. Ou seja, como horário escolar ocupa grande parte do dia comum de uma criança (08.00h até às 18.30h), os tempos entre programas (por exemplo o intervalo de tempo entre escola e a catequese) ou entre ações (como entre as aulas: intervalos e hora de almoço) refletem os espaços sobre os quais a criança vivencia e usufrui do espaço. Já no caso de um adulto empregado, a maioria dos espaços de tempo são ocupados com planos previamente definidos, com objetivos rígidos. Através da observação, percebem-se o recurso a serviços públicos por marcação, como o USF, ou os encontros ao fim do dia com os amigos no café, ou ainda a hora de ir buscar os filhos à escola. Ainda nesta primeira fase de observação, algumas pessoas, já com alguma idade, marcam uma presença constante pela vila e nos seus espaços públicos. Os passeios na praça Francisco Inácio, onde conversam nos bancos, ou na paragem de autocarro, ou então os jogos de cartas a meio da tarde no parque da feira, nas mesas de piquenique.

Nestas relações constantes entre a vila e o hábito diário descobrem-se fatores que influenciam as opções de cada indivíduo. No entanto, em relação às atividades da criança, as horas neutras (g) permitem a liberdade de ação de modo autónomo pelos percursos e programas de Pevidém, ações próprias e espontâneas de cada um, que permitem ao sujeito uma melhor compreensão do que o rodeia.

Como *observação imparcial*, denota-se que a cada zona destacada corresponde pelo menos um parque infantil. Assim é salientada a presença constante de crianças no local, nas suas pausas no baloiço, deslizando pelo escorrega e retornando à fila para as escadas. Na figura 19 são também assinalados os programas inerentes ao dia-a-dia em Pevidém, como as lições de música, as consultas médicas, o infantário, a catequese, os escuteiros e o desporto.

g. Horas neutras traduzidas como intervalos de tempo sem programa previamente definido, intervalos de espera entre atividades agendadas, por exemplo o espaço de tempo entre a escola e a catequese, ou então entre o almoço e a primeira aula da tarde.

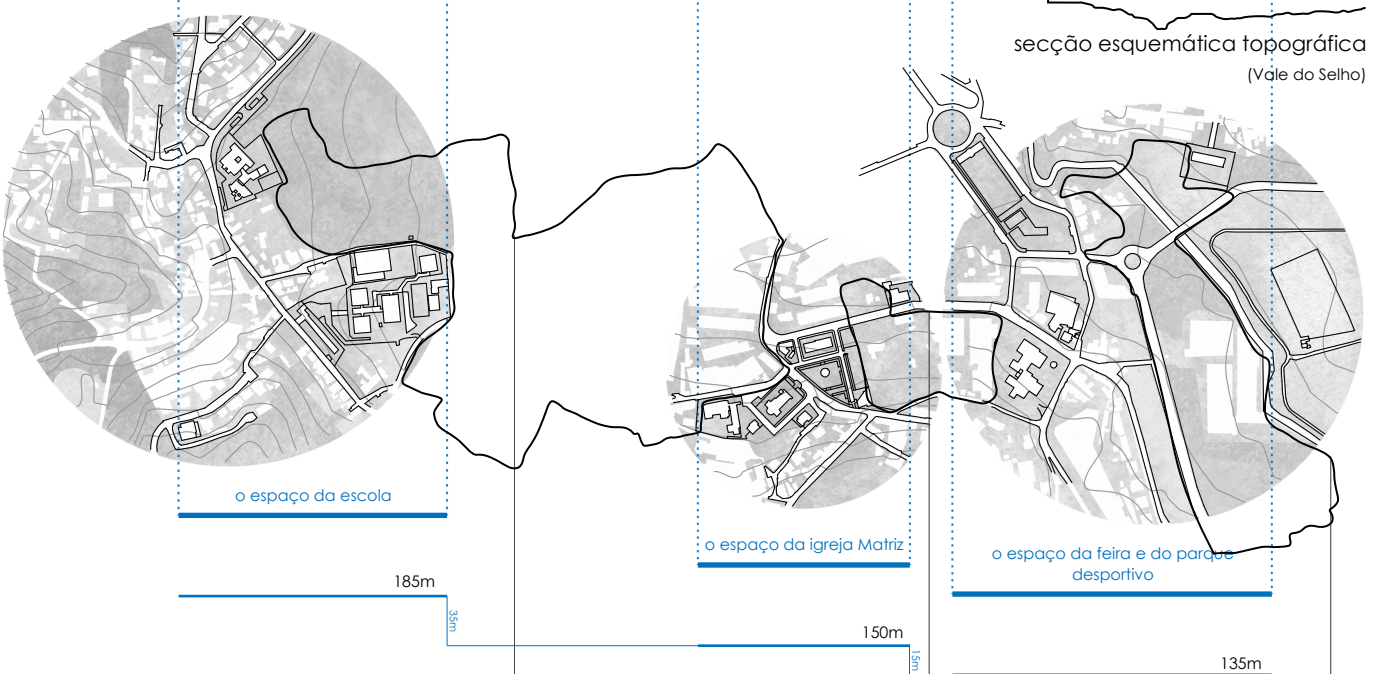
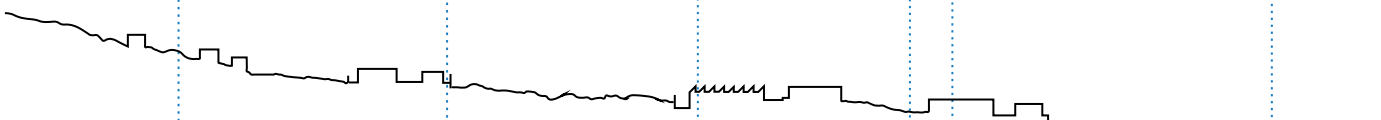
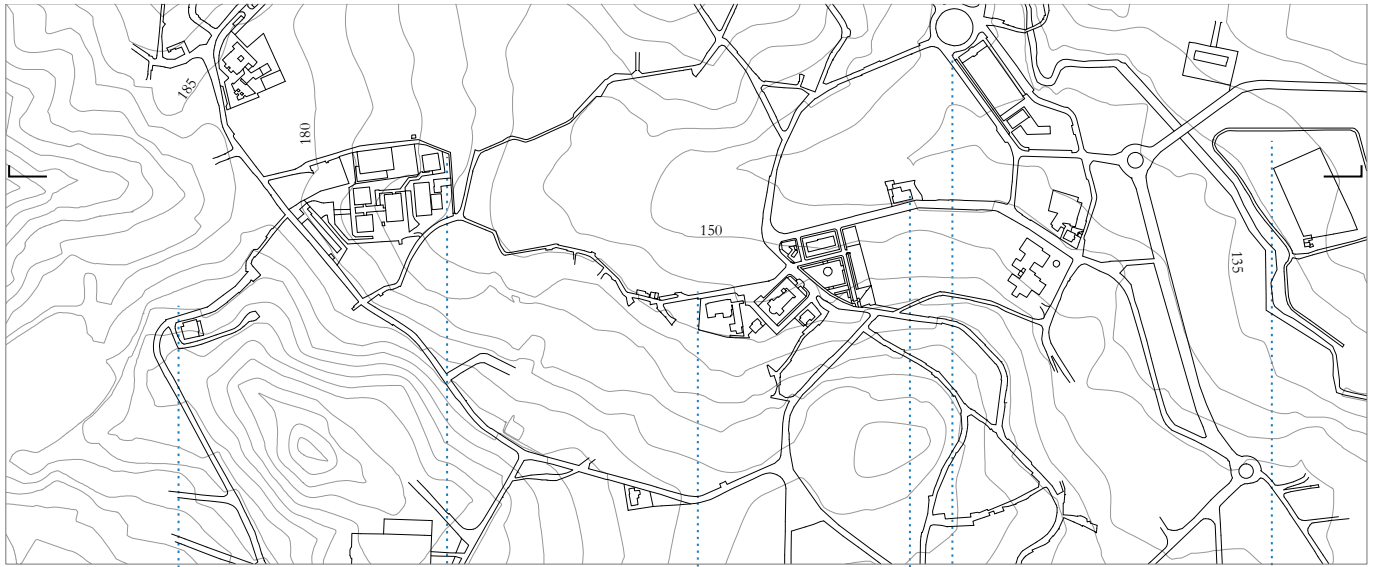


Figura 19. Topografias como organizadoras de programa

Com base na análise generalizada da vila, o fator topográfico surge como tema potencializador de ação. As zonas indicadas anteriormente (escolas, igreja matriz, parque da feira e parque desportivo) encontram-se, de um modo peculiar, dispostas por cotas distintas. As escolas situam-se num dos locais mais elevados da freguesia, a partir do qual é possível visualizar a paisagem existente. Já a zona da igreja matriz localiza-se a 35 metros a baixo das escolas, num lugar bastante movimentado devido à interseção de várias direções e arruamentos. Bastante próximo desta área encontram-se o parque da feira e, do outro lado da ribeira, o parque desportivo. Ambos estão aproximadamente 15 metros a baixo da igreja matriz, traduzindo assim o lugar mais baixo da vila devido à relação com a ribeira do Selho.

Através desta reflexão, com fundamento na figura 19, percebe-se o Vale do Selho, onde se situa Pevidém, detendo cotas descendentes de norte para sul. A **topografia** como potencializadora da ação sobre a vila reflete na relação entre os três conjuntos de programas assinalados, nos espaços intermédios, no entre cada atividade. Desta forma, abordando a ligação entre as áreas, percebem-se problemáticas de divisão/exceção das atividades.

No espaço das escolas, a grande massa de campos agrícolas em volta (várzea agrícola), sem conexão ou relação com as restantes áreas envolventes, acaba por definir uma barreira entre as variadas ações, necessitando de elementos de ligação ou continuidade, neste caso entre as escolas básica e primária, e na sucessão da zona da igreja matriz. Adjacente a estes fatores, ainda no mesmo local, indústrias abandonadas, algumas apropriadas para armazéns, terrenos baldios com vegetação dispersa, refletem a escassa coesão na relação topográfica entre as várias cotas. Relativamente ao espaço da igreja matriz, a densa massa urbana impede alguma fluidez espacial necessária, pois trata-se de um lugar bastante frequentado pela comunidade, no qual existem também alguns terrenos baldios ou locais abandonados, que poderiam eventualmente potencializar o espaço da praça Francisco Inácio e da igreja Matriz. Em continuidade, o parque da feira e parque desportivo, lugares que abrangem variados temas, principalmente na relação com a ribeira, neste caso, diminuta. A ribeira do Selho incentiva a potencialização do local, como também estimula uma continuidade atualmente nula com a zona da igreja matriz.

Deste modo, analisando estratégias interpretativas de ação, a **topografia** programática passaria de problema para recurso ou **meio de avivar as rotinas diárias comuns**.

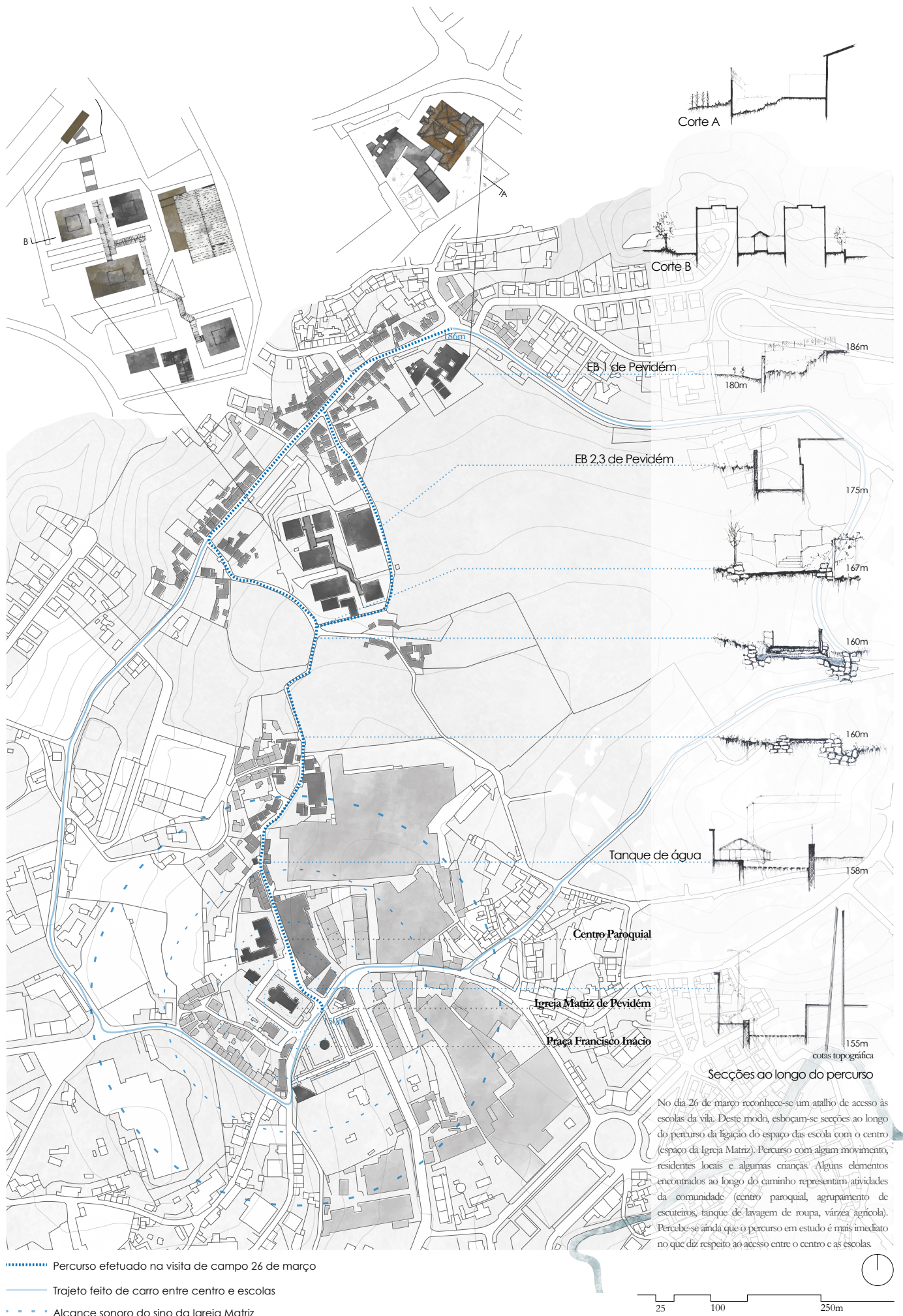


Figura 20. O espaço da escola e a sua relação com a vila

## o espaço da escola

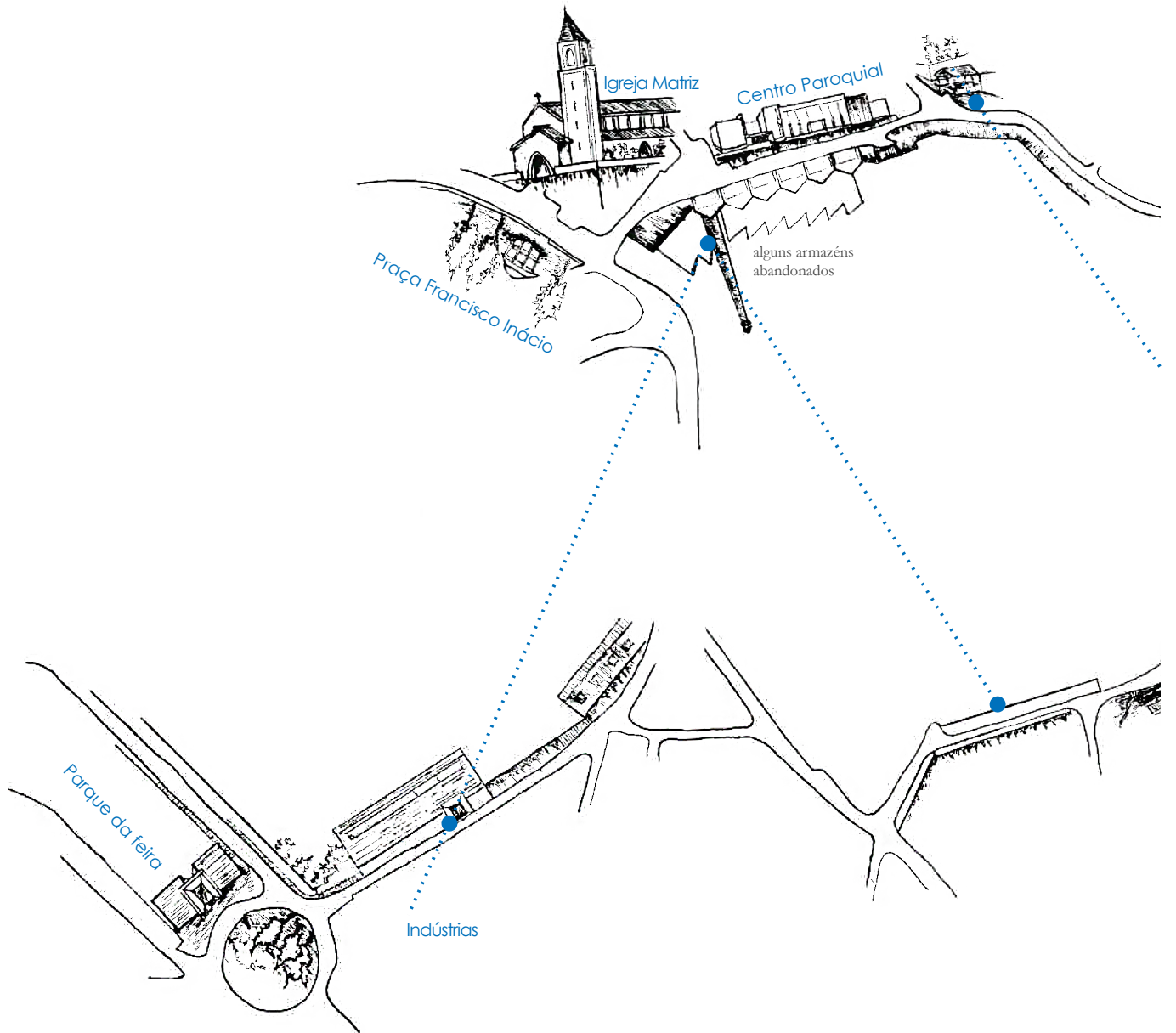
A escola é a principal rotina, a que mais horas do dia ocupa, para as crianças de Pevidém. A chegada pela manhã, o encontro no portão com os amigos, a ida para sala. Torna-se num espaço cíclico diário.

Situadas num local com uma topografia elevada (cota 180/185m) em relação ao resto da vila (cota média 150m), as escolas distanciam-se por 250 metros e o acesso principal é realizado pela Rua da Circunvalação (cerca de 4 minutos de carro até à zona da Igreja Matriz). Através da observação pelo exterior, percebe-se o dimensionamento dos edifícios escolares e do espaço de recreio (do construído e não construído). A escola básica EB 2,3 de Pevidém, desde o momento em que os portões abrem (8h) recebe os estudantes, com pressas e correrias. Do lado de fora apenas se vê a vegetação abundante e densa que proporciona bastante sombra e os pavilhões geométricos com cerca de dois pisos. Os limites que definem esta área são definidos por muros altos (aproximadamente 2,5 metros) e rígidos, tangentes à várzea. O espaço exterior reflete o negativo do desenho dos pavilhões existentes.

Prosseguindo pela rua, surge a escola primária EB1 de Pevidém nº1, que apresenta dois edifícios distintos: o mais antigo com dois pisos (1996); o mais recente (2010) apenas com um piso e com uma forma mais irregular. Apesar de também ser delimitada por muros (com uma altura de 1,2 metros de muro e cerca de 1 metro de vedação), da rua é possível perceber o espaço da escola, observar o tempo do recreio com crianças correndo em círculos, as risadas e breves gritos de entusiasmo. Nas traseiras, voltado para a várzea, um campo de jogos e um parque de diversões.

Durante a segunda visita de campo (26.03.2018) como *observadora*, desvenda-se um pequeno percurso (rua do Montenegro) com cerca de 1km de extensão (15 minutos a pé) que liga a Igreja Matriz às escolas e assim surge o impulso de o percorrer (figura 20). Já no caminho, percebem-se algumas particularidades inerentes ao atalho. Por conseguinte, procedeu-se à caracterização do percurso através de secções com o objetivo de evidenciar os traços que mais cativaram pois, mais tarde, poderão vir a fortalecer esta relação entre centro-escolas (fabrica abandonada, tanque de roupa, campos agrícolas com riacho, muro da escola e do campo, parque de estacionamento desaparecido). Na zona dos campos agrícolas, o sino da torre da Igreja Matriz escuta-se de longe, alcançando mesmo as escolas de Pevidém, produzindo um espaço sonoro comum a todos os habitantes (figura 20).





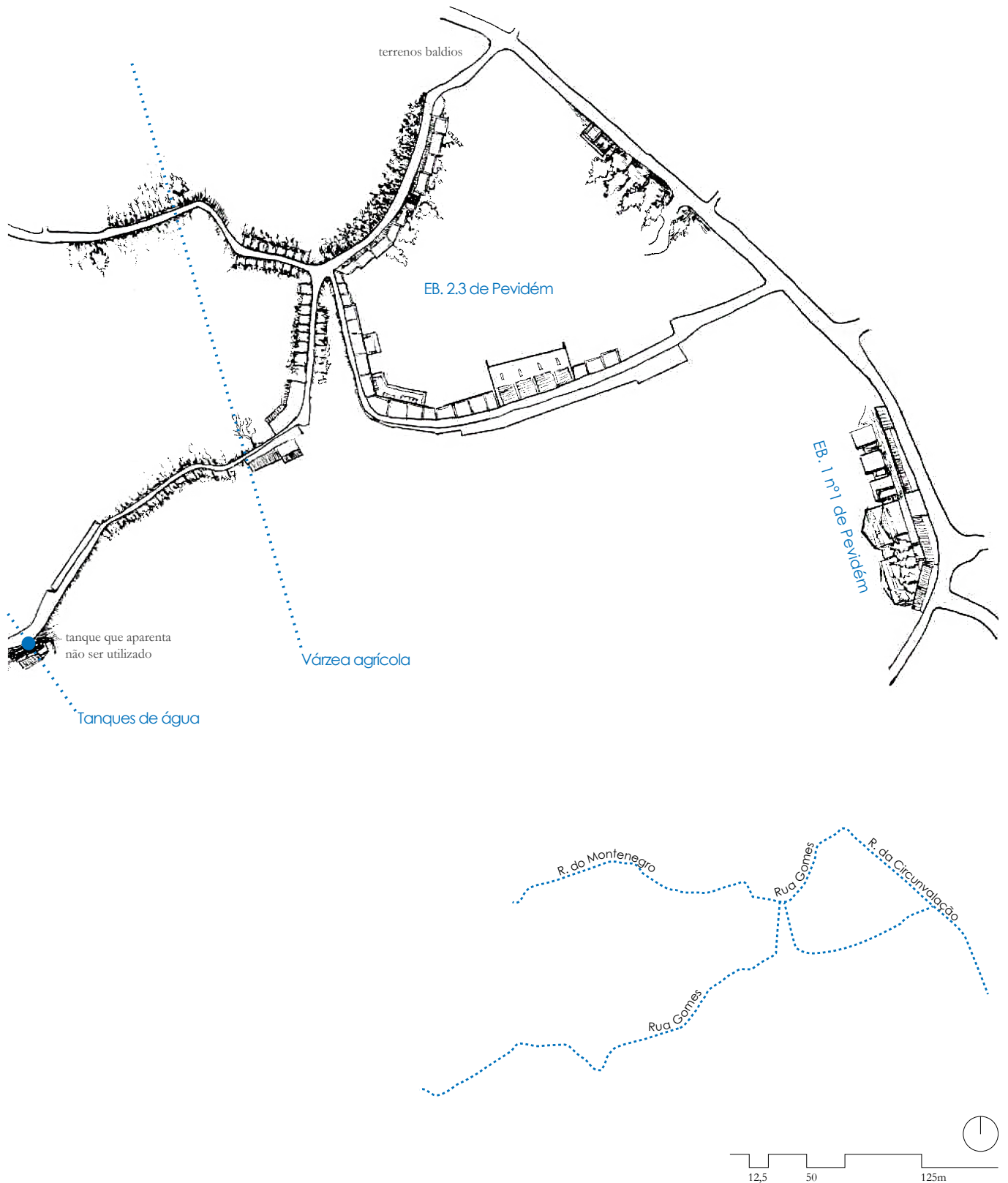


Figura 21. Ilustração das ligações e relações entre o espaço das escolas e os espaços da Igreja Matriz e parque da feira

Cada detalhe observado e recolhido traduz o caráter do caminhar pela envolvente, passando por vários níveis e estados de ação, para assim redescobrir o espaço da escola conformando o modo de *observar*.

*“If enough walls have been torn down within the outer walls of a school, creating a transparent learning environment, the next challenge is to extend this transparency outside the school, to promote greater social cohesion in a wider context.”*<sup>19</sup>

O espaço da escola carece de conformidade mais direta com o resto da vila. Os edifícios encontram-se voltados para o lado oposto às zonas mais frequentadas pela comunidade. O atalho abordado permite um acesso direto ao espaço da igreja matriz, no entanto necessita de valorização e entendimento comum. Um outro atalho (rua Gomes) existente, também de acesso às escolas (figura 21), cria ligação entre as mesmas e a rotunda do parque da feira. Semelhante ao primeiro, estende-se pela várzea agrícola, passando pelas traseiras da fábrica abandonada, terminando na rua Dr. Guilherme Augusto e, posteriormente, na rotunda.

Ambos os percursos refletem ligações propícias no que diz respeito ao espaço da escola e à sua influência para com a vila de Pevidém. Na figura 21 são apontados os vários elementos que, apesar de alguns traduzirem questões de abandono, baldio ou inutilizado, possibilitam o fortalecimento e enriquecimento dos percursos diários, da fluidez espacial entre as escolas e o espaço da vila envolvente.

Refletindo cada possível **fator de valorização**, surgem **semelhanças analógicas** inerentes a vários elementos durante os trajetos. Na direção norte – sul (escolas – espaços da vila), os campos agrícolas permitem uma visualização ampla sobre a área envolvente, sendo ainda possível observar as escolas, uma paisagem abrangente. Os trajetos são estreitos e alguns campos de cultivo possuem nos seus limites vinhas, reforçando as direções dos arruamentos com muros de pedra tradicionais. Posteriormente surge uma particularidade inesperada e singular, os tanques de água que são comuns aos dois percursos, ou seja, após a várzea, ambas as ruas possuem um tanque, sendo um deles (rua do Montenegro) mais estável que o outro, no entanto evidenciam propósitos distintos. O equipamento da rua do Montenegro, situando-se circundado por habitações, remete para a lavagem de roupa, enquanto que o segundo da rua Gomes está tangente a hortas agrícolas e ainda apresenta um sistema singular de passagem da água, suspeita-se que para rega das áreas de cultivo.

19. *Idem*, p. 4

Adjacente a estes elementos, as indústrias (já referidas no espaço da vila), algumas abandonadas, outras funcionam como armazém, delimitam a passagem da várzea para a rua Central (com bastante movimento) que liga a vila à cidade de Guimarães. Nesta fase do trajeto revelam-se as rotinas movimentadas, os serviços públicos e espaços comerciais, o lazer e o estar.

O percurso da rua do Montenegro termina na praça Francisco Inácio, no espaço da igreja matriz. Assim entende-se este trajeto como uma ligação entre a escola (o espaço de brincar, estar, estudar, aprender) e a praça pública (o espaço de estar, esperar, encontrar e brincar). Os 15 minutos percorridos são traduzidos em vários componentes essenciais e necessários para a passagem da cota da escola para o espaço da igreja matriz, partes integrantes de uma harmonia necessária para as rotinas diárias, necessitando apenas de uma observação e reconhecimento distinto.

Em relação ao trajeto da rua Gomes para chegar à rotunda do parque da feira, chega-se à rua central e contorna-se a fábrica J. Pereira Fernandes, avistando a vegetação da rotunda. Assim alcançasse o parque da feira, um lugar amplo, distinto dos espaços encontrados anteriormente no percurso. Um espaço de estar, com habitações em volta, onde permanece um estado de serenidade perdurável.

Nesta reflexão pretende-se justificar o espaço da escola na vila, na medida em que o mesmo está refletido nas diversas rotinas, principalmente das crianças, no seu dia-a-dia comum. Ir para a escola, estar nas aulas, vir da escola. *De onde vão e para onde vão? Que ligação criam e qual o significado do espaço da escola para as crianças?* A escola remete para o segundo estado mais abundante nos seus dias comuns, e assim torna-se essencial perceber os significados deste espaço, tão presente na rotina da criança, refletidos na vila onde residem, nos restantes espaços em que habitam, aprofundando assim a sua relação mais direta refletida nos **percursos**.

*“The opacity of the body in movement, gesticulating, walking, taking its pleasure, is what indefinitely organizes a here in relation to an abroad, a “familiarity” in relation to a ‘foreignness’.”*<sup>20</sup>

20. CERTEAU, Michel de, *op. cit.*, p. 130



Parque infantil Urbanização da Lapa



Parque infantil Rua do Souro de Cirna



Parque infantil Rua da Saudade



Parque infantil praça Francisco Inácio



Parque infantil r. João Pereira Fernandes

Figura 22. Fotografias dos parques infantis de Pevidém

## o espaço do parque

Para reconhecer a rotina da criança de Pevidém, na procura dos espaços por ela habitados, surgem os **parques infantis**, locais desenhados para a ação de brincar.

Na vila existem cinco parques infantis, localizados junto a habitações ou praças públicas. Existe ainda um outro equipamento infantil situado no Parque Desportivo de S. Cristóvão. A disposição dos mesmos cria uma relação direta com os espaços públicos em volta: Cemitério da vila e Igreja de S. Brás – Parque Infantil Rua Souto de Cima e Parque Infantil Rua da Saudade; Escolas EB2.3, EB1 e infantário Mundo os Sonhos – Parque Infantil Urbanização da Lapa; Praça Francisco Inácio e Igreja Matriz – Parque Infantil da Praça; Zona da Feira – Parque Infantil R. João Pereira Fernandes.

Para proceder à compreensão da atividade proporcionada por cada um dos espaços, o arquiteto holandês Aldo Van Eyck, que dedicou parte da sua carreira na conceção de uma rede de cerca de setenta *playgrounds* na cidade de Amesterdão, surge como referência de ação sobre os parques infantis. Van Eyck tinha como objetivo conceber “algo para a criança humana mais permanente do que a neve - se talvez menos abundante”<sup>21</sup>, criando liberdade nos movimentos e descobertas entre a arquitetura da cidade. Apesar da escala, os diversos *playgrounds* “foram ações no espaço ocorrendo onde e quando necessário”.<sup>22</sup> Os cinco parques infantis de Pevidém resultam de uma regra geral comum aos espaços nas cidades que são criados para as crianças através, por vezes, da pré-fabricação dos elementos a utilizar. Recorre-se a uma programação pré-definida dos equipamentos a colocar e como devem ser utilizados. Contrariamente a este conceito de predefinição de espaços, Van Eyck pretendia projetar uma atmosfera habitável com base nas vivências humanas quotidianas.

O objetivo principal do arquiteto consistia em “transformar os locais da cidade remanescentes de pontos cegos numa realidade inexplicável”.<sup>23</sup> Como base, uma arquitetura que servisse a atividade humana e que promovesse uma interação social. Assim, traçou um suporte de trabalho através de formas geométricas (h) para definir cada objeto presente nos *playgrounds*.

h. Desde caixas de areia circunscritas num contorno em betão, blocos em formato circular, estruturas metálicas curvas e retas, elementos naturais (como árvores) e bancos geometrizados.

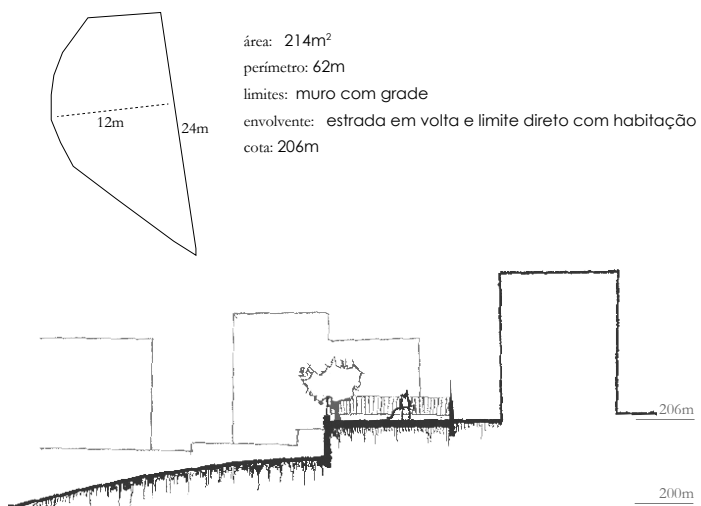
21. LIGTELIJN, Vincent; STRAUVEN, Francis. (2008). *op. cit.*, p. 25, “something for the human child more permanente than snow – if perhaps less abundant.” [tradução da autora]

22. LEFAIVRE, Liane; TZONIS, Alexander. 1999. *Aldo van Eyck, humanist rebel – inbetweening in a post-war world*. Rotterdam: 010 Publishers, p. 54, “were actions in space occurring where and when needed” [tradução da autora]

23. *Idem*, p. 17, “Van Eyck’s achievement was to transform leftover city sites from ‘blind spots’ on a city map into what a contemporary and sympathetically inclined critic, Jonh Voelcker, called ‘an inescapable reality.’” [parafraseado]

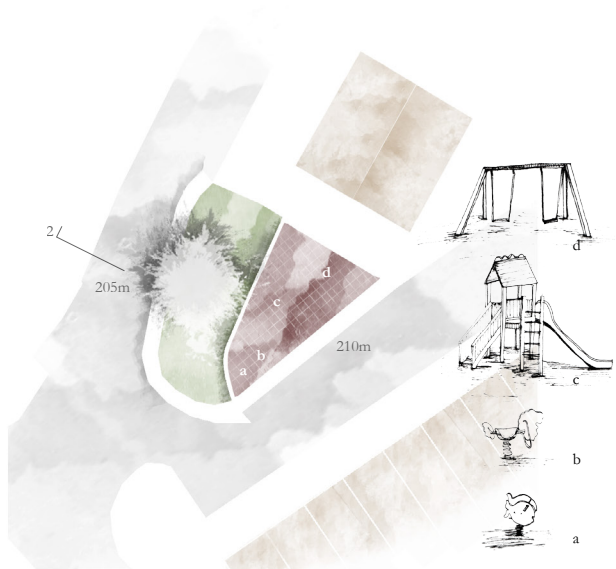


1. Parque infantil Urbanização da Lapa

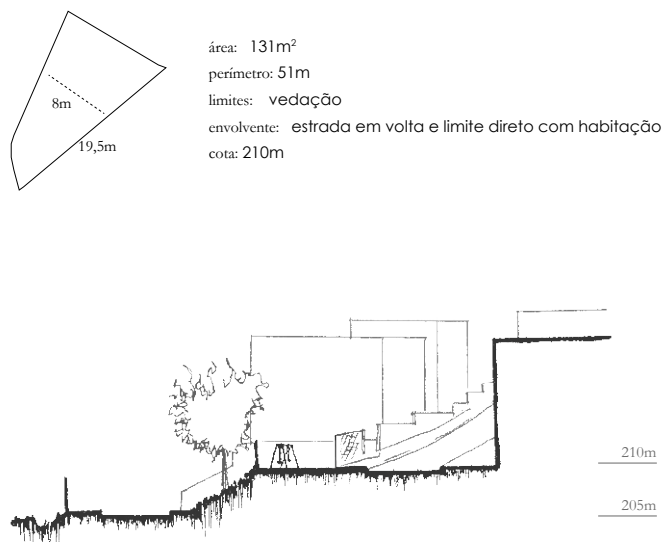


área: 214m<sup>2</sup>  
 perímetro: 62m  
 limites: muro com grade  
 envolvente: estrada em volta e limite direto com habitação  
 cota: 206m

Secção esquemática 1

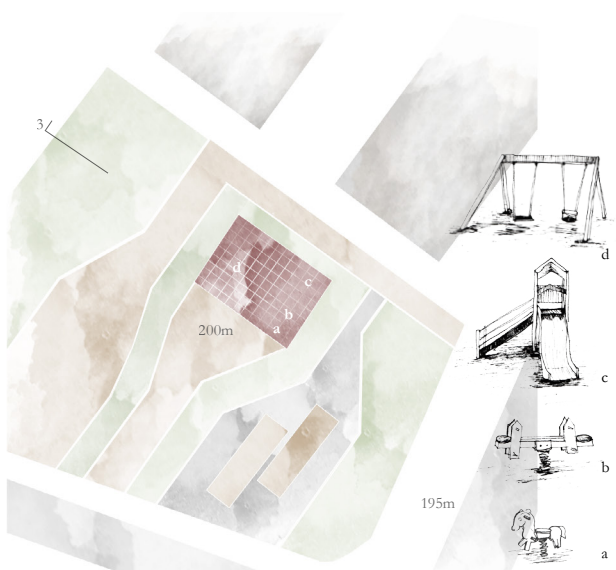


2. Parque infantil Rua do Souto de Cima

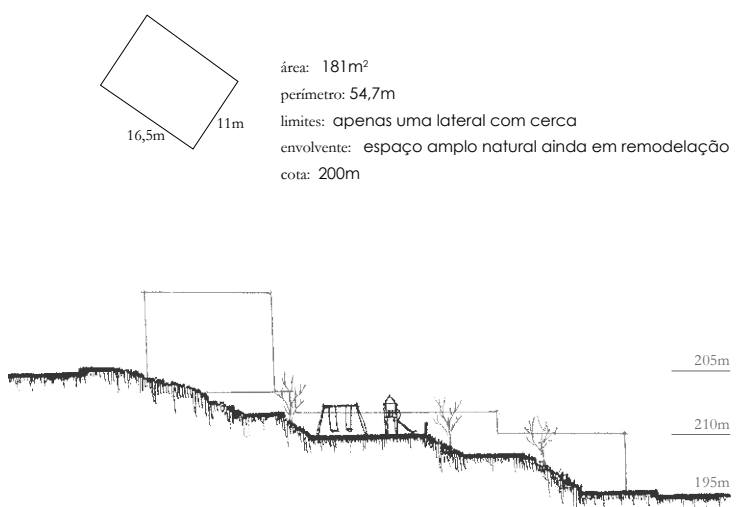


área: 131m<sup>2</sup>  
 perímetro: 51m  
 limites: vedação  
 envolvente: estrada em volta e limite direto com habitação  
 cota: 210m

Secção esquemática 2

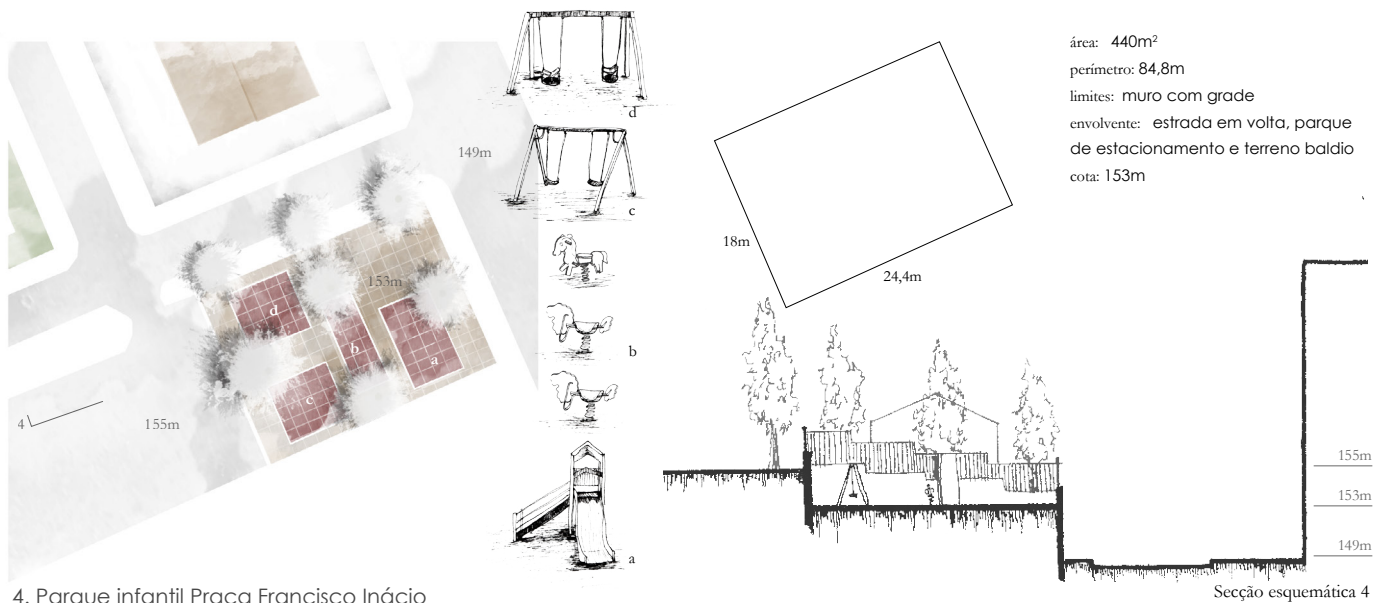


3. Parque infantil Rua da Saudade

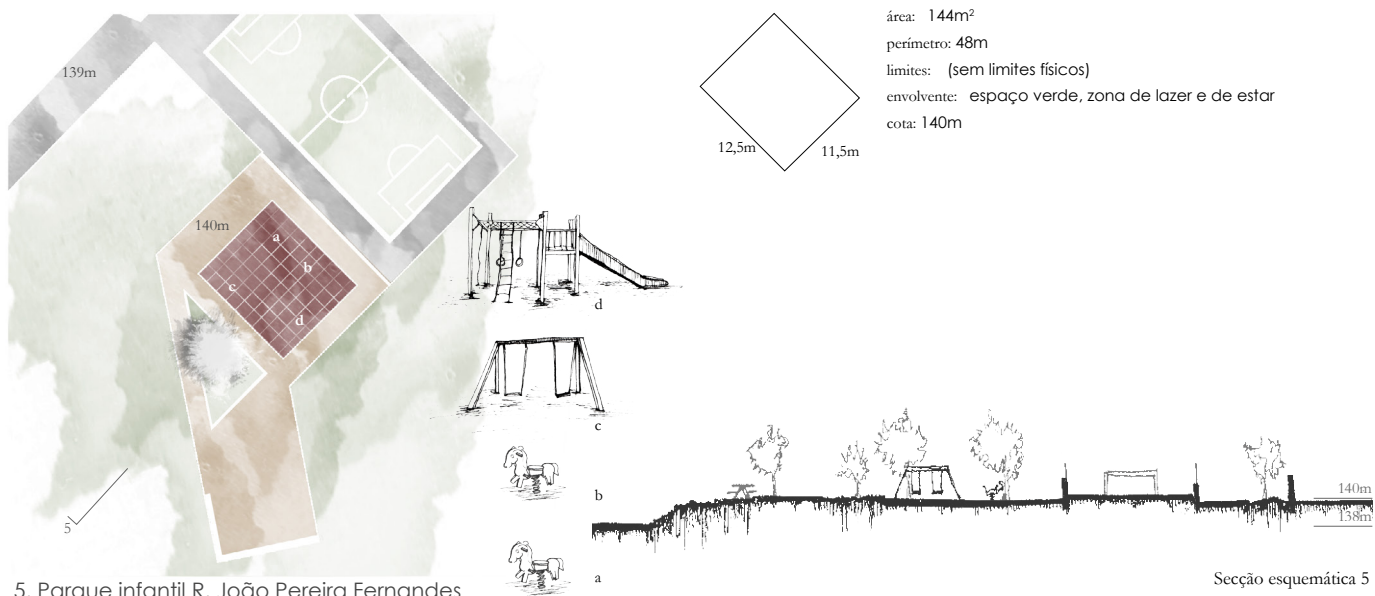


área: 181m<sup>2</sup>  
 perímetro: 54,7m  
 limites: apenas uma lateral com cerca  
 envolvente: espaço amplo natural ainda em remodelação  
 cota: 200m

Secção esquemática 3



4. Parque infantil Praça Francisco Inácio



5. Parque infantil R. João Pereira Fernandes

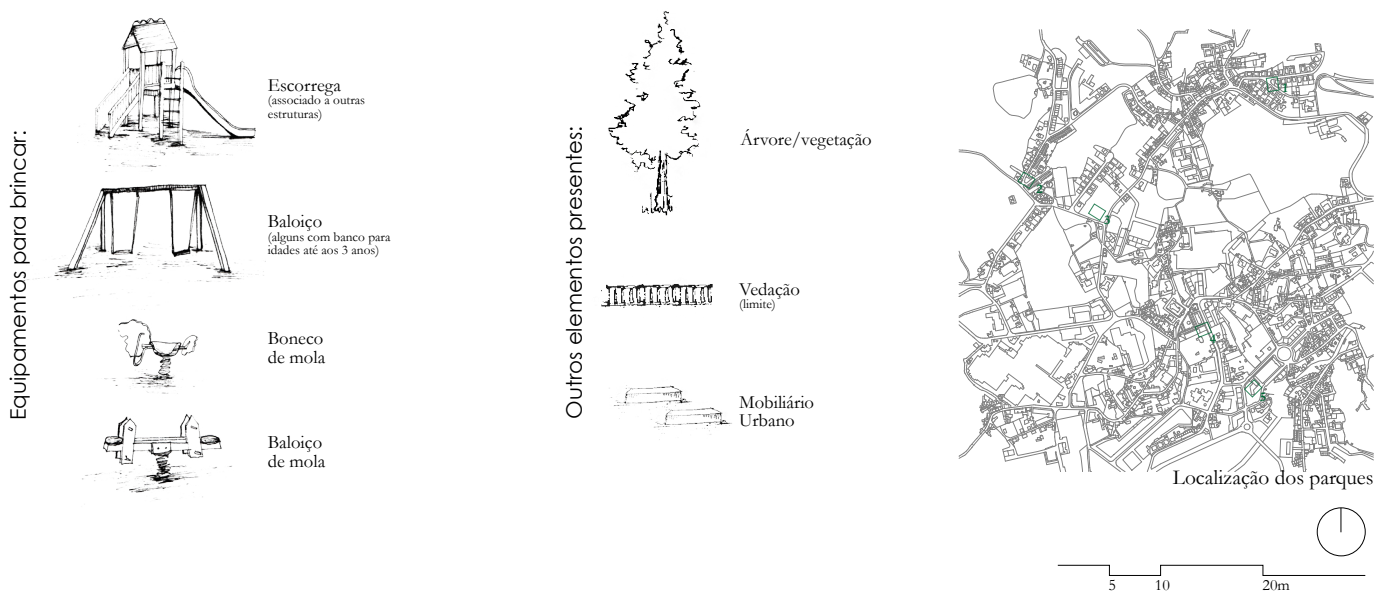


Figura 23. Caracterização individual dos parques infantis | equipamentos presentes



Em relação aos espaços infantis da vila, cada parque possui limites e formas distintas, no entanto é possível encontrar identidades comuns (figura 23). Existe sempre um limite, definido por um muro, ou grade, ou vedação, ou pavimento, um objeto físico que limita o movimento da criança. Os equipamentos também se repetem: balanço, escorrega, animais de oscilar, pequena casa com escadas, todos eles organizados por formas geométricas delineadas no chão ou então uma base quadrícula no solo.

No trabalho de Van Eyck os espaços eram desenhados especificamente para cada local, cada envolvente, delimitados apenas por construções ou áreas já existentes.

*“So the playgrounds have more than one level of signification. They can be regarded as autonomous, in themselves consistent, formal compositions, but at the same time they are conceived in terms of spatial perception and experience. And of course they are playgrounds: areas that are designed to foster the development of the imagination and energy of children within certain limits”.*<sup>24</sup>

Através do modelo concebido pelo arquiteto holandês, era possível recriar e redesenhar cada *playground* para um lugar específico, consoante o meio circundante e estrutura existentes. A simplicidade destes desenhos e criações originais reflete uma ação fundamentada no sentido de estimular o brincar da criança, com base na imaginação e resultando num movimento coletivo e social.

Como *observador* procura-se entender as proporções e que tipo de sensações motivam a criança enquanto brinca nos parques de Pevidém. Em cada visita (i) percorriam-se os parques infantis, observando e captando os espaços como cenários de ação. No entanto, apenas dois parques concentram brincadeiras e movimentos em permanência: o parque da Praça Francisco Inácio e o Parque da Feira. Uma das razões que justifica esta diferença assenta no local em que estão inseridos. O parque da praça serve como local de espera entre programas das crianças ou dos familiares das mesmas, e assim, vão brincar no parque enquanto aguardam pela próxima tarefa do dia. Já no parque da feira, a constante presença não só de crianças, como também de adultos e idosos revela uma atmosfera social muito distinta dos restantes espaços da vila. Trata-se de um lugar de encontro no fim das aulas e durante o fim de semana, onde se organizam torneios de futebol entre amigos, ou brincadeiras de corridas pelo escorrega e a rede.

i. Como observador (fase inicial) foram efetuadas cerca de doze visitas, das quais sete abrangem passeios ao longo da freguesia, entre outras análises e visitas específicas (consultar metodologia página xx).

24. LEFAIVRE, Liane; ROODE, Ingeborg de. 2002. *Aldo van Eyck: the playgrounds and the city*. Amsterdam/ Rotterdam: Stedelijk Museum Amsterdam/ NAI Publishers, p. 80

O espaço do parque na vila de Pevidém reflete um tempo entre tempos e entre ações, é usufruído como um compasso de espera (com exceção talvez do parque da feira, no qual o próprio espaço se torna programa do dia-a-dia). O desenho dos parques estabelece o plano de ação e de programa que o lugar sustenta, indicando que tipo de atividade é a indicada para a estrutura nele construída, formatando assim cada parque com um objetivo previamente definido e instituído para com as crianças.

Na figura 23 são estudadas as dimensões de cada parque (área e perímetro), constatando que o tamanho varia bastante de espaço para espaço, no entanto, os equipamentos respeitam sempre a mesma lógica, havendo sempre um baloiço, um escorrega e um boneco de mola. O perímetro é definido pelos elementos já referidos que delimitam o espaço. A envolvente próxima reflete também o ambiente presente em cada parque. Apenas dois (parque da rua da Saudade e parque da feira) não possuem uma estrada como envolvente direta, estando localizados em lugares amplos e com vegetação. Os outros parques, estão circundados por vias, os seus limites refletem a necessidade inerente de proteção das crianças, recorrendo a elementos físicos que impedem a passagem.

*“Space is a necessary condition for play. After all, the fun of playing outside is that you can do things that you cannot usually do at home because you need a lot of room for them: football, tick, hide and seek. That space must be claimed in the formation of the plan right from the start, just like the space for cars and homes.”*<sup>25</sup>

Van Eyck refletia sobre a necessidade básica da criança, a imaginação, o brincar, vontades que implicam lugares de vivência comum, tal como espaços públicos numa cidade, adaptados para a vida adulta, também a criança se apropria do espaço, descobrindo ambientes ajustados ou não à sua dimensão e assim experimentando-os. O espaço do parque traduz esse mesmo significado: **o espaço**, o único lugar próprio para a criança, onde pode imaginar, onde pode brincar, correr e saltar. É livre nas suas escolhas e ações.

Nesta análise é possível retrair talvez a essência mais precisa na criação de um espaço: **as analogias entre pessoas, entre crianças**, as relações mútuas entre rotinas e atividades, a criança como sujeito que habita uma sociedade reduzida a regras e limites. A partir de cânones, através de desordens e preceitos, o sonho prevalece e a criança continua a imaginar.

25. *Idem*, p. 126

A *observadora* caminha pela vila, analisando e captando diferentes atuações da comunidade, vidas diárias com rotinas comuns. Neste capítulo, de **Observar** a amostra, foi necessária uma aproximação *in situ* que consistiu numa relação de posições, entre o perto e o longe, o aqui e o ali. Através dos percursos caminhados é possível estabelecer um estudo sobre a vila como espaço habitado diretamente relacionado com o ato de brincar.

O caminhar pode ser também traçado por mapas e trajetórias já predefinidas (como por exemplo trilhos). No entanto, essas linhas de trilho silenciam o próprio “ato de passar”, as rotinas alheias, que são transformadas em meras referências territoriais (como monumentos, patrimônios, rede hidrográfica, entre outros).

Observar a vila de Pevidém, observar a comunidade, observar a criança. O capítulo I reflete um progresso de investigação intuitivo correspondente às necessidades que surgiam dia após dia. O involuntário traduz a curiosidade e a pesquisa resultante. Completa-se assim o primeiro ato de análise, a primeira observação, o primeiro contacto.

Caminhar tornou-se a rotina da *observadora*, como espectador alheio do meio em redor, para assim alcançar uma relação mais direta entre os atos que vão surgindo, as conversas que se iniciam e aquelas que terminam na sua despedida, uma simples passagem em correria pode desde logo alterar a visão inicial sob um espaço em específico, modificando o programa que lhe é atribuído, e assim criando apropriações diversas. Os três espaços que foram analisados neste capítulo são séries sucessivas do caminhar e captar das rotinas do dia-a-dia em Pevidém: o espaço da vila, o espaço da escola e o espaço do parque, pretendem retratar o **ritmo da criança na vila**.

Destes movimentos e rotinas, dos imprevistos e inalcançáveis atos, surge a essência de cada lugar, a vida ativa de cada um, de cada espaço, de cada instante.

*“Walking affirms, suspects, tries out, transgresses, respects, etc., the trajectories it speaks. All the modalities sing a part in this chorus, changing from step to step, stepping in through proportions, sequences, and intensities which vary according to the time, the path taken and the walker”.*<sup>26</sup>

26. CERTEAU, Michel de, *op. cit.*, p. 99

**Figura 24.** *Frames* de um vídeo gravado pela autora a partir do parque de estacionamento situado ao lado da escola EB1 de Pevidém nº1 (escola presente nas imagens).  
visita de campo do dia 26 de março de 2018.



*“Por mais absurdo que aquilo me parecesse, a mil léguas de quaisquer lugares habitados e em perigo de morte, tirei do bolso uma folha de papel e uma caneta de tinta permanente. Mas nessa altura lembrei-me que tinha estudado principalmente Geografia, História, Aritmética e Gramática, e disse ao rapazinho, com certo mau-humor, que não sabia desenhar. Respondeu-me:*

*-Isso não tem importância. Desenha-me uma ovelha.”*<sup>27</sup>



**Figura 25.** Ilustração que retrata a captação da observadora presente no espaço  
15.08.18

27. SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. 2009. *O Príncipezinho*, Editorial Aster, Lisboa, p. 12

## Capítulo II. **DIALOGAR**





## Capítulo II. Dialogar

*“Their story begins on ground level, with footsteps. (...) Their intertwined paths give their shape to spaces. They weave places together”*.<sup>28</sup>

Na sucessão do reconhecimento inicial como *observador* perante o dia-a-dia da comunidade pevidense, surge a necessidade de experienciar a análise recolhida de acordo com vivências pessoais, tornando-se o passo a seguir na investigação.

O presente capítulo está dividido em duas partes. Na primeira fase é apresentado uma atividade de um dia realizada nas férias escolares de verão de 2018 em Pevidém, na qual a *observadora* se torna elemento participativo na ação, o que resume o primeiro contato com as crianças da vila. O objetivo desta intervenção reflete a necessidade de criar descontração através de pequenas conversas como estímulo de processo. Assim, numa segunda fase, potencia-se o *dialogar* com a comunidade na medida em que o primeiro processo ativo de participação ocorreu de um modo prévio e refletivo.

Relativamente à segunda fase, inicia-se a participação ativa da criança e dos habitantes da freguesia no processo criativo da investigação, procedendo-se à realização de mapas diários pessoais, refletindo os passos e estímulos de cada um sobre cada espaço. Deste modo, através do impulso à memória e à imaginação, ao desenho e à produção, pretende-se perceber vivências íntimas presentes na vila como espaço social, narrado por cada habitante, cada criança, especificamente para a sua rotina, o seu habitar em comunidade. Posteriormente analisam-se traços comuns e respetivos lugares de rotinas permanentes consoante os mapas pessoais e diálogos casuais, atividades e rotinas comuns, na sua relação e sobreposição de ações, especificando cada espaço identificado como lugar de ação.

*Dialogar* reflete a necessidade de utilizar ou “reutilizar a criatividade nos cenários da vida quotidiana, recorrendo à imaginação para apelar a energias criativas, o que permite também alcançar aqueles que ainda se baseiam nos reflexos imaginários de cada espaço, neste caso, as crianças”.<sup>29</sup>

28. CERTEAU, Michel de, *op. cit.*, p.97

29. LIGTELIJN, Vincent; STRAUVEN, Francis. *op. cit.*, p. 22 “(...) re-entry of creativity on the scene of everyday life. To appeal to imagination is to appeal to creative forces, but to do this is to appeal also to those who have least forsaken them” [parafraseado]

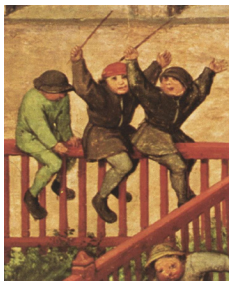


Figura 27. Decifrar as ações individuais no quadro *Kinder-spielen* de Pieter Bruegel the Elder

## Falar de perto

*“If childhood is a journey let us see to it that the child does not travel by night”*<sup>30</sup>

*Falar de perto* consiste na sucessão do reconhecimento inicial como observador neutro, tornando-se o passo a seguir na investigação. Nesta fase é apresentada uma experiência de um dia como parte integrante da ação.

Para dar início à narrativa desta mesma prática explora-se por singularidade os cenários do quadro **Kinder-spielen** (1560) de Pieter Bruegel o Velho (figura 27), como recurso analítico. *Kinder-spielen* traduzido do alemão significa *jogos infantis* ou então *recreio infantil*. Nesta pintura estão retratados cerca de oitenta jogos/atividades específicos entre crianças, criando um ambiente repleto de movimento e energia originária do brincar infantil. Todo o quadro é preenchido pelo abundante divertimento das crianças, desde a praça central, subindo a rua, e até mesmo junto ao rio, nas margens, onde ocupam o espaço com as atividades. Na figura 27 destacam-se seis momentos distintos, que variam de crianças a adolescentes, com dedicação e determinação naquilo em que se ocupam, absorvidas nos jogos e imaginativas nas ações.

Com isto pretende-se perceber de que modo pode o **observador presente**, a partir de uma mesma atividade comum, singularizar distintas ações, para assim compreender na sua completude o espaço global. Ou seja, utilizando o quadro de Pieter Bruegel o Velho, para que seja possível adquirir um entendimento integral da pintura, procede-se à análise de espaços específicos, neste caso brincadeiras e jogos entre crianças, para posteriormente na sua associação, olhar os distintos jogos como uma só atividade comum.

Como espaço de tempo um dia (das 9h às 18h), sobre o qual se irá analisar a parte da manhã (9h às 12h) e a parte da tarde (13h às 18h), passando por diversas especificidades que foram surgindo no decorrer do dia.

A experiência baseia-se assim na visita e apoio numa atividade de verão que ocorre todos os anos na vila de Pevidém, durante os meses de junho e julho, direcionada para as crianças da vila e arredores, intitulada *Férias Desportivas de Verão*.

30. *Idem*, p.19



*(Durante uma visita de campo a Pevidém (14 de junho), em conversa na secretaria da junta de freguesia, surge a oportunidade de participar um dia numa atividade de verão destinada a crianças, na freguesia: Férias Desportivas de Verão, promovida pela Junta de Freguesia de Pevidém e pelo Ginásio Biba Mais. Assim, após contactar o dono do ginásio e organizador da atividade, António Pacheco, acorda-se o dia 2 de julho, o primeiro dia da atividade já que durante o mês de junho o tempo não favoreceu o evento pretendido, para uma visita experimental. Neste evento inscreveram-se crianças entre os 6 e os 14 anos, usufruindo de uma variedade imensa de desportos e atividades lúdicas. No primeiro dia seria apenas para apresentação e divisão de grupos por monitores, distribuindo e organizando os participantes para os dias seguintes, e consoante o tempo meteorológico, decidir-se-iam as atividades a realizar, segundo informa António Pacheco.)*

No dia 2 do mês de julho de 2018, segunda-feira, a *observadora* dirige-se ao Pavilhão Guimnodesportivo da empresa Coelima, onde decorreria o primeiro dia das *Férias Desportivas de Verão*. Estava um dia nublado, húmido e arrefecido. Antes das 9h da manhã chovia tenuemente.

Na chegada de carro ao pavilhão, percebe-se o espaço: um edifício de betão, já antigo, pouco chamativo pela rua, no entanto bastante presente quando se passa os muros exteriores para o parque de estacionamento. Saindo do carro, é notável a vista privilegiada do local sobre o território em volta. Contudo, apesar da visão que se tem, o pavilhão é especialmente ocultado pela topografia da rua e casas vizinhas, sendo quase invisível à passagem comum.

À medida que se percorre o espaço até à sala de chegada, o *observador* presencia brincadeiras alheias, correrias aleatórias que vão sucedendo. Já na sala de espera, António informa a logística do dia: devido ao mau tempo, as atividades ficariam pelo pavilhão, durante a manhã seriam as apresentações e divisões de grupos; depois, almoço; e durante a tarde cada grupo teria uma atividade distinta consoante o espaço disponível e intenção das crianças e respetivos monitores.

Deste modo, o dia é organizado em dois espaços de tempo distintos:

das 9h às 12h

das 13h às 18h.

# Verão desportivo - Penedim

6-14 anos

António Pacheco - responsável

Rapazes:

- brincadi-  
ças de "luta"
- futebol
- arastoe

Raparigas

- conversas  
entre amigas
- assiste  
ao jogo dos  
Rapazes

Manhã:

espera

- jogam matriquilhos
- conversas com os amigos
- jogam cartas / desenhos
- conviver com os monitores

divisã em grupos

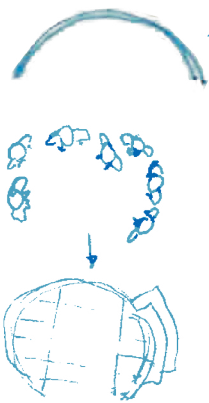
6-9

10-11

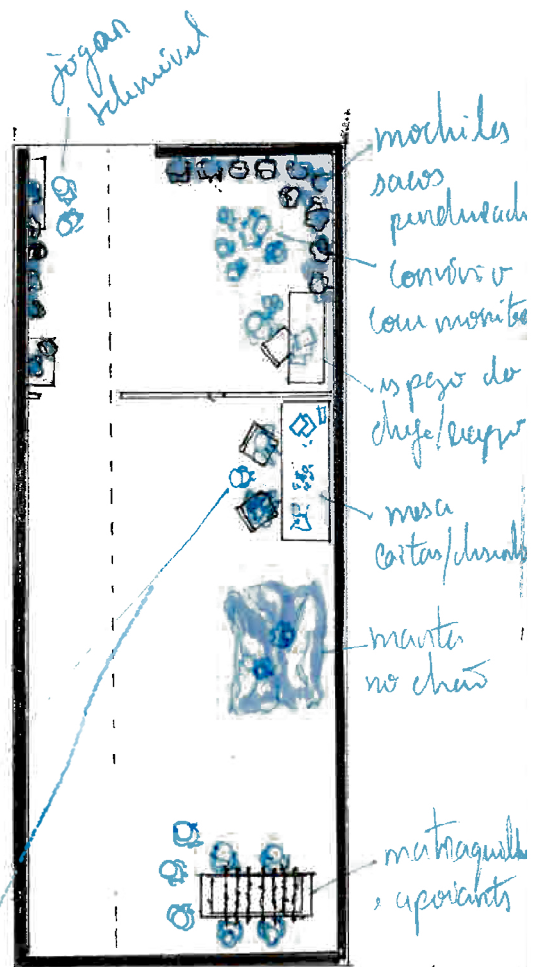
12-14  
(anos)

visualização  
de um filme  
"Big Hero 6"

futebol



posição  
típica em  
grupo  
(muito círculo - frente  
aberta - aberta)



espaço 1 - paralelos

Beatriz 10 - colégio / vive fora de Penedim  
Yacine 9 - EB1 Selho de S. Leitoras  
anda na catiguise  
não frequenta muito a vila  
(espaços p/llas)

Iniciasse o processo do observador presente pelo reconhecimento das áreas existentes. O primeiro espaço, que funcionou como sala de espera enquanto se aguardava pela chegada de todos os inscritos, divide-se em duas ações: a de chegada, marcação de presença com o sr. António e colocação do material trazido (mochila, patins, equipamento de natação, etc.) em cabides nas paredes da sala; e um espaço mais amplo com uma secretária, uma manta no chão e uma mesa de matraquilhos. Nesta segunda divisão, duas raparigas fazem exercícios gramaticais num caderno de atividades que está em cima da secretária (conversa com as mesmas - figura 29), a manta encontra-se ainda vazia, e na mesa de matraquilhos, alternam-se equipas à medida que uns ganham e outros perdem. Ainda na primeira sala de receção, ouvem-se as brincadeiras e algazarras no exterior. Entretanto, a manta já se encontrava ocupada por duas crianças a brincar e a jogar cartas.

Por volta das 9.30h, inicia-se oficialmente a atividade. Assim, surge o espaço principal de ação: o campo de jogos do pavilhão (antes da apresentação, observa-se as ações distintas: divisão por grupo de rapazes e de raparigas). Neste espaço apresentam-se os participantes e monitores, para depois dividir as crianças em três grupos: dos 6 aos 9 anos; dos 10 aos 11 anos; dos 12 aos 14 anos. Após esta fase, cada grupo, com o respetivo monitor, executa uma atividade (mais novos: filme num novo espaço – sala de cinema; mais velhos jogos livres – futebol – desenho – jogos pelo campo, etc). Estas atividades prolongam-se até às 12.30h.

Hora de almoço.

(Restaurante perto do pavilhão, ao lado do cemitério).



Tarde:

Sente

bancos altos - abanar as pernas



chão - pernas cruzadas /  
joelhos encostados



de raparigas

1 - escola ex  
(Guardinha (?))  
piscinas de Guimarães  
bênis no parque perto da  
escola  
gosta de saltar à corda

d. Inês - escola de Beidim  
Piscinas deultivas  
gosta de correr

Afonso 12 - EB d/3 Beidim  
parque de divasora da  
feira ass municipal  
gosta de jogar futebol

5 raparigas do 5º ano da escola E.B. d/3  
de Beidim que habitam Beidim no dia-a-dia  
& gostavam de ter mais sítios para brincar

Dia-a-dia

- 7/7.30h - acordam pequeno-almoço
- 8/8.10h - escola
- 8.20h - aulas
- 13.10h - almoço escola algumas casa/pastelaria
- ... ver TV
- TPC
- jantar
- domir

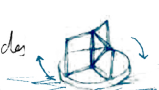
o que gostam de fazer na escola

- variado
- "mas são pequenos... podiam ser mais do que 10min"
- festa da escola

"aprendo mais no apoio do que nas aulas porque lá fomos jogar com as palavras"

<u>Joana</u> 10	<u>Lara</u> 11	<u>Gabriela</u> 11	<u>Carolina</u> 11	<u>Leonor</u> 10
• Rua do Peixoto vai a pé para a escola • gosta de jogar às escondidas	• gosta de saltar à corda & de jogar na casa-caga	• parque à beira do rio (antigo (rua do Souto)) • gosta de fazer escalada	• parque da igreja (praça Francisco Inácio) • gosta de jogar à maça, patins, espinha	• S. Ilvaes • gosta de mimica & de correr • parque perto de casa que pediram se "descontarida"

Vicário - no fim das férias desportivas vão todos de férias com os pais



plataforma giratória



baloiço para vários  
L. Leonor no parque da cidade da PVZ (ver)

Leonor - pai trabalha na indústria à noite - ténis V. Leão  
mãe trabalha na indústria 5am-12a no - J.P. Fernandes

Joana - pai trabalha na indústria

Carolina - mãe - Lamininho



passo pedonal  
passo deicido da Joana 10  
Rua do Peixoto → EB d/3 Beidim

Todas têm irmãos mais velhos / mais novos

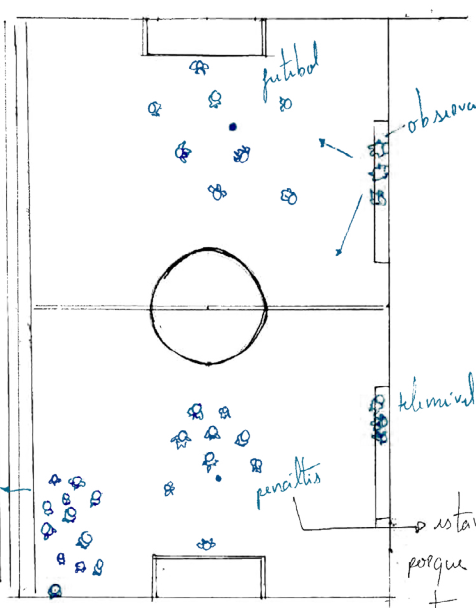
- escola - caf.
- casa - pastelaria dos três (Lara)
- parque da escola

Hall de entrada

- passagem int/ext
- águas por grupo
- wc
- Boateira, fênis Luis e amiga no televid (minecraft)
- conversa com as 5 amigas nos cadeiras

sala de cinema

- cinema de manhã - 6-10 anos
- as 5 amigas foram para lá no fim da conversa para estarem mais sossegadas



Jogo do "micquinho chinês"  
vistas as salas a monitoras

estavam separados porque uns jogam bem e outros mal, mas depois juntaram-se nos penaltis

espaço do campo fut.

Figura 30. Apontamentos da parte da tarde, espaços e atividades

De regresso ao pavilhão, olha-se o sentar das crianças, em bancos altos e no chão (fig. 29), as diversas apropriações de uma ação tão comum e habitual entre escalas individuais.

*“The most elemental thing we can do to help people take over environment is perhaps to provide seating; (...) A place to sit is the opportunity temporally to take possession of it, and a favourable condition for getting into contact with others”.*<sup>31</sup>

Enquanto se sentam à espera da próxima programação, cria-se um diálogo com três crianças, duas estavam sentadas nos bancos a conversar sobre um jogo de telemóvel, a terceira passava a correr enquanto procurava os amigos (figura 30: a Inês e a amiga, e o Afonso).

Entre observações e anotações, surgem cinco amigas que interrogam o observador e questionam *“o que estás a fazer?”*. E assim se inicia uma simples conversa. Ambições futuras, rotinas diárias, espaços ideais, rotina dos familiares mais próximos, disciplinas preferidas, variados temas foram surgindo, sem que fosse sequer necessário efetuar uma pergunta. A Joana, a Lara, a Gabriela, a Carolina e a Leonor, todas elas residentes em Pevidém, e brincam nos parques que lá existem. Gostam de ir à escola ter com os amigos, e adoram os recreios, *“mas são pequenos... podiam ser mais do que 10 minutos”*. O baloiço é a brincadeira que mais estimam, gostavam que na vila colocassem *“um baloiço para várias pessoas, como o do parque da Póvoa [de Varzim]”*. Entre diálogos constantes e opiniões partilhadas, surge uma inquietação em relação à informação adquirida: como utilizá-la e como trabalhá-la.

Já mais ao fim da tarde, as atividades concentram-se no campo de jogos. No acesso a esse espaço, percorre-se o hall de entrada, onde se encontram as águas de cada participante (figura 30), algumas crianças reunidas a jogar *minecraft* no telemóvel, e as cinco amigas na conversa. No campo de jogos, torneio de futebol e de penáltis, jogo do *macaquinho de chinês* com alguns monitores, meras conversas inconstantes e os espetadores dos cenários.

Entre grupos comuns e individuais, o espaço encontrava-se preenchido, repleto de movimentos e ruídos, vozes estridentes e sussurros incertos.

31. HERTZBERGER, Herman. 1977. *Architecture for people*, a+u Architecture and Urbanism, volume 3, no. 73, March, Editor Yoshio Nakamura, Tokyo, Japan, páginas 124-146, p. 129

Ao longo de cerca de nove horas consecutivas, as crianças preencheram o espaço em redor, as brincadeiras constantes, as algazarras sucessivas, os gritos aleatórios, correrias e risadas. Assim se resume a experiência de um dia que traduz o primeiro contacto com a criança de Pevidém.

Apesar da atividade se localizar na vila, um aspeto que foi sendo reconhecido ao longo do dia assenta no facto de muitos dos participantes residirem fora de Pevidém, nas freguesias vizinhas, no entanto, alguns possuem rotinas diárias na vila (como escola, música ou catequese), outros apenas participavam nas *Férias Desportivas*. Das conversas que foram surgindo, algumas não possuem qualquer registo pois, as crianças em diálogo, não conheciam a vila, apenas ali se encontravam para brincar e aproveitar as férias. Deste modo, o centro urbano reflete-se na vivência das *Férias Desportivas*, na qual crianças desconhecidas se tornam parceiros de brincadeiras e colegas de conversas.

Pevidém não traduz somente um centro urbano de serviços públicos, ou ligações viárias, ou agrupamento de escolas. Também as atividades sociais, amizades e reencontros refletem significados distintos presentes na vila.

Sendo uma atividade que abrange idades entre os seis e os catorze anos foi também possível refletir acerca do crescimento social da criança, neste caso, em Pevidém. O primeiro grupo, dos seis aos nove anos de idade, possuía atividades previamente programadas (visualização de um filme, jogos de grupo com os monitores), horários estipulados para maior controlo e supervisão. Já no segundo grupo, dos dez aos onze anos de idade (grupo com maior número de crianças), as crianças usufruíam maior liberdade de escolha, fazendo com que, muitas vezes, permanecessem apenas com o telemóvel a jogar. Também neste grupo denota-se já uma separação entre os rapazes e as raparigas: eles dão preferência ao futebol, elas sentam-se em conversas de amigas. Finalmente no último grupo, dos doze aos catorze anos, reconhecem-se as amizades entre os participantes, as divisões já entre grupos de amigos, colegas de escola ou de turma. Assumem-se como “*os mais velhos*” durante o dia de atividade.

Neste aspeto do crescimento infantil, percebem-se relações de ligação entre os diferentes grupos: as brincadeiras e o entusiasmo pelas atividades é constante, tanto em jogos desportivos (como o futebol), como também nas brincadeiras em grupo (como o jogo do *macaquinho de chinês*, no qual participavam crianças dos três grupos, competindo umas com as outras, mantendo sempre um sorriso entusiasta).

Também os restantes jogos observados (como os matraquilhos, a mesa com desenhos, jogos de cartas, entre outros) abrangem as distintas idades, são comuns às crianças, no entanto, aquilo que difere nos diferentes anos reside no método de jogo. Ou seja, o nível de dificuldade de uma partida de matraquilhos, ou até mesmo a existência de regras de uma atividade altera-se, assim como num jogo de cartas ou na criatividade de um desenho. Cada criança adapta e apropria de modo a desfrutar o seu empenho e dedicação para alcançar um resultado final satisfatório, seja esta pontuação, arte ou apenas diversão.

A primeira parte de *dialogar* patenteia fatores influenciadores para o processo de trabalho. Reflete-se na observação do dia, nas conversas sucessivas e registos efetuados. *Falar de perto*, com assimilações variadas entre os espaços e a freguesia vivenciada, entre as crianças e respetivas ações durante as *férias desportivas*.

Pevidém como centro urbano social e espaço habitado, o crescimento da criança e as continuidades próprias na sua rotina e experiências diárias, resumem assuntos essenciais resultantes do *falar de perto* numa atividade programada, direcionada, estruturada e experimentada por crianças.

No pavilhão, o espaço estava cheio, repleto de vivências, talvez partilhadas, talvez individuais, no entanto refletiam o todo comum, o espaço comum, apropriado por cada um e experimentado por todos.

*“The more involved a person is with the forms and contents of his surroundings, the more those surroundings become appropriated to him and by him and just as he takes possession of his surroundings, so will they take possession of him too”.*<sup>32</sup>

Através do *dialogar* cria-se uma vontade singular para evoluir na observação, para assim atuar no espaço. A partir desta fase, o observador passa a atuar na vila como indivíduo presente na rotina comum.

32. *Idem*, p.136



*Maria de 62 anos*



*Glória de 63 anos*



*à conversa com as amigas  
Glória e Maria*



*Mafalda de 8 anos*



*Sara de 8 anos*



*à conversa com as primas  
Sara e Mafalda*



*Fábio de 12 anos*



*António de 11 anos*



*à conversa com o António e  
o Fábio*

## Da palavra ao traçado

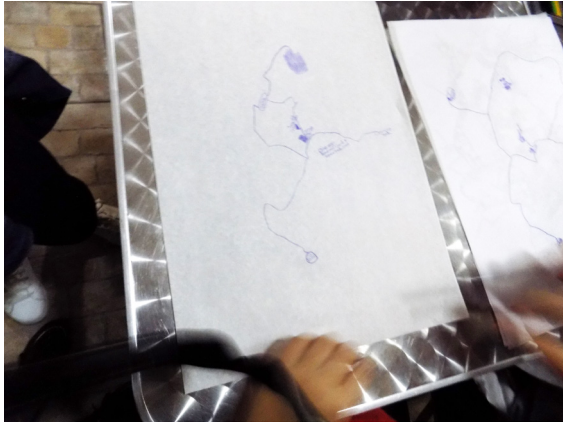
j. Conversa marcada com uma enfermeira do USF Pevidém Ana Paula Silva no dia 3 de maio de 2018, uma conversa de 45 minutos. Ana Paula já não reside em Pevidém, mas relembra os tempos de criança em Pevidém. Através de um mapa esquemático, representa-se a conversa.

Através de reflexão sobre o capítulo I *Observar*, do progresso estabelecido de *Observar* para *Dialogar*, procede-se à introdução da ação participativa no discurso e nas conversas. Da palavra ao traçado retrata diversos esboços criados por cerca de doze intervenientes, entre crianças e adultos, sendo que uma pessoa (j) não formalizou um desenho, apenas uma conversa, gerando o total de treze participantes. Neste sentido, o desenho final reflete o dia-a-dia de cada um, a sua rotina e vivência pela vila de Pevidém.

Das conversas registadas, três foram previamente combinadas e marcadas (enfermeira Ana Paula, André Melo e as amigas das férias desportivas), as restantes refletem sucessivas conversas que foram surgindo durante duas visitas a Pevidém.

[ O modo de seleção dos intervenientes reflete uma procura intuitiva através da observação no espaço e análise da atividade que realizavam. Assim, no primeiro dia (09/10/2018), com chegada à vila pelas 14.30h, inicia-se a procura por pessoas no parque da feira. Primeiramente regista-se a partida de sueca de um grupo de amigos nas mesas de piquenique ali presentes (figura 17, capítulo I), apenas oito colegas jogavam, enquanto o resto do grupo se mantinha em pé a observar com muita atenção. Não se interrompe. Procura-se então por uma conversa menos forçosa, mais natural. Assim, encontram-se duas senhoras sentadas que olhavam em redor. Através do sentar comum, surge o diálogo. Já na praça Francisco Inácio, optou-se apenas pelo espaço do parque infantil, em busca de crianças. No meio de muita brincadeira e alarido, duas meninas muito atarefadas olhavam e riam-se enquanto ajudavam outras crianças a subir o escorrega. Até que se apressam e correm na direção “dos mais velhos”. Com pequenos momentos de saudações e *boas tardes*, principia-se outra conversa. De seguida, executando agora o primeiro passo na ação, questionam-se dois colegas que se encontravam nos baloiços, perguntando se poderiam falar sobre a sua vida e rotina em Pevidém. Aceitam, e sentam-se no chão, começando a última conversa casual no parque infantil. ]

Assim sendo, o processo de seleção das pessoas para os diálogos traduz atos intuitivos resultantes do espaço em redor, das atividades que ocorrem no lugar presente, privilegiando sempre pessoas que demonstram disponibilidade e interesse numa conversa de acaso.



*Carolina  
Gabriela  
Leonor  
Joana  
Lara  
11 anos*

*à conversa com as cinco amigas  
– Férias Desportivas*

No dia 9 de outubro, acompanhado por papel vegetal A3, lápis de cor, máquina fotográfica e cartografia da freguesia, a observadora agora presente (como atuante sobre a ação), caminha pelos lugares de Pevidém. Durante a tarde, percorre a zona da feira, analisando e registando ações. Numa mesa do parque, encontram-se as amigas de longa data Maria e Glória. Em conversa, abordam as suas rotinas e encontros semanais, passeios pela vila, enquanto vão riscando com algum receio a folha. Assim, surge a primeira conversa da tarde.

Como na zona da feira, ao início da tarde, não se encontrava nenhuma criança, sucede a Praça Francisco Inácio. No parque infantil ali presente, estavam algumas meninas com os pais nos baloiços. Duas delas aparentavam já uma idade acima dos 6 anos. Gera-se, então, uma pequena conversa com a Sara e a Mafalda que, sem demoras, escolhem a sua cor preferida para riscar e pintar. Como ambas são imigrantes, apenas habitam a vila nas férias de verão, ou por vezes no Natal, na zona da casa da avó.

No meio de risadas e brincadeiras que surgiam durante a conversa, entram dois rapazes no parque infantil, e sentam-se nos baloiços. António e Fábio, dois colegas de turma que esperavam no parque até à hora da explicação ali perto (tempo de espera: das 17h às 18h). Um pouco envergonhados, desenharam os seus locais prediletos e programas diários. Terminado o desenho, vão para o baloiço competir e ver quem consegue *“chegar mais alto”*.

De seguida, uma conversa já planeada com o André, que esclarece algumas dúvidas em relação à vila, e retrata a sua rotina nos tempos de infância e atualmente. Ainda neste dia, em conversa com o sr. António Pacheco, foi possível combinar um encontro com as cinco amigas das Férias Desportivas. Deste modo, sexta-feira dia 19 de outubro, no ginásio Bibamais a partir das 18h, as cinco amigas reúnem-se e falam sobre as suas rotinas. Todas com atividades distintas e horários díspares, contudo sempre com programas partilhados: escola, ginásio, catequese ou encontros ocasionais no parque.

*“Linking acts and footsteps, opening meanings and directions (...)”*<sup>33</sup>

Procede-se à análise individual de cada diálogo, esquematizando as ilustrações que cada interveniente desenhou, procurando sintetizar e representar rotinas próprias divergentes presentes na vila de Pevidém, entre crianças e adultos.

33. CERTEAU, Michel de, *op. cit.*, p.105



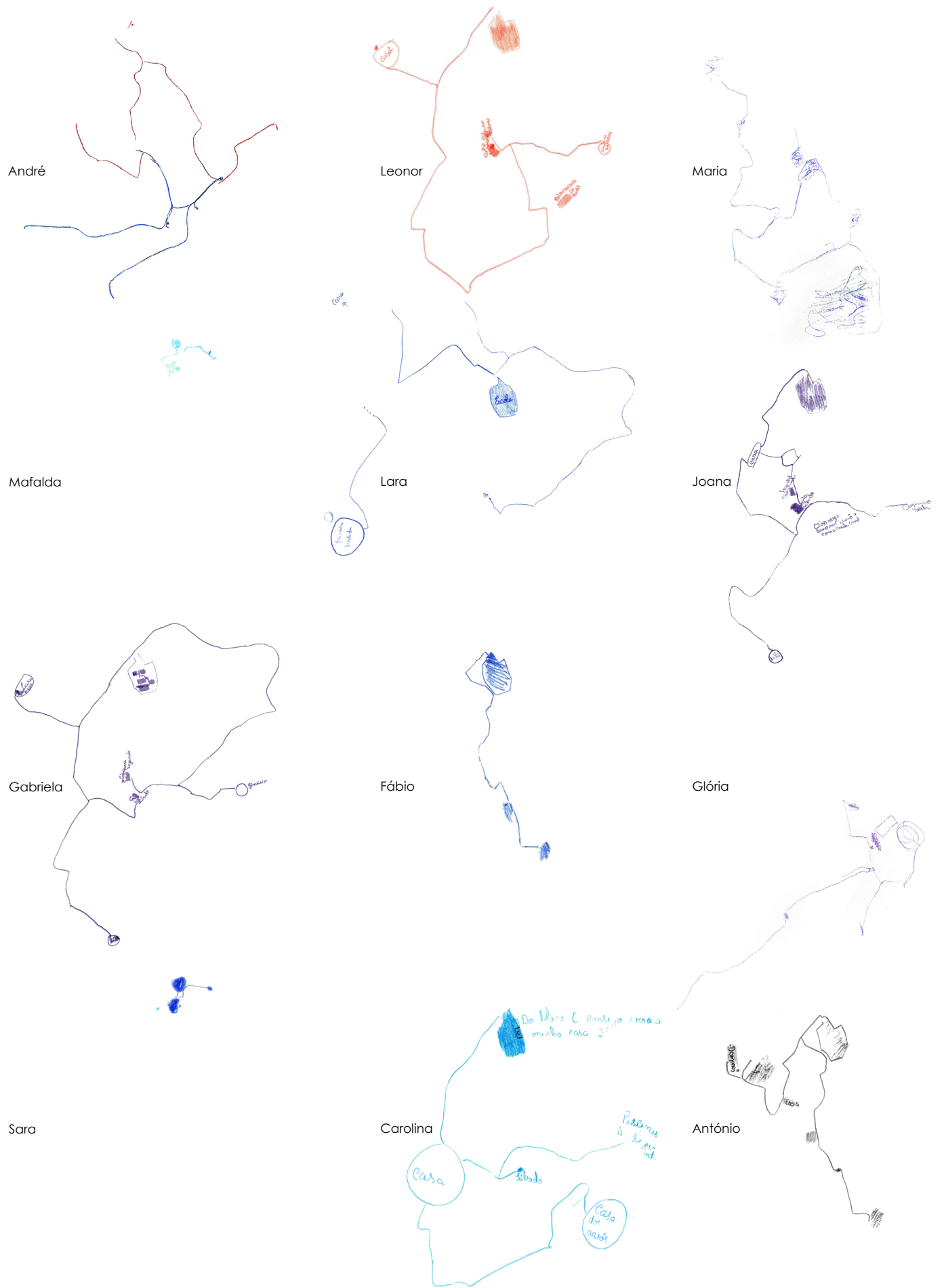


Figura 33. Conjunto dos doze mapas pessoais da Palavra ao Traçado



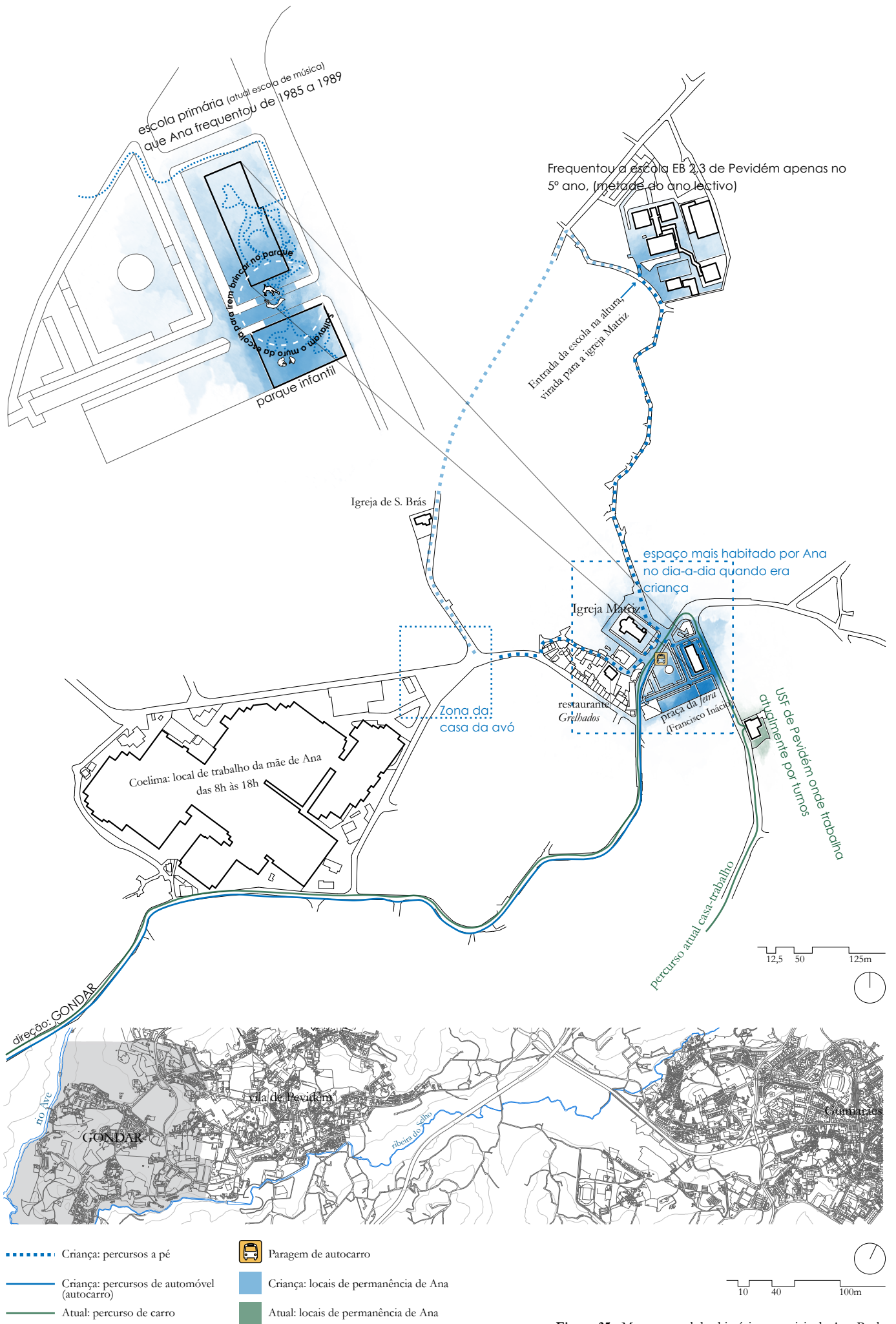


Figura 35. Mapa pessoal das histórias espaciais de Ana Paula

No terceiro dia do mês de maio, pelas 10h da manhã, o encontro com a enfermeira Ana do USF de Pevidém. Marca-se a conversa no seu gabinete de trabalho (no USF da vila).

Ana Paula, residente em Gondar (freguesia vizinha), recorda os tempos de infância em Pevidém. Frequentava a antiga escola primária (atual escola de música), entre as 13h e as 18h (horário de aulas). Apesar de não morar na vila, habitava-a diariamente já que os seus pais trabalhavam na indústria têxtil, mais concretamente na Coelima, nos turnos diurnos (8h às 18h). Assim, quando não tinha aulas ou em espaços de espera, ficava na casa dos avós, moradores da freguesia. A sua rotina consistia em percursos escola - casa dos avós - casa em Gondar, e ao sábado catequese no edifício atrás da igreja (atual residência paroquial).

Nascida em 1979, frequentou a escola primária de 1985 a 1989. Durante estes anos, usava sempre o mesmo atalho para a casa dos avós: subia a rua, por trás da residência paroquial, a rua do restaurante *Grelhados* e depois chegava ao destino. Fazia o mesmo percurso para a escola, sempre acompanhada por três vizinhos amigos, “*nós brincávamos mesmo na rua ou nos parques*”. Recorda o parque infantil presente na praça Francisco Inácio, adjacente à sua escola: “*nós saltávamos aqui este muro da escola (...) e estávamos sempre ali, sempre no parque, sempre...*”. Assim, o espaço da igreja Matriz refletia o centro da vila (k), com o coreto, a escola primária, os correios e o parque infantil. Durante o discurso referente ao trajeto casa dos avós – escola, passava perto de um marco da vila na altura, a igreja de S. Brás, “*está mesmo como era (...) relembra mesmo o passado. A minha avó sempre adorou essa capela, (...) tem muito valor, muito significado.*”. Neste sentido, vai mencionando pequenos espaços e trajetos que fazia durante o dia-a-dia na vila de Pevidém. Frequentou o 5º ano escolar na EB 2,3 de Pevidém apenas meio ano. Durante esse tempo, fazia o percurso pela Rua da Circunvalação (quando vinha da casa dos avós). Menciona ainda o atalho que existe entre a escola e a igreja, fazia-o muitas vezes para ir para o centro, e ainda porque, na sua altura, a entrada da escola situava-se virada para esse mesmo atalho, virada para o centro da vila. Como residia em Gondar, esperava pela mãe na paragem de autocarro presente na praça da feira, e iam as duas para casa, nos autocarros “*à pinha*”, recorda. “*Andei sempre de autocarro quando era pequenina*”. Fazia o trajeto Pevidém - Gondar, que tinha início em Guimarães. Apenas se dirigia à cidade para compras, ou fazer os descontos com os pais. Passear, raramente.

“*Agora não há aqui [espaço da igreja Matriz] crianças também está tudo lá em cima [espaço das escolas] (...) este parque tinha vida quando a escola era aqui.*”

k. Naquela altura intitu-lavam o espaço da igreja Matriz de a feira pois, neste local, existia a feira da freguesia.

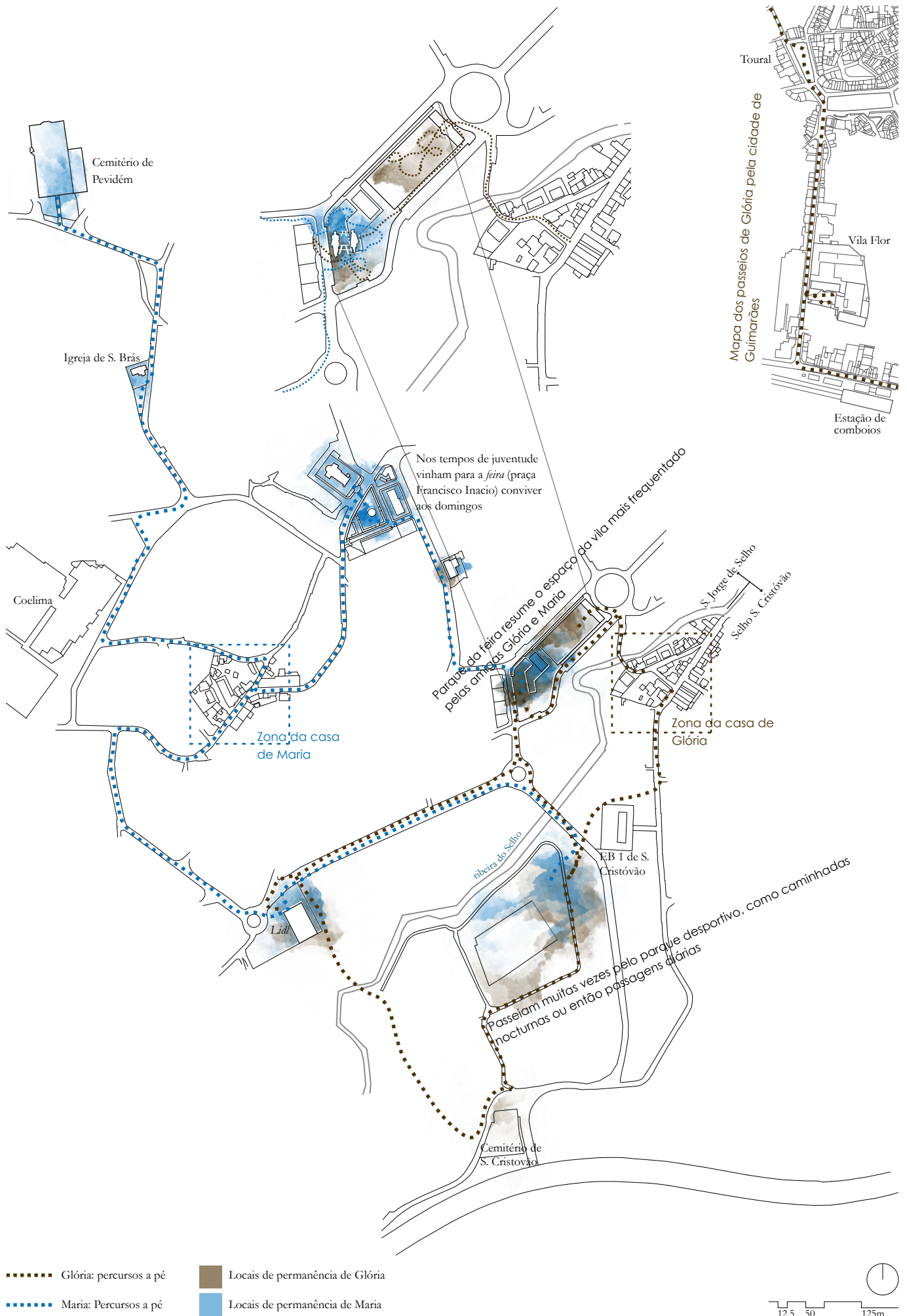


Figura 36. Mapa pessoal das histórias espaciais de Glória e Maria

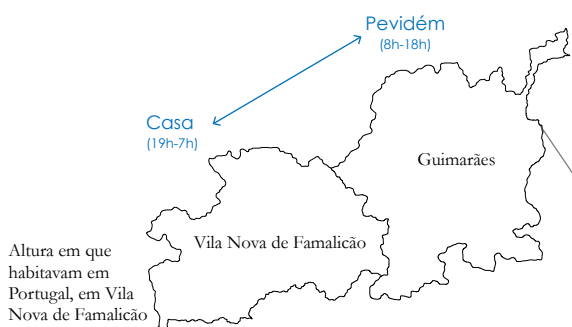
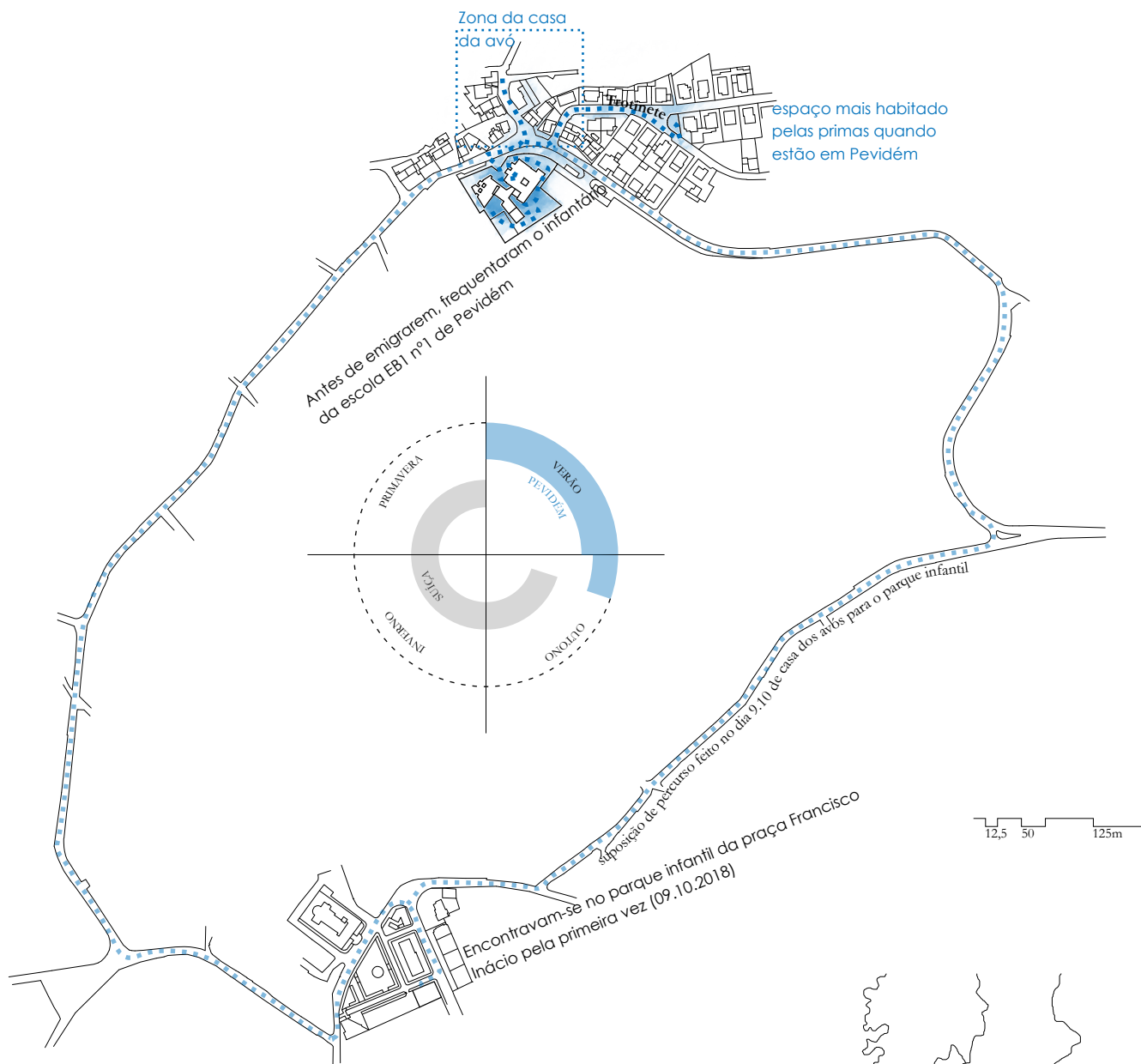
No parque da feira, sentadas numa mesa de piquenique, Glória e Maria conversavam sobre a semana e os afazeres diários. Começava a tarde, e a movimentação constante naquele espaço começava a surgir. Inicia-se uma conversa. No princípio, as amigas de longa data falavam e acrescentavam informação, sustentando uma posição comum. Segundo Glória, estavam naquele parque porque *“aquí agora é que parece mais o centro do que [igreja] (...) antigamente o centro da igreja é que era bonito, o tempo da nossa juventude.”* Maria lembra os tempos de escola primária, *“antes de haver este parque [feira], a gente quando era assim mais nova, ia para ali. Agora é assim uma coisa mais fechada”*.

O primeiro mapa pessoal é esboçado pela Maria de sessenta e dois anos. Reside na vila, na rua 25 de Abril, mapeia a sua rotina diária com base nos passeios que faz, ocasionalmente, com a amiga Glória: sai de casa, vai ter à igreja, começa a subir até à igreja de S. Brás e termina no cemitério. Por vezes, faz o percurso pela Coelima. *“Quando vou ao cemitério, vejo sempre lá os pais com as crianças [Parque infantil Rua da Saudade]”*. *“À noite vou dar assim uma caminhada”* mais no sul da freguesia, passando pelo Lidl, seguindo o rio, até ao parque desportivo de S. Cristóvão. Quando vai à igreja costuma parar na praça Francisco Inácio a falar com conhecidos. Encontra-se muitas vezes com a Glória para um lanchinho ou bolinho.

I. Apesar de morar em Selho S. Cristóvão (freguesia vizinha), perto da escola primária, frequenta muitos espaços de Pevidém.

Glória de sessenta e três anos passa grande parte dos seus dias na vila (1). Vai à feira ao sábado de manhã, é utente no USF, e passa grande parte dos seus tempos livres no espaço da feira: *“agora fizeram aqui esta nova e a gente vem aqui ao fim de semana (...) pára mais gente agora”*. Conta as várias idas de autocarro à cidade de Guimarães, *“chegava lá, comprava uma revista, que eu gosto muito de ler, e tomava o meu café. Depois dava um passeio”*. Passava pela praça do Toural, Vila Flor, e dava a volta pela estação de comboios. *“À noite vou dar uma caminhada, meto-me aqui pela escola [EB1 S. Cristóvão] (...) e vou logo para o parque [desportivo]. Depois do parque venho por ali e dou a volta ao Lidl.”* Passa o cemitério de S. Cristóvão e regressa a casa.

Referem bastantes vezes o espaço da feira, gostam de ali estar, do lugar em redor e das atividades presentes. *“(...) há mais gente, mais convívio aqui”*. Reflete o ponto de encontro das duas amigas, o local de conversas, risadas e desabafos. Já perto do final da conversa, sublinham o facto de darem muitos passeios, de passarem por muitos sítios, das fábricas que outrora trabalhavam 24 horas, agora encerradas, do centro da igreja, agora *“fechado e escondido”*. Os trajetos realizados através da memória de ambas, das vivências e planos de antigamente, percursos lembrados e reabitados.



- ..... Percursos a pé
- Locais de permanência das primas
- Percursos de automóvel



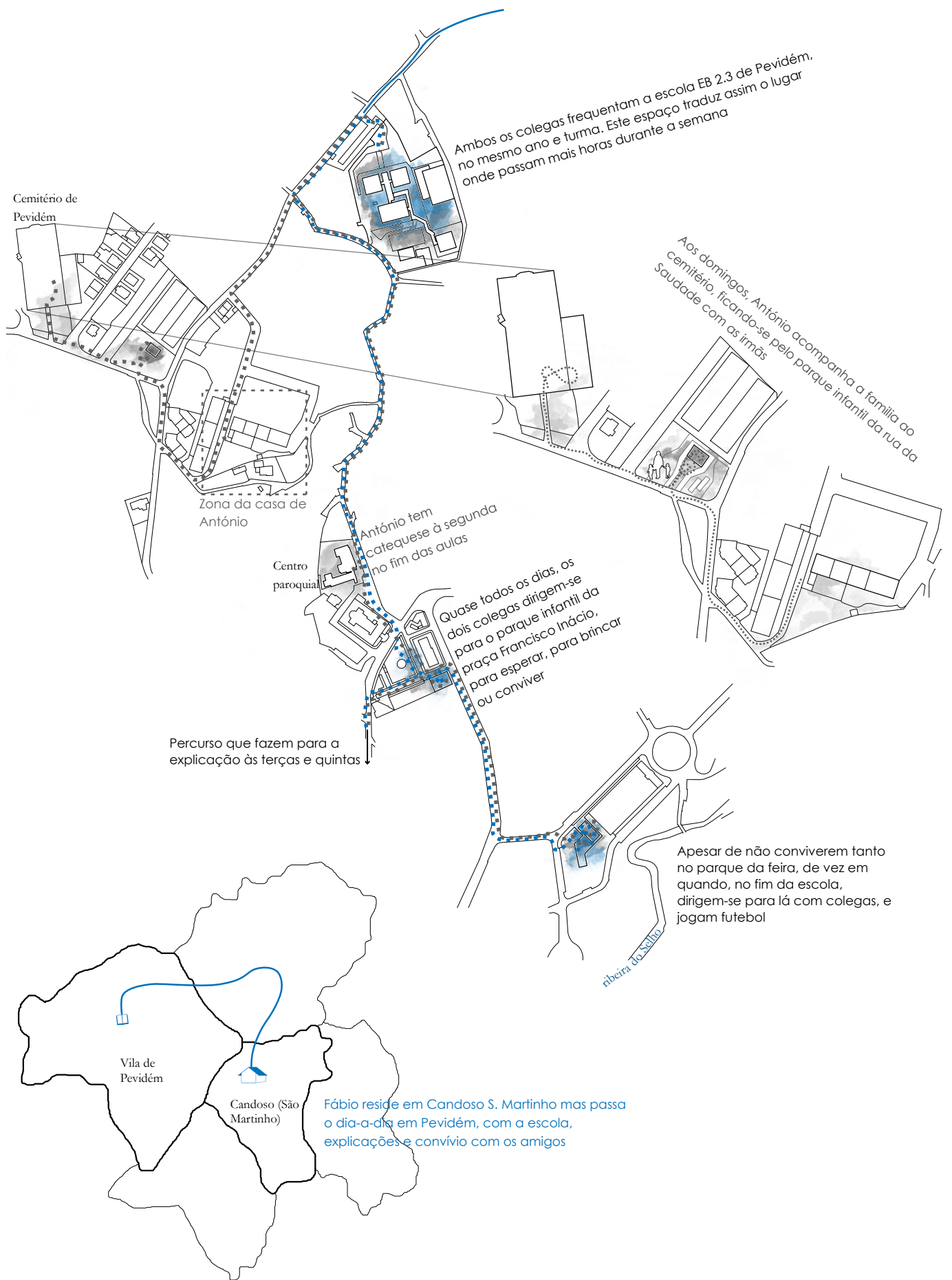
Figura 37. Mapa pessoal das histórias espaciais das primas Sara e Mafalda

Abstraídas das ações em seu redor, Sara e Mafalda, ambas com oito anos de idade, entretinham-se nos baloiços do parque infantil da praça Francisco Inácio. Naquele espaço estavam mais crianças com familiares, aparentemente mais novas que as primas. O parque estava assim repleto de movimentos.

Emigrantes na Suíça, passam as férias de verão em Pevidém (neste caso, a escola delas na Suíça ainda não tinha começado) na casa dos avós, num espaço de tempo compreendido entre dois a três meses. Sara mostrou-se desde logo cheia de vontade para conversar e pintar, *“eu não sei desenhar, só sei pintar”* lembrava enquanto escolhia a cor do lápis. *“É a primeira vez que eu brinco neste parque. Eu brinco mais vezes perto da casa da minha avó”*. Com o recurso a fotografias dos parques infantis, Sara e Mafalda reconhecem o parque onde brincam perto da casa da avó, o parque infantil da Urbanização da Lapa, perto das escolas. Sara nasceu em Pevidém e ficou na vila até aos quatro anos. Juntamente com a prima Mafalda, frequentou o infantário na EB1 de Pevidém nº1, *“eu e ela ficamos lá, naquela escola, (...) quando eu tinha dois anos e ela também.”*. Relativamente ao parque infantil onde brincar, referem os equipamentos e quais gostam mais, *“os baloiços, o escorrega e tudo! (...) eu só não gosto é que tem uma rampa [estrada]”*. A rotina de ambas resume-se a três espaços principais: a escola e o recreio, a casa da avó e o jardim, e o parque infantil. Quando a Mafalda começou a esboçar o seu mapa pessoal, Sara lembra que *“nós andamos sempre juntas (...) é tudo igual. Eu ia sempre com a minha prima”*. Antes de imigrarem não moravam em Pevidém, residiam no concelho de Vila Nova de Famalicão, no entanto, frequentavam a escola da vila, e nela passavam o resto do dia, entre tarefas de casa e corridas de *“troti (trotinete) a subir a rampa, parecia que subia uma montanha”* até ao parque infantil.

Passavam os dias a brincar, a correr e a passear com a avó, que as ia buscar à escola. O espaço do parque é o que mais as entusiasma, pois, apesar de ser a primeira vez que brincavam no parque da praça Francisco Inácio, mantinham uma exaltação infinda com tudo o que as rodeava. No fim do desenho, as duas primas de oito anos continuaram a brincar com as crianças que chegavam e partiam, sempre com sorrisos e repletas de energia.





- ..... António: percursos a pé
- ..... Fábio: percursos a pé
- Fábio: percurso de carro para casa
- Locais de permanência de António
- Locais de permanência de Fábio

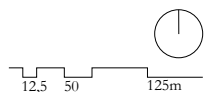


Figura 38. Mapa pessoal das histórias espaciais de António e Fábio

Oscilando calmamente, o baloiço do parque era ocupado por dois colegas de turma da EB 2,3 de Pevidém, António de onze anos e Fábio de dozes anos de idade. Permaneciam serenos enquanto observavam em redor. Por fim, sentaram-se no chão para desenhar.

Encontravam-se no parque da praça porque aguardavam a explicação, que seria uma hora depois, perto da Junta de Freguesia. Fábio não mora na vila, reside na freguesia vizinha Candoso S. Martinho, contudo, passa grande parte dos seus dias em Pevidém. *“Às vezes vou ao parque [feira] jogar futebol”*. Tem aulas o dia todo, e no final do tempo de escola, dependendo dos dias, vai com os amigos para o espaço da feira pelo atalho existente entre o espaço das escolas e a igreja Matriz, ou então, utilizando o mesmo percurso, vai para a explicação. Por vezes, segue direto para casa de carro com os pais.

António refere que antes da explicação aguarda no parque, *“eu venho sempre”*, a brincar nos baloiços. Reside muito perto da escola, por isso anda sempre a pé. Vai para a escola a pé todos os dias e às segundas ao fim da tarde, pelo atalho já referido, vai para a catequese no Centro Paroquial. Às terças e quintas tem explicação, e nos outros dias, tal como o Fábio, vai para o parque da feira jogar futebol: *“vou para lá quando vou com os meus amigos”*. Ao sábado joga futebol num clube de Famalicão. Como a sua casa se situa relativamente perto do cemitério, aos domingos vai com os pais e irmãs mais novas até ao parque da Rua da Saudade, onde brinca e joga enquanto espera pela mãe. *“Gosto deste [refere enquanto aponta no mapa para o parque infantil da rua da Saudade], porque acho que tem mais brinquedos, há aqueles e há mais outros que vão construir”*.

Enquanto a conversa decorria, os colegas um pouco tímidos começavam a aderir mais ativamente a novos temas e ao desenho das suas rotinas na vila. Fábio, como não reside na freguesia, pouco mais acrescentou às atividades já mencionadas, no entanto, António, mostrando-se mais dinâmico, vai narrando alguns assuntos mais específicos sobre os espaços onde brinca. *“Gosto assim. Só que gostava que Pevidém tivesse mais limpo, limpava o parque.”* Percorre e habita vários lugares em Pevidém todos com princípios de vivências variados: tempos de espera, encontros com amigos ou brincadeiras em família.

Após o esboçar de cada um, avançam prontamente para os baloiços na tentativa de competirem em altura, oscilando alternadamente e olhando de canto o adversário. E assim decorre o tempo de espera.

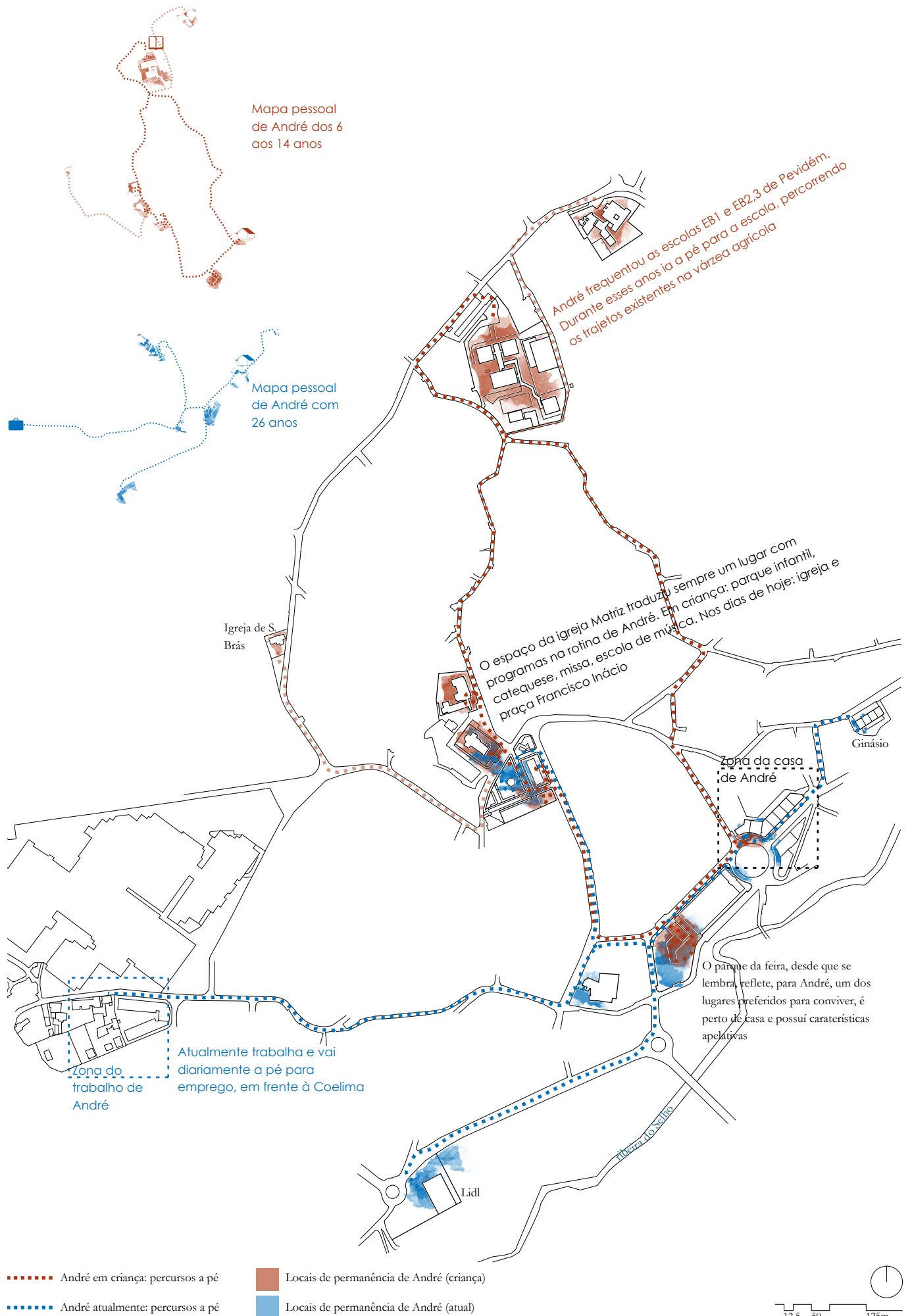


Figura 39. Mapa pessoal das histórias espaciais de André

m. Começa por explicar que o parque desportivo de S. Cristóvão não é muito utilizado pelos habitantes da vila, até porque a passagem (ponte) é recente.

No fim do trabalho, André de vinte e seis anos comparece no ginásio para assim contar as suas rotinas. Como a conversa tinha sido combinada, trazia já alguma informação relacionados com a investigação (m).

Principia o seu mapa pessoal em criança. Estudava na escola primária, referindo que não brincava nos espaços em redor *“porque a escola também sempre foi muito enclausurada”*. Lembra-se dos tempos de recreio, das corridas e jogos, no entanto, *“desde que eles fizeram as obras [novo edifício] aquilo parece que diminuiu a nível de espaço para brincar”*. Os percursos que fazia consistiam nas ligações mais diretas entre escola – casa, ou, escola – catequese/igreja, resumindo os dois atalhos existentes pela várzea agrícola. Sobre o percurso que liga as escolas à igreja Matriz acrescenta que *“usamos este caminho há muito pouco tempo na caminhada do ginásio (...) porque muita gente não conhece, e por acaso, até gostaram bastante”*. Relativamente ao segundo trajeto, *“também fazia este percurso aqui deste lado que vem praticamente dar à minha casa”*. Em criança, caminhava quase sempre acompanhado pelos amigos, em grupo, no fim das aulas. *“(...) porque nós aqui fazemos Pevidém muito à volta [acesso da rua da Circunvalação] e este aqui [aponta para atalho] acabava por ligar logo tudo”*. Quando ia para casa, ficava muitas vezes pelo espaço da feira a brincar: *“desde que construíram este campo de futebol à beira da minha casa, foi o que eu mais usei para brincar”*. Atualmente trabalha, e assim a sua rotina resume-se muito aos espaços trabalho/casa, com algumas exceções (ginásio, café, igreja). Sai de casa e vai para o emprego a caminhar, passando a feira, o centro infantil, e terminando em frente à Coelima. Ao fim da tarde, às vezes vai ao ginásio ou ao Lidl, porém, passa sempre no espaço da feira, *“mesmo a nível de comércio, tudo se concentra aqui”*. Convive frequentemente nos cafés do seu prédio, e passeia pela vila. Menciona vários espaços de Pevidém, e a forma como os vê e habita. Destaca a feira por ser perto de casa e por considerar o *“centro agora”* da vila. Sobre a várzea, valoriza *“esta zona aqui acaba por ser muito bonita”*. A zona da igreja Matriz, apresenta o lugar como palco de várias propostas de intervenção, planos e ideias, já que considera que a comunidade reconhece a necessidade de intervenção, *“aqui vejo sempre muita gente a brincar neste parque infantil quando temos alguma coisa relacionada com a vila, algum evento”*.

André é arquiteto, e reflete sobre Pevidém na relação espaço-habitante, esboçando os seus percursos e paragens sempre com justificação ou reflexão sobre a sua experiência pessoal. Por diversas vezes narra histórias e acontecimentos que vivenciou, sempre com um sorriso de satisfação e bem-estar.

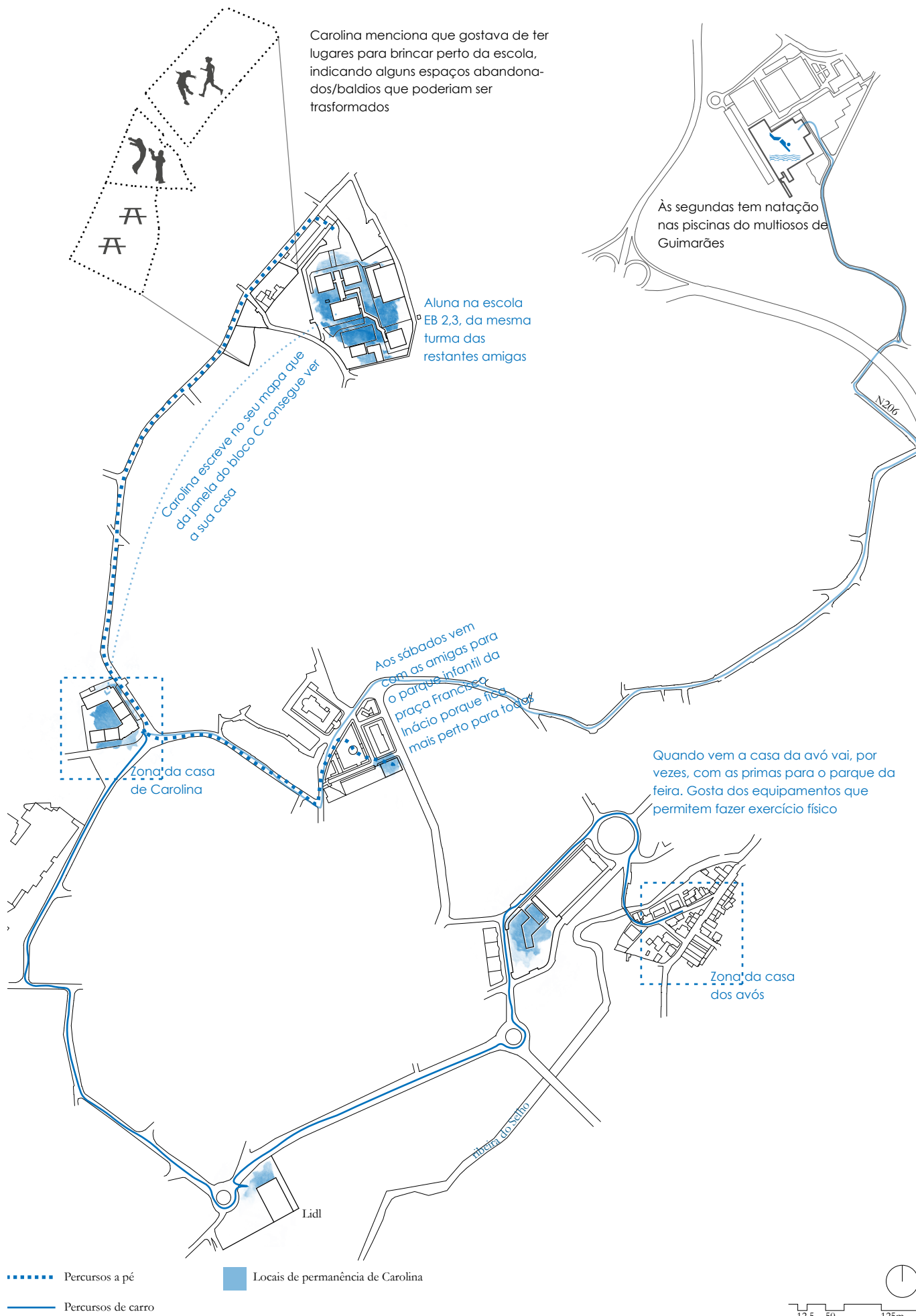


Figura 40. Mapa pessoal das histórias espaciais de Carolina

Pelas 17.30h do dia 19 de outubro, no ginásio de Pevidém Bibamais, entra a Carolina, a primeira do grupo de amigas curiosas das Férias Desportivas. Esta conversa foi marcada com a ajuda do sr. António Pacheco, num dia em que as amigas participam nas aulas de dança do ginásio, e viriam assim uma hora mais cedo para conversarem.

Começa a riscar a folha de vegetal, indicando que reside perto do cruzeiro, nos apartamentos com jardim. Tal como as colegas, estuda na escola EB 2,3 de Pevidém e, apesar de ir de carro, *“normalmente venho a pé da escola”*. Além da escola, como atividade extracurricular, tem apenas a piscina às segundas no multiusos de Guimarães, onde pratica natação, sendo um dos seus desportos preferidos. Todos os dias, no fim das aulas, vai para casa fazer os trabalhos de casa, *“alguns dias combino ir com as minhas amigas ao parque (...) à beira da igreja. (...) porque é mais perto da casa das minhas amigas (...), mas normalmente é ao sábado”*. Gosta muito de brincar e dos recreios na escola. *“Às vezes vou à casa dos meus avós (...) é à beira da feira, normalmente vou pela Lameirinho e passo o Lidl”*. Em relação ao espaço da feira, frequenta o espaço somente quando está na casa dos avós, com as primas, refere que *“às vezes vou brincar para lá com elas (...) eu gosto dos parques também com coisas de ginástica (...) mas não costumo ir muitas vezes para lá”*.

Carolina de onze anos adora os baloiços, e uma das suas ambições é poder brincar no espaço da escola *“à beira da minha escola (...) punha lá um parque”*, narrando vários espaços abandonados ou baldios na área em redor da sua escola, onde gostaria de ir e divertir-se. Gostava de, nos intervalos da hora de almoço, ou quando não tem aulas à tarde, ir para um espaço que podia até não ser um parque infantil, mas onde conseguisse brincar e divertir-se à vontade. Refere que existe espaço suficiente para se fazer um simples lugar para passarem o tempo.

Na primeira conversa com o grupo de amigas das férias desportivas, Carolina mencionou que gostaria de ter em Pevidém um baloiço como o do parque da Póvoa de Varzim. Assim, pede para desenhá-lo como gosta.

//Entretanto entram no ginásio a Leonor e a Gabriela. Carolina de imediato explica às amigas o que precisam de desenhar e o que significa o mapa. Enquanto as amigas iniciam, Carolina esquiça o seu baloiço preferido.//

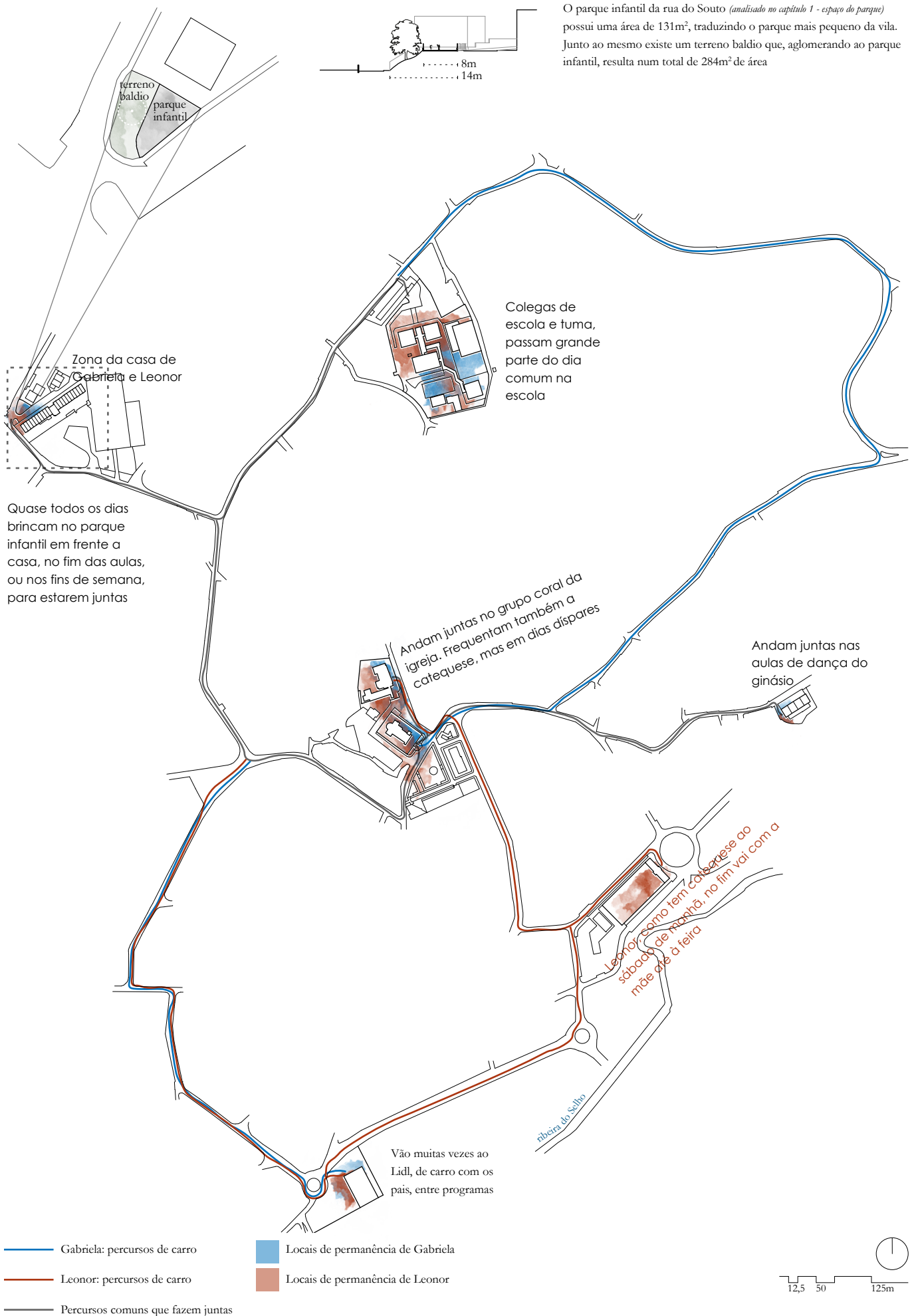


Figura 41. Mapa pessoal das histórias espaciais de Gabriela e Leonor

Leonor e Gabriela são vizinhas e moram na rua Souto de Cima. São também colegas, e têm onze anos de idade. O seu dia-a-dia está sempre preenchido com programas diversos. Tal como a Carolina, grande parte dos seus dias comuns são passados na escola. “*Às segundas vamos a pé* [para a escola], *só que é o mesmo percurso* [de carro]”. Frequentam quase todos os dias, no fim da escola, o parque infantil em frente a casa (parque da rua do Souto de Cima). Encontram-se com mais amigos e queriam que o parque fosse “- *um bocadinho maior*; - *sim, um bocadinho maior*”. Referem que o parque tem sempre bastante adesão, e por vezes tem de esperar pela vez no baloiço, quando gostariam apenas de se sentarem nele para conversarem. No entanto, gostam muito de lá estar e conviver com vizinhos, refletindo um local sossegado e favorável pois situa-se na rua delas, em frente a casa.

//Chega a Joana, e Carolina, sem demora, pega numa folha e clarifica desde logo o que a amiga precisa de esboçar.//

Ambas frequentam a catequese no Centro Paroquial, Gabriela às segundas, e Leonor aos sábados. Vão sempre de carro para o centro, por vezes juntas com boleias alternadas. São ainda membros do grupo coral da igreja matriz, tendo ensaios todos os sábados. “*Para o coro, passo pela igreja de S. Brás*” acrescenta a Gabriela enquanto desenha o percurso. Leonor menciona ainda que, no fim da catequese ao sábado, “*quando há feira, vou*” com a mãe às compras, de manhã, frequentando aquele espaço apenas para comércio ou serviços.

Andam sempre juntas, para a escola, para casa, para o parque, para o coro, e ainda vão ao ginásio, “*danças no ginásio*”, todas as sextas-feiras. Consideram-se quase como irmãs, especialmente por viverem juntas as diversas rotinas do dia-a-dia. Como são vizinhas, da mesma turma e idade, são grandes amigas e, por isso, partilham muitas atividades e planos pela vila de Pevidém. No final do desenho dos mapas, Leonor mostra vontade de esquissar o parque onde brincam, com o seu equipamento preferido em primeiro plano: o baloiço.

//Lara entra no ginásio, sendo logo arrastada pela Carolina e pela Gabriela para desenhar. Joana começa o seu mapa e Leonor continua a desenhar o parque.//



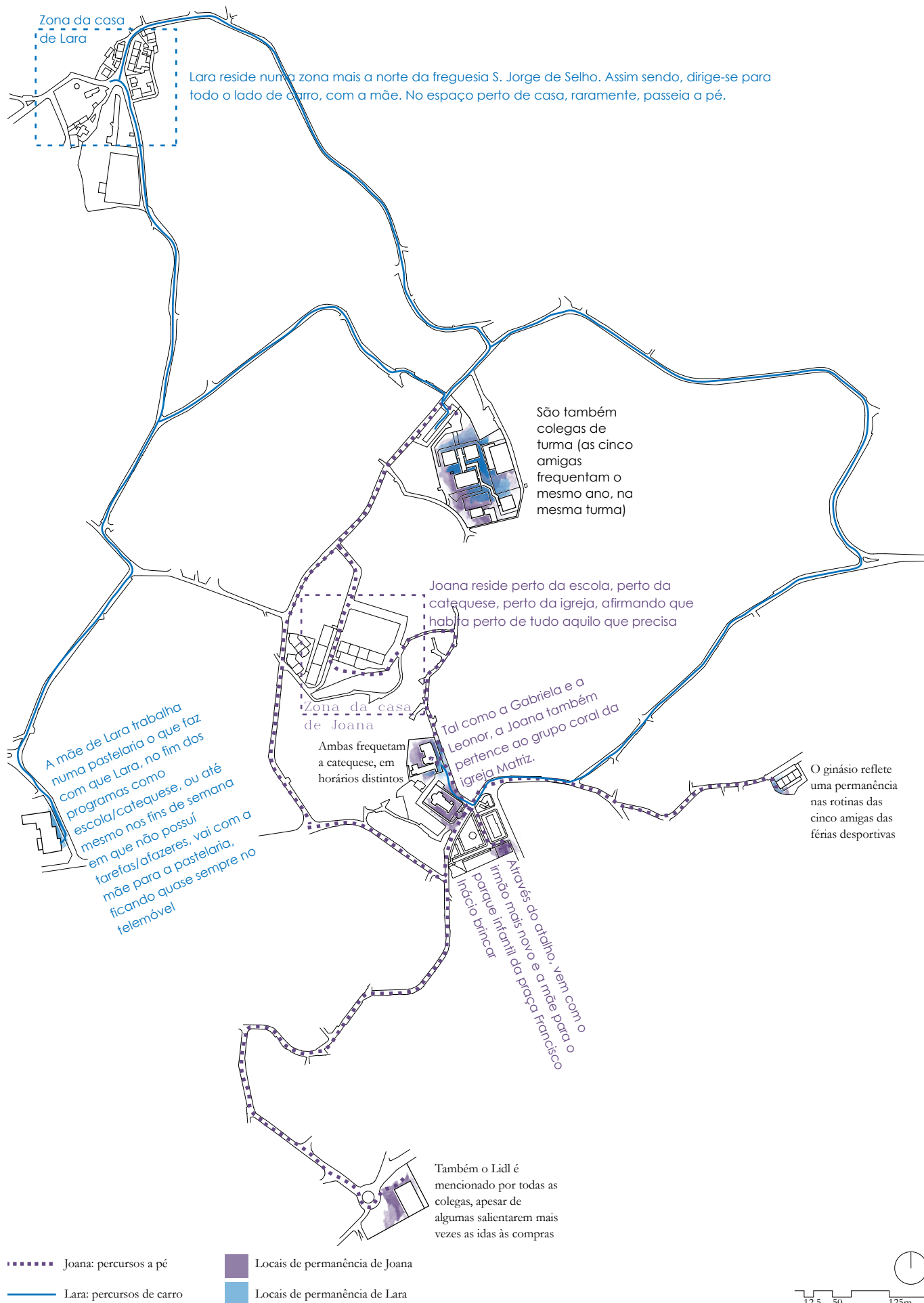


Figura 42. Mapa pessoal das histórias espaciais de Joana e Lara

O percurso entre casa-escola da Joana foi previamente analisado (nas Férias Desportivas), trata-se também da mesma zona da casa de António. “*Vou a pé [à escola e à catequese]*”, vai a pé para muitos sítios pois o local onde reside é de fácil acesso para os locais das suas atividades. Quando vai à catequese às segundas (no mesmo horário que Gabriela), percorre um estreito atalho: “*subo umas escadas*” perto da fonte existente na rua onde se localiza o Centro Paroquial, e assim consegue aceder de um modo rápido ao espaço da igreja matriz. Tal como a Gabriela e a Leonor, também faz parte do grupo coral da igreja, frequentando os ensaios aos sábados. Por vezes, vai ao parque infantil do espaço da igreja com o irmão mais novo e a mãe, para o irmão brincar e conviverem em família. “*eu também vou ao Lidl*” espaço referido por todas as amigas, não só como programa, mas também como referência de passagem.

Assim, a partir do lugar onde habita, cria uma rede de percursos diários, feitos a pé, para a escola, a catequese, a igreja, o ginásio e para o parque. Não necessita de grandes desvios nem de transportes, a sua casa situa-se “*perto de tudo*”.

Quando já tinha desenhado e pintado a escola, Lara começa a contar a sua rotina. Reside perto das Piscinas do Paraíso, mais a norte de Pevidém, e percorre a freguesia “*sempre de carro, nunca vou a pé*”. Tem aulas todos os dias, e no fim das aulas vai muitas vezes para a pastelaria onde a mãe trabalha, *Princesa Perdida*, “*às vezes vou para lá*”. Aos fins de semana, “*quando não tenho ninguém em casa tenho de ir com ela [mãe]*”, e passa o tempo na pastelaria, com a mãe, quase sempre no telemóvel ou a fazer trabalhos de casa. Às segundas “*também vou à catequese, é o mesmo da Gabi*”, “*da escola vou direta para a catequese (...) de carro com ela [Gabriela]*”. Em relação aos parques infantis, “*vou raramente ao parque à beira da casa delas [Leonor e Gabriela]*”. Acrescenta que o seu dia-a-dia é muito simples em comparação com o das amigas. Não usufrui de variedade de programas, contudo gostava de poder ter mais tempo livre. Às vezes passeia a pé perto de casa, pela zona das piscinas, mas não considera uma rotina habitual.

Enquanto Lara terminava o desenho do seu mapa pessoal, indicando a pastelaria onde a mãe trabalha, Leonor tirava algumas fotografias à porta do ginásio com as amigas. No fim, comparam os mapas e riem-se do resultado, comentando os percursos de cada uma e aquelas que percorrem Pevidém por completo, e que devem por certo “*conhecer tudo*”. Concluindo a sessão de fotografia, apressam-se para a aula de dança, prestes a começar.

Concluindo a segunda fase *da Palavra ao Traçado* como primeiro contato com a comunidade pevidense no espaço da vila, as diversas conversas refletem um conjunto de rotinas diárias comuns entre as pessoas e as crianças. Com estes mapas de histórias espaciais pretende-se olhar Pevidém como um espaço de ações e movimentos, como um espaço habitado.

*“The opacity of the body in movement, gesticulating, walking, taking its pleasure, is what indefinitely organizes a here in relation to an abroad, a ‘familiarity’ in relation to a ‘foreignness’. A spatial story is in its minimal degree a spoken language (..)”*<sup>34</sup>

Após recolha e análise dos mapas pessoais de histórias espaciais, e refletindo nas ações comuns e nas analogias entre espaços, define-se cada mapa como parte integrante do habitar comum de Pevidém. Ou seja, cada esquiço efetuado pelo interveniente, representando a sua rotina comum, traduz um dos variados elementos que permite configurar e idealizar a freguesia como lugar vivenciado. Deste modo, nesta fase *da Palavra ao Traçado* procedeu-se a uma exploração mais individual e pormenorizada do habitar pessoal, relacionando apenas mapas entre amigos ou colegas, permanecendo ainda por investigar o conjunto do habitar comum em Pevidém.

Cada traço resume uma ação, cada ação cria o mapa, cada mapa reflete um habitar, cada habitar traduz um espaço.

Histórias espaciais como forma de olhar Pevidém, e assim interpretá-lo. Através da compreensão detalhada, aborda-se finalmente o comum. Pretendem-se perceber a vila de Pevidém com base nos diversos assuntos tratados e analisados como reflexo das conversas e desenhos esquiçados pelos participantes. Também pequenas notas ou referências ao longo do diálogo, permitem estabelecer a unidade pretendida para a compreensão do espaço da vila. Assim, baseado na *observação* inicial (capítulo I), na primeira parte do capítulo II: *falar de perto*, e na interpretação individual dos mapas pessoais, entende-se a necessidade de associação e relação entre as diversas rotinas observadas ou estudadas.

Posto isto, procede-se então à análise geral com base no conjunto dos treze mapas pessoais. Com recurso à ferramenta de **sobreposição**, compreendem-se os fatores de comparação inerentes.

34. *Idem*, p. 130

Assim, interpretam-se as várias rotinas de forma a possibilitar o olhar comum, o habitar global sobre a vila.

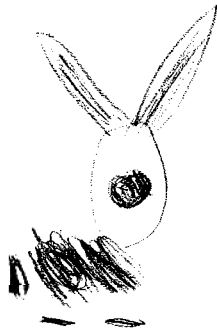
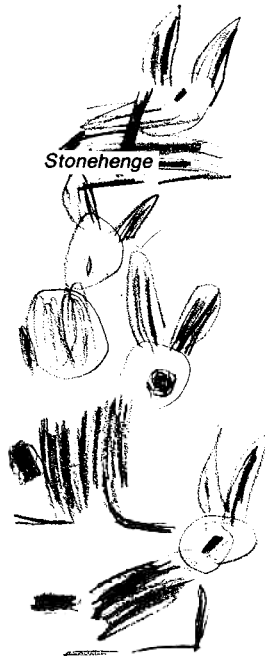
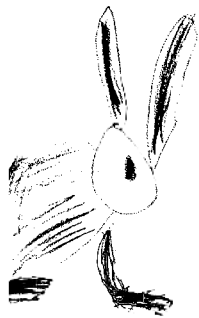
Em termos de relações ou comparações intrínsecas, abordam-se os agentes que criam essas mesmas analogias: **o espaço da escola** é tido como habitar comum nos mapas das crianças, ou nas lembranças já adultas, refletindo o espaço diário mais preenchido no dia-a-dia comum de uma criança. Surge ainda uma nova área, até agora pouco interpretada e compreendida, que inclui o **espaço do cemitério** da freguesia, com os dois parques infantis adjacentes, e a **igreja de S. Brás**. Com base nos diálogos percebe-se também o significado do **espaço da igreja Matriz**. Este é retratado como um local de programas diversos (catequese, escola de música, grupo coral), ou ainda lugar de passagem e espera, o que faz com que a idealização do centro comece a desvanecer, sendo agora absorvida pelo parque da feira. Assim, **o espaço da feira**, apesar de não ser retratado por todos os participantes, quando é abordado, é tido como um dos lugares principais da vila, um espaço que abrange variadas funções, como convívio, encontros, compras, passagem, permanências, brincadeiras, exercício, entre muitas outras apropriações.

Percebe-se ainda que espaços como o **parque desportivo de S. Cristóvão** não é considerado como lugar pertencente às rotinas de Pevidém. Também a zona do **Lidl** e da **indústria Coelima** são bastantes vezes referidos e tidos como uma referência ou marco para a vila, no entanto, não correspondem a lugares de permanência, apenas serviços e compras semanais (lidl) e de passagem (lidl e Coelima). Um outro fator comum reflete apenas a estratégia da investigação, pois antes desta fase, situa-se a experiência de um dia nas *Férias Desportivas*. Trata-se do ginásio *Biba Mais*, organização que constitui e estrutura a atividade de verão, o que faz com muitos dos intervenientes sejam clientes da instituição.

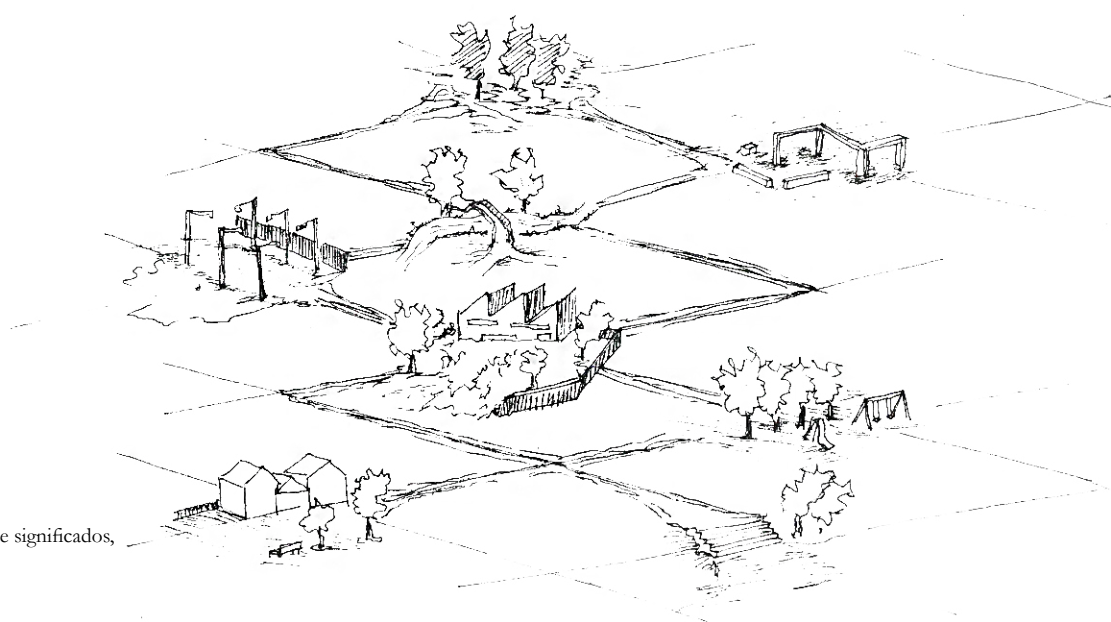
O segundo capítulo *dialogar* retrata o progresso sobre o *observar*, permitindo assim olhar Pevidém de perto, compreendendo particularidades através do diálogo e da compreensão, anteriormente invisíveis. O lugar como espaço vivenciado pelas pessoas, pelas rotinas, pelo dia-a-dia comum. Assim, o capítulo II permite avançar na ação, exercer influência sobre o lugar, **interagir** sobre o espaço.

*“In short, space is a practiced place”.*<sup>35</sup>

**Figura 43.** *Child's coloured pencil drawings of rabbits  
(colours as own stuffed toy rabbit)*  
in. SMITHSON, Alison. 1983. *AS IN DS*, Lars  
Muller Publishers, Switzerland, reprint 2001,  
p.112-113



*“De acordo com as instruções do príncipezinho, desenhei esse planeta! Não gosto nada de me dar ares de moralista. Mas o perigo dos embondeiros é tão pouco conhecido e são de tal ordem os riscos que corre a pessoa perdida num asteróide que, desta vez, quebro, por exceção, a minha reserva. E digo: ‘Meninos! Cautela com os embondeiros’ ”.*<sup>36</sup>



**Figura 44.** União de sentidos e significados, ligação entre rotinas e espaços  
15.08.18

36. SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. 2009. *O Príncipezinho*, Editorial Aster, Lisboa, p. 24

## Capítulo III. **INTERAGIR**



*“ - Há milhões de anos que as flores fabricam espinhos. Há milhões de anos que, apesar disso, as ovelhas comem as flores. E não será uma coisa séria procurar compreender porque é que elas têm tanto trabalho para fabricar espinhos que não servem para nada? Não será importante a guerra entre as ovelhas e as flores? Não será uma coisa séria e mais importante que as adições de um senhor gordo e encarnado? E se conheço, eu, uma flor única no mundo que não existe em mais parte alguma senão no meu planeta e que uma ovelhinha pode aniquilar de uma só vez, de repente, numa certa manhã, sem ter a noção do que faz, não será isso importante?”*<sup>37</sup>

37. SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. 2009. *O Príncipezinho*, Editorial Aster, Lisboa, p. 29

Como necessidade inerente à interpretação praticada e informação recolhida no capítulo II *Dialogar*, torna-se relevante e essencial sintetizar o conjunto de ações comuns, evidenciando questões e assuntos relevantes sobre a vila de Pevidém.

*“Places are fragmentary and inward-turning histories, pasts that others are not allowed to read, accumulated times that can be unfolded but like stories held in reserve, remaining in an enigmatic state, symbolizations encysted in the pain or pleasure of the body (...) the well-being under-expressed in the language it appears in like a fleeting glimmer is a spatial practice”.*<sup>38</sup>

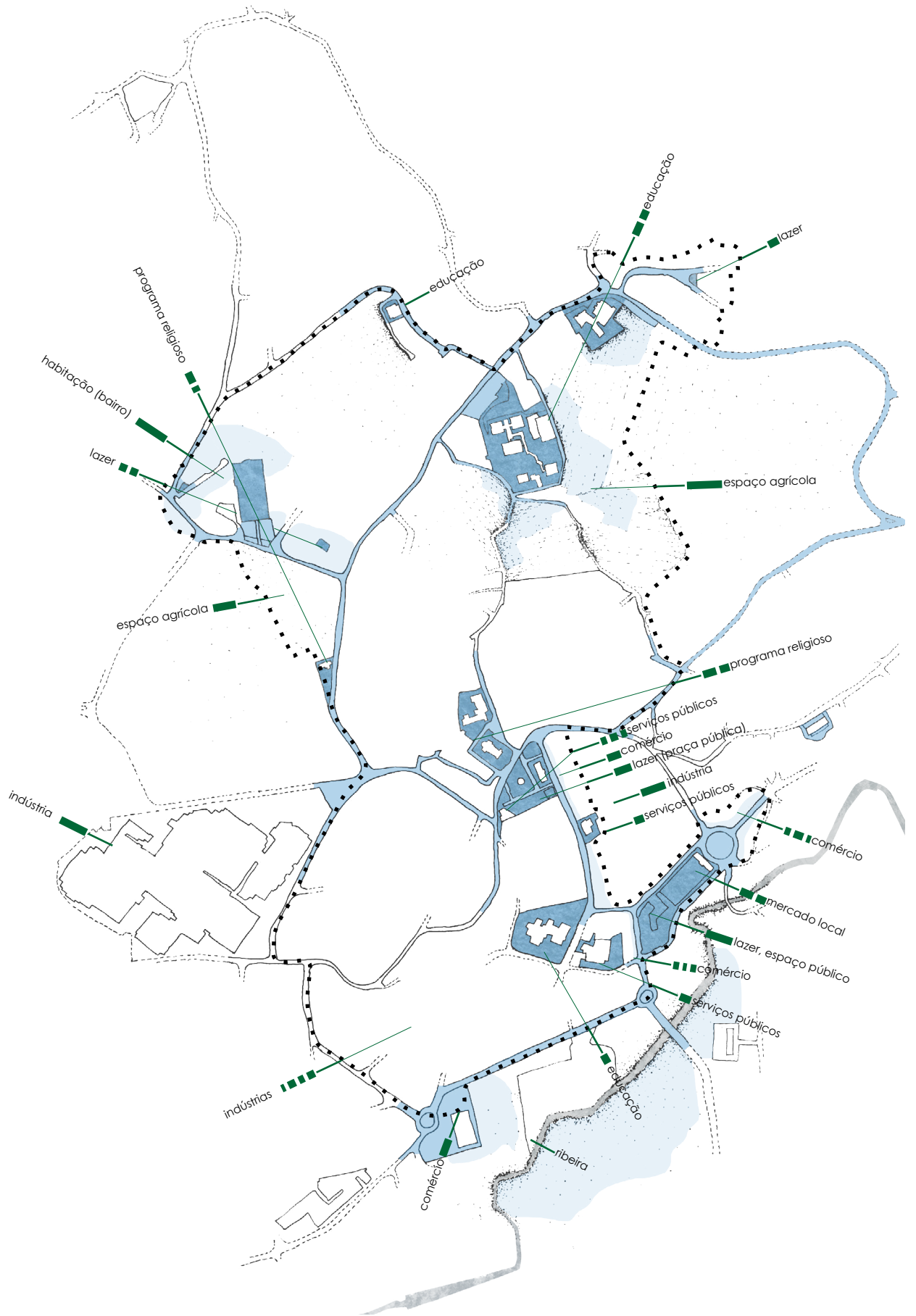
Com base no mapa comum de histórias espaciais da vila (figura 34), *interagir* assume a função de catalisador na investigação, ou seja, o terceiro e último capítulo aborda e propõe temas inerentes sobre o habitar comum existente na vila. São tratados e examinados aspetos fundamentais na conceção do espaço coletivo, noções e conceitos evidenciados ao longo de todo o processo de trabalho, desde o *observar* inicial, o *dialogar*, permitindo assim estimular a ação, incitando a comunidade e a vila, *interagir* com o espaço habitado.

Num processo contínuo de observação, análise, estudo, pesquisa, origina-se uma intenção, sucedida da necessidade ou motivo específico para *interagir* na relação entre a rotina e o espaço onde esta ocorre. Pretende-se assim indagar sobre o como favorecer os hábitos comuns, evidenciar as vidas sociais e percursos diários, potencializar o habitar na vila.

No decorrer do presente capítulo, com base nas diversas histórias espaciais, foca-se a **criança**, dando sempre prioridade aos espaços vivenciados e experimentados pelas crianças. Por conseguinte, as rotinas infantis possuem maior reflexão ao longo de todo o processo de investigação, no entanto, remetendo sempre para o habitar comunitário geral. Assim, como primeira interação fundamental, recorre-se à base do mapa comum, o habitar comum.

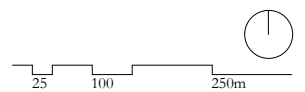
*Interagir* traduz uma evolução gradual, principiando a vivência global em Pevidém, analisada e representada, para assim possibilitar o detalhe e a particularidade de uma ação, de um espaço ativo, sobre o qual se questiona ou acrescenta assuntos relevantes, ultimando um modo progressivo de ação.

38. CERTEAU, Michel de, *op. cit.*, p.108



**Legenda:**

- Ações coletivas
- Programas habituais  
(quantidade - nº de traços  
movimento/adesão - dimensão do traço)
- Área que abrange os mapas pessoais



**Figura 45.** Traços de memória comuns tangentes aos tempos de atividades, às rotinas individuais e aos programas diários

## Traços de Memória Comuns

*“The trace left behind is substituted for the practice. it exhibits the (voracious) property that the geographical system has of being able to transform action into legibility (...)”*<sup>39</sup>

No conjunto das histórias espaciais recolhidas, interpretam-se os desenhos através das atmosferas de ação, das atividades diárias e dos programas que advém das rotinas. Procura-se assim descobrir lugares com atividades e hábitos comuns, analisar os movimentos existentes, das crianças e da comunidade em geral.

*Traços de memória comuns* exprime uma reflexão acerca do significado geral da observação inicial, da interação com a população e respetivos mapas. Nesta relação dos elementos recolhidos, cria-se uma memória comum: as ações espaciais da vila de Pevidém. Assim, do desenho de edifícios, arruamentos, parcelas, sucede o progresso de uma recolha de ações humanas, sobre a qual nem sempre são demarcados os limites físicos, ou objetos concretos presentes na vila, apenas atos e percursos adjacentes a determinados programas ou espaços (n).

n. Por espaços entende-se todo e qualquer lugar (desde edifícios públicos, habitações, praças públicas, arruamentos, entre outros) no qual acontecem ações e atividades.

Na figura 45 representam-se as interseções ativas na freguesia, os conjuntos ou aglomerados de atividades diárias, unificados pela ramificação dos movimentos dos habitantes, ou seja, traduz a junção dos mapas pessoais e a observação inicial. Com esta representação inicia-se o processo de **interação**. Primeiramente representa-se a vila como lugar habitado, cenário de histórias, histórias comuns e pessoais, identificando-se as principais superfícies ativas. Deste modo, através do suporte criativo, é possível decifrar de que forma é narrado determinado espaço ou ação, que devem ser refletidos principalmente nos mapas pessoais.

Com o consumir da base narrativa sucedem as ações espaciais. Estas atividades são descritas através de palavras, mais especificamente, **verbos** tangíveis ao desenho. Surge então o *léxico verbal de ações comuns*, (o) um conjunto de catorze práticas ou ações com significados divergentes entre si. Através deste léxico procede-se à narrativa da ação análoga presente em Pevidém, onde se qualifica cada cenário através da história que nele flui.

o. léxico no sentido de termos distintos de um conceito específico, das ações próprias de um espaço.

39. *Idem*, p.97



Figura 46. Espaços ativos através do verbo refletido em cada história de cada lugar

De um aglomerado de interpretações e considerações é traçada a ação coletiva dos que habitam, visitam ou passam pela vila de Pevidém. Pensar e conceber os *traços de memória comuns* nos tempos de atividades, nas rotinas individuais, refletindo cada espaço de tempo através de um verbo traduzido em cada lugar, em cada cenário, em cada história.

*léxico verbal de ações comuns*

Do conjunto dos verbos ativos reconhecidos nos hábitos comuns da vila, provenientes principalmente dos diálogos analisados, sucede a sua representação e significação no contexto da investigação, uma vez que se assumem como vocábulos definidos especificamente para traduzir o habitar comum de Pevidém. Assim, elucidam-se os catorze significados:

**Aprender** - ação de adquirir conhecimento ou domínio de um assunto/tema, neste caso, no estudo ou na prática, através de aulas, lições e explicações, num local específico para esse fim presente na vila (escola, catequese, música);

**Brincar** - divertir no sentido de entreter, imaginar, apropriar, recrear, num espaço que pode ou não ser programado para esse fim, qualquer lugar é um lugar para a imaginação;

**Comprar** - adquirir algo entre bens e serviços, com pagamento ou trocas mercantis, num local específico para esse fim (lojas, serviços públicos, Lidl e feira em Pevidém). Mais apropriado por adultos;

**Conviver** - estar em comunidade, relacionar-se com outrem, viver proximamente, conviver como atividade comunitária comum a qualquer espaço; conversas ocasionais, cumprimentos casuais, qualquer contato familiar entre diferentes pessoas;

**Encaminhar** - seguir um caminho com um propósito, caminhar para algum sítio para completar uma tarefa específica, dirigir-se a um determinado local;

**Encontrar** - estar com alguém, com marcação antecipada, ter um encontro combinado com amigos, conhecidos ou familiares, num local público ou comum às respetivas pessoas;

**Esperar** - ficar num lugar a aguardar alguém ou alguma coisa, ou até que chegue a hora precisa de um programa;

**Estar** - encontrar-se num determinado sítio; estado habitual num lugar ou situação ou ação; ficar ou permanecer num local; condição comum de observador; espaço de espera, estar no sentido de se localizar naquele lugar;

**Estudar** - relacionado com aprender, analisar um determinado assunto, interpretá-lo e aplicá-lo. Ação diretamente relacionada com ser estudante, por isso é mais ativa em locais como escolas e aulas de música;

**Exercitar** - praticar ou treinar um desporto, ou simplesmente atividade como *hobby* de exercício; em sítios próprios ou percursos adequados;

**Jogar** - relacionado com brincar; praticar um jogo, desporto, movimento ou brincadeira; associado a desportos de equipa, de competição;

**Passar** - ação de passagem; percorrer ou atravessar um espaço, sem um propósito específico; estado de acesso ou ligação entre lugares (neste caso, freguesias e cidade);

**Passear** - Caminhar a pé como forma de distração, com ritmo lento e vagaroso, para entretenimento ou exercício físico. Fluir num espaço por divertimento e divagação.

**Trabalhar** - relacionado com profissão de alguém, no local específico do trabalho; exercer a sua ocupação profissional, o seu ofício; neste caso associado à atividade agrícola e industrial da vila;

A figura 46 traduz o espaço habitado a partir das ações verbais analisadas. A cor azul presente no desenho revela o olhar para um lugar através das ações humanas, sem limites ou estruturas físicas, somente manchas incessantes e contínuas, em contante relação graças às histórias e às rotinas nelas contidas. Assim, surge o princípio das **histórias espaciais comuns** em Pevidém.

*“A spatial story is in its minimal degree a spoken language (..)”<sup>40</sup>*

40. *Idem*, p.130

*Traços de memória comuns* retrata a vila de Pevidém primeiramente através dos campos de ação de cada um, de cada rotina. Apesar de na figura 46 não se verificar a representação da vila pelos limites, arruamentos ou edifícios, não significa que os mesmos não sejam parte integrante de cada ação. Na verdade, uma mancha ativa termina muitas vezes devido a um limite físico, a uma rua ou edificado, sendo assim necessário estabelecer uma interpretação de atuação mútua entre o verbo comum e as morfologias características de Pevidém, de modo a potencializar e por vezes reativar ações neutras.

A partir deste primeiro ato de narração do território, cria-se um novo sentido para o entendimento do espaço habitado como rotina. A vila de Pevidém abrange hábitos e usos diários diversificados e distintos, no entanto, partilhando muitas vezes os mesmos lugares, programas e trajetos ativos. Neste aspeto, são também evidenciados os espaços de maior permanência de atividade diária idêntica (figura 46 - mancha azul mais forte), que estão muitas vezes associados ao facto de Pevidém compreender serviços que respondem às comunidades vizinhas, entendido como centro urbano.

Deste modo, visando o *léxico verbal de ações comuns* como reflexo da unidade estabelecida nos *traços de memória comuns*, no sentido de um único lugar habitado por uma comunidade, pretende-se evidenciar uma intenção no que diz respeito à compreensão da vila, ao entendimento das vivências distintas, contudo comuns.

*“(...) exploiting every possibility of making the world less abstract, less hard and alien, a warmer place, more friendly, more hospitable, more appropriate, a world, in short, that is relevant to its inhabitants.”*<sup>41</sup>

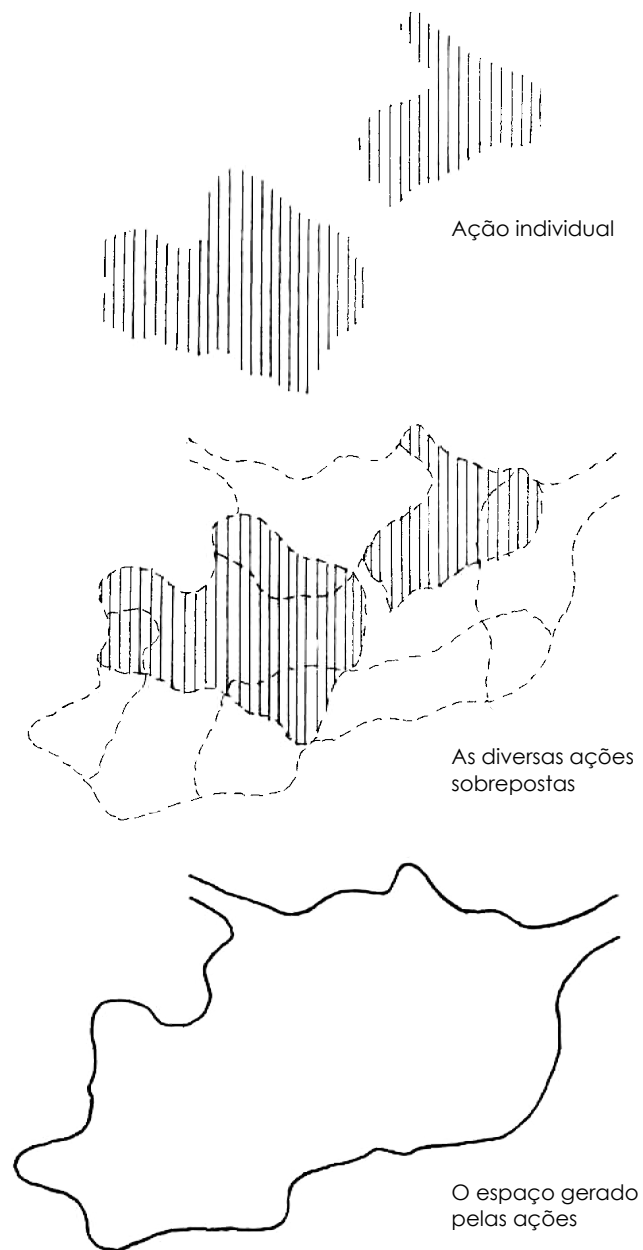
Perceber e interpelar as analogias agora expostas e manifestadas pelas ações e diálogos de cada um, para assim desvendar o pensamento refletivo na relação entre o lugar e a pessoa, proporcionando a percepção mútua.

*“Social cohesion is based primarily on mutual understanding and commitment, trust, respect, not to mention the realisation that this cohesion is in everyone’s best interests. (...) see it as a part of our task to develop prototypes for it.”*<sup>42</sup>

41. HERTZBERGER, Herman. 1977. *Architecture for people*, a+u Architecture and Urbanism, volume 3, no. 73, March, Editor Yoshio Nakamura, Tokyo, Japan, páginas 124-146, p. 126

42. HERTZBERGER, Herman. 2008. *Space and Learning: lessons in architecture 3*, 010 Publishers, Rotterdam, p.4





## Por Camadas

*“(...) architecture in its relevance-to-people can only deal with the things that matter to ordinary day-to-day living, in particular the exaggeratedly small things;”*<sup>43</sup>

Delineando uma base geral que transpõe toda a informação recolhida desde observação, conversas, pesquisa, investigação e recolha fotográfica, principia-se uma abordagem específica sobre os espaços mais influentes e respetivos verbos de ação. *Por Camadas* analisa sobreposições e analogias entre atividades no mesmo espaço-tempo.

Constatando novamente a figura 46, denotam-se alguns espaços mais intensificados pela cor azul, lugares com mais variedade e vivacidade de ações coletivas. Assim, de modo a especificar cada ação do léxico das histórias espaciais presentes nos espaços, são explorados quatro espaços relevantes nas rotinas das crianças e da comunidade em geral, situados na vila. Cada espaço selecionado é estudado *por camadas* de ação (figura 47), percebendo-se relações de sobreposição, tangência, intensidade/quantidade e conexões entre atividades semelhantes ou que se repitam. Torna-se essencial compreender ainda as envolventes próximas, as ações que influenciam a vivacidade encontrada. Desta forma, o espaço é tido como lugar experimentado, através do tempo e de rotinas humanas.

As quatro áreas selecionadas, apesar de não possuírem limite físico na representação em planta e corte, são abordadas conforme as atividades nelas existentes, delimitando-se o espaço através dos verbos de ação, muitas vezes definidos por divisas construídas. Assim, a representação em planta permite apreender o lugar retratado unicamente pela atividade nele presente, já a representação em secção complementa o estudo pois ilustra o construído e o solo que muitas vezes definem a área ativa.



43. HERTZBERGER, Herman. 1977. *Architecture for people*, a+u Architecture and Urbanism, volume 3, no. 73, March, Editor Yoshio Nakamura, Tokyo, Japan, páginas 124-146, p. 124



Figura 48. Ações comuns no espaço das escolas

## espaço das escolas

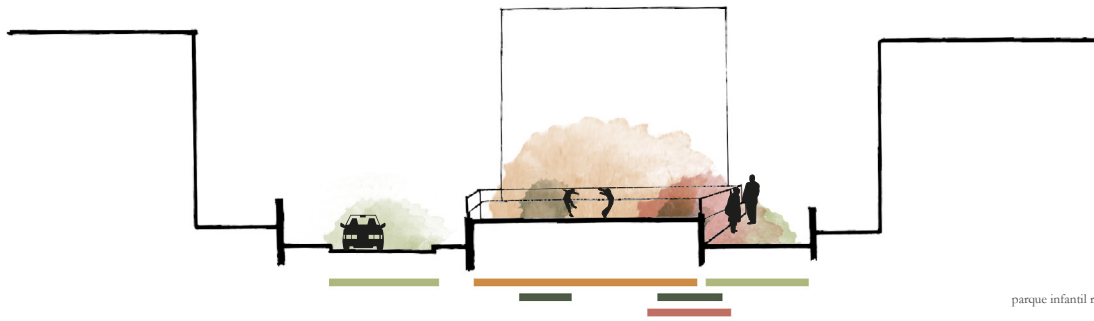
Na primeira área em análise denota-se a presença de focos de atividade, com abundância e variedade de ações, ligeiramente distanciados. As camadas ativas refletidas nesta amostra revelam a presença de verbos diretamente associados a relações sociais (brincar, conviver, estar, aprender) constantemente relacionados com as rotinas das crianças. No conjunto dos treze mapas pessoais recolhidos, as nove crianças intervenientes indicaram estes espaços, e os caminhos pelos quais se dirigiam. Desta forma, no *espaço das escolas* reconhecesse a importância da vivência infantil nos lugares marcados. No entanto, os espaços entre ações (os negativos a branco) refletem a escassa interatividade presente. Ou seja, **as ações mais comuns carecem de narrativas de associação, de fluidez espacial. Para que entre os focos de atividade decorram interações criativas, é relevante criar eixos de comunicação que permitam narrar a permanência de uma ação específica.**

Através da figura 48 é possível identificar algumas ações com limites de atividade sólidos e perfeitamente assumidos. Percebe-se ainda os arruamentos e vias principais, pelos verbos *passar* e *encaminhar*. Nesta figura salienta-se com grande dimensão a ação verbal *trabalhar*, refletindo uma prática ativa própria à rotina da vila (indústria e agricultura) entre os principais focos de atividades diversas, e respetiva falta de associação entre espaços distintos.

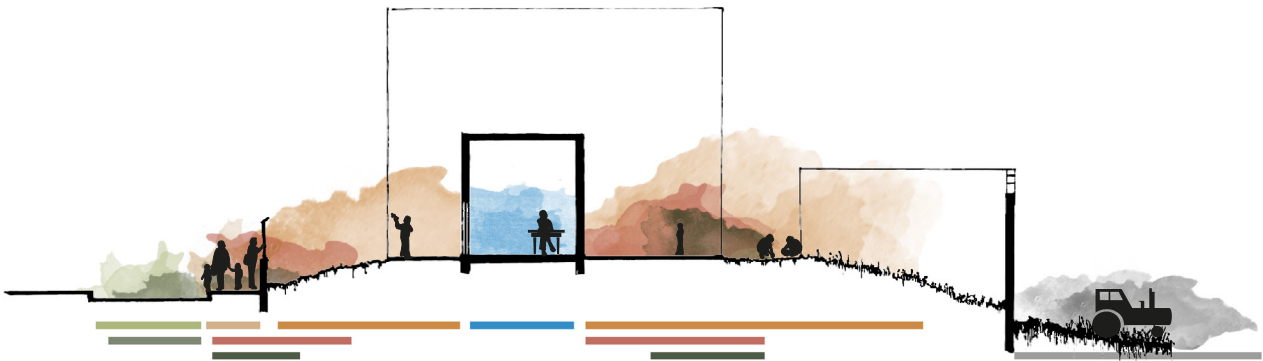
Remetendo para o lugar, o *espaço das escolas*, reconhecem-se quatro focos da ação *brincar* diretamente associada à atividade e ao habitar infantil. Estes quatro lugares consistem nas escolas EB1 e EB2,3 de Pevidém, o infantário Mundo dos Sonhos e o parque infantil da Urbanização da Lapa. Foca-se a vivência da criança, refletida no espaço da escola e do parque, lugares onde passam grande parte dos dias comuns, principalmente na escola, no recreio. Olhar o espaço da escola e refletir apenas no edifício construído ou até mesmo no espaço exterior gerado, torna-se insatisfatório no sentido de compreensão do seu verdadeiro significado, a rotina da criança.

*“this space and this space  
this interior and this exterior  
this school and these buildings  
this school and other schools  
the school and the community  
the community and the land-scape”*<sup>44</sup>

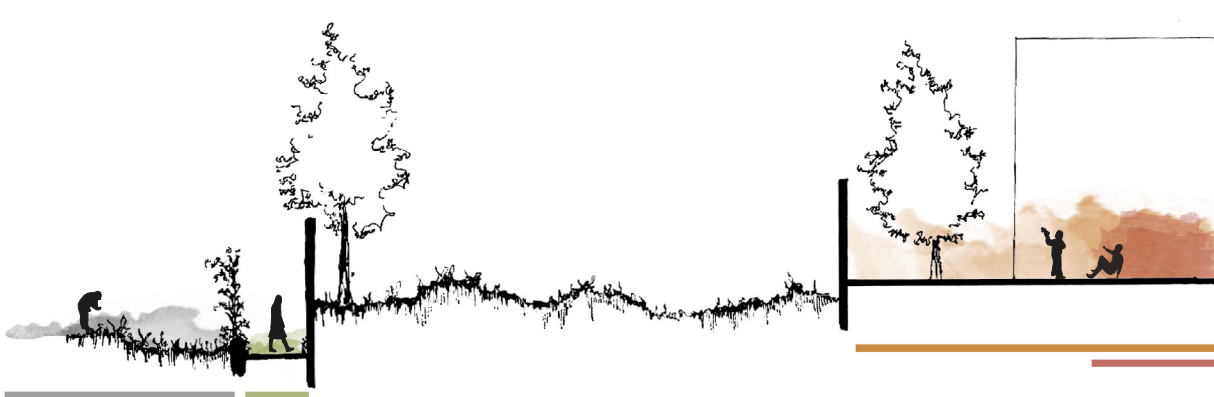
44. SILVA, Cidália F. 2017. *The Planetary School*, Manifesto, escrito na Gulbenkian, Biblioteca de Arte, Lisboa, 13.10.2017 (não publicado)



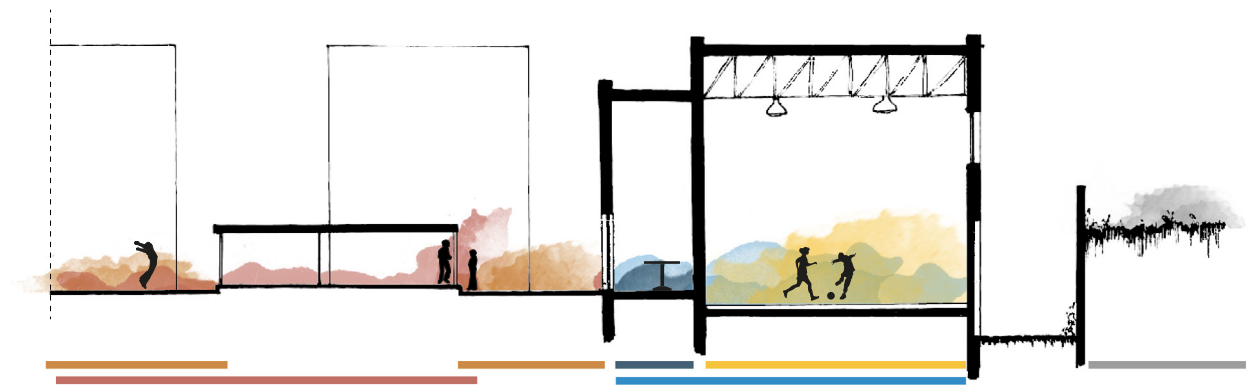
Secção a, a'  
parque infantil rua da Urbanização da Lapa



Secção b, b'  
EB 1 de Pevidém nº1



Secção c, c'  
EB 2.3 de Pevidém



- |   |          |   |            |   |         |   |           |
|---|----------|---|------------|---|---------|---|-----------|
|  | Aprender |  | Encaminhar |  | Estudar |  | Trabalhar |
|  | Brincar  |  | Esperar    |  | Jogar   |   |           |
|  | Conviver |  | Estar      |  | Passar  |   |           |

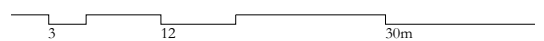


Figura 49. Secções das ações comuns no espaço das escolas

O sentido de escola para a comunidade, o conteúdo que lhe advém nas analogias com a paisagem. A escola é assim tida como lugar habitado, repleto de ações comuns diversas.

Deste modo, na figura 49 representam-se seções que pretendem potencializar o sentido da planta do espaço. Com base nas mesmas percebem-se os espaços físicos, o edificado e solo público/privado. Os eixos que limitam determinada atividade refletem muitas vezes obstáculos físicos, que impedem a naturalidade espacial do verbo, ou seja, criam separações ou o bloqueio da relação entre áreas ativas, quebrando vínculos entre ações semelhantes. Nas seções são representados detalhes como muros, vedações e inclinações do terreno, a partir dos quais a ação cria os seus limites e conformidades.

Principiando o espaço do parque infantil (secção a), este já analisado no capítulo I - *o espaço do parque*, percebe-se a escassa articulação geral no mesmo lugar, no sentido em que o parque se situa na definição de uma bifurcação, o que faz com que seja limitado não só por muro com vedação, como também pelas vias que o contornam, gerando assim a quebra entre ações.

Em relação à escola EB1 de Pevidém (secção b), esta encontra-se circunscrita pela rua da Circunvalação e pela várzea agrícola. Nesta ligação ou tangência com a várzea, evidencia-se o muro de 2,5 metros de altura, criando um limite físico entre a escola e o campo, que bloqueia a relação entre as áreas ativas. Não sendo possível observar ou contemplar a paisagem adjacente à escola primária, traduzindo uma fronteira física notável. A partir do parque de estacionamento localizado lateralmente à EB1, é possível perceber as diversas possibilidades que poderiam potencializar novas relações ou novas narrativas de associação. Olhar o muro e ver uma oportunidade em vez de um problema, apropriá-lo na intenção de justificar a sua presença e necessidade como vínculo entre lugares, talvez apenas pela possibilidade de contemplação do lugar.

Finalmente a escola EB2,3 de Pevidém, não obstante ao facto de a área interna ser quase invisível a partir do exterior, percebem-se os pavilhões, no entanto, tal como no caso da escola primária, a várzea agrícola contorna parte dos limites da escola. No espaço entre as duas áreas existem os percursos já estudados, ambos definidos por limites fortes: muros com cerca de 3 metros de altura, dividindo ações, quebrando uma articulação que poderia ser imposta numa relação de continuidade. Ou seja, ambos os espaços escolares carecem de analogias semelhantes entre ações. As atividades estão presentes e ocorrem nos lugares, no entanto não são narradas em conformidade, não potencializam o uso diário comum.



Figura 50. Ações comuns no espaço da igreja de S. Brás | Cemitério

Num segundo espaço procura-se explorar a relação entre as diversas cotas presentes. As ações repetem-se em momentos distintos, o *estar*, o *conviver* e o *encontrar* evidenciam-se pela pluralidade que transmitem, estando presentes de certo modo aleatório pela amostra. Assim sendo, narram-se histórias espaciais comuns à comunidade pevidense, lugares que acolhem rotinas diárias usuais. Percebe-se ainda que a ação *estar* alberga as restantes atividades principais (*encontrar, conviver, brincar*), o que significa que os lugares assinalados possuem um caráter público, de acesso livre a todos. As manchas de *trabalhar* acabam por traduzir as fronteiras das ações comuns. Contudo, não significa que sejam o seu limite.

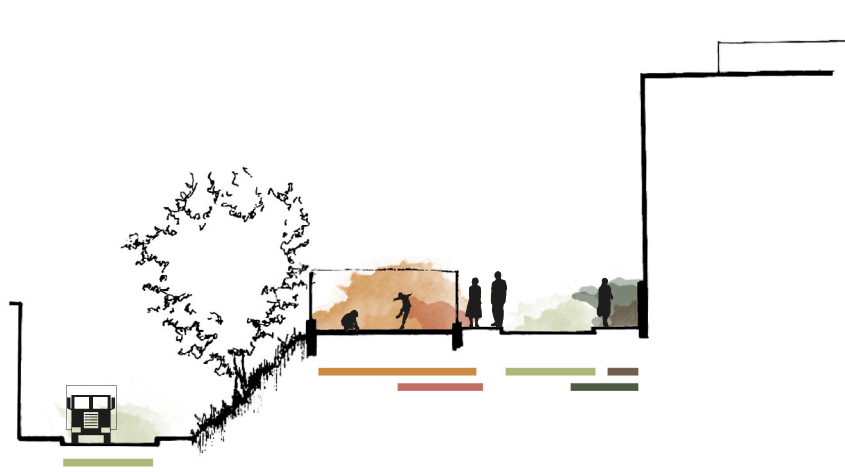
Na figura 50, representa-se o espaço da igreja de S. Brás e o cemitério da vila. Anteriormente, no primeiro reconhecimento da vila de Pevidém (capítulo I), estes lugares não foram analisados individualmente, isto é, sem ser num contexto geral da vila. No entanto, consoante os diálogos e posterior análise no capítulo II deste mesmo espaço, é agora refletida a sua relevância nas rotinas da comunidade pevidense. A igreja de S. Brás traduz um marco de referência para a vila, e o espaço do cemitério encontra-se entre dois parques infantis da vila: o parque da rua do Souto de Cima e o parque da rua da Saudade. Distanciados por 350 metros (quatro minutos a pé), ambos os programas (cemitério e igreja) são referidos por quase todos os intervenientes das conversas.

Recentemente o cemitério da freguesia foi restaurado, através de uma requalificação de espaço público, entre 2016 e 2017. Também na zona do parque infantil da rua da Saudade, o espaço em torno do parque encontra-se em requalificação (data: 2018), com implantação de canteiros, zonas de estar e o parque infantil (este já pronto). Deste modo, o espaço atrai e aproxima as pessoas que residem perto do cemitério.

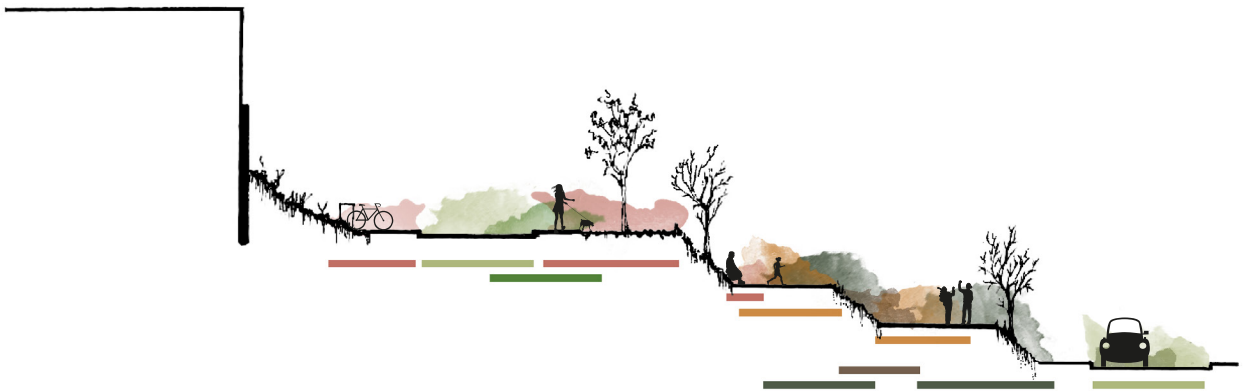
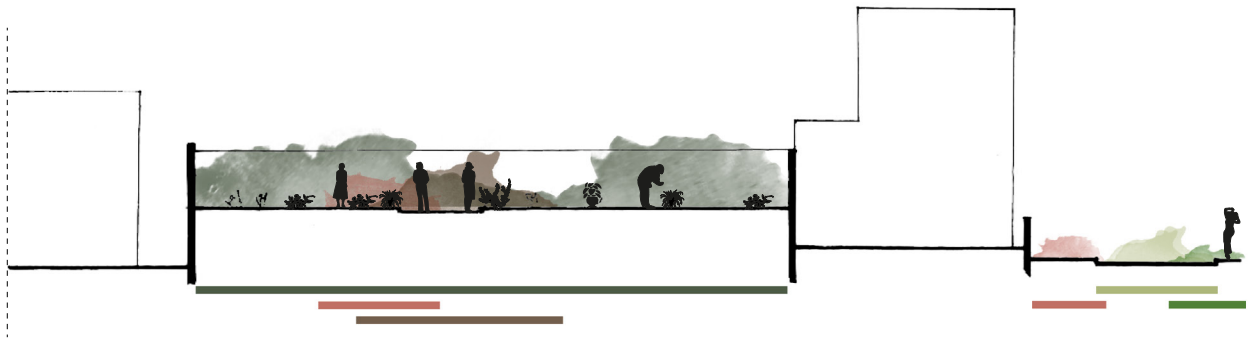
Um dos fatores essenciais no entendimento deste lugar como espaço habitado reside na presença de dois parques infantis muito próximos, distanciados também por 350 metros. A presença do habitar infantil é permanente nestes lugares, resultando em locais de encontros, de estar e conviver. Refletindo novamente no trabalho do arquiteto holandês Van Eyck, os parques infantis contribuem para o diálogo e para a comunidade em geral, possibilitando a aproximação entre pessoas, sem ser necessário ultrapassar barreiras abstratas<sup>45</sup>.

45. LEFAIVRE, Liane; TZONIS, Alexander, *op. cit.*, p. 70, “Van Eyck conceived the playgrounds as means of contributing to dialogue and community for the ‘greater number’, making it possible for people to physically come closer without having to overcome barriers. The playgrounds were literally ‘inbetween realms’ between the ‘I and you’.” [parafrazeado]

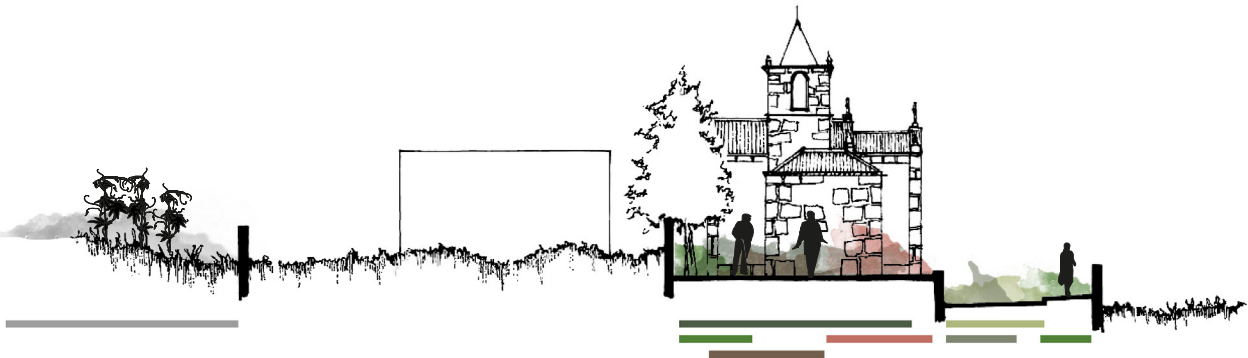




Secção a, a'  
parque infantil rua Souto de Cima  
cemitério



Secção b, b'  
parque infantil rua da Saudade



Secção c, c'  
igreja de S. Brás

- |  |   |   |
|--|---|---|
|  Brincar    |  Encontrar |  Passar    |
|  Conviver   |  Estar     |  Passear   |
|  Encaminhar |  Exercitar |  Trabalhar |



Figura 51. Secções das ações comuns no espaço da igreja de S. Brás | Cemitério

Neste caso, a presença destes dois equipamentos reforça e potencializa a variedade de rotinas comuns aos habitantes da vila, na medida em que compreendem um espaço direcionado para as crianças, perto do espaço do cemitério, e perto também da igreja de S. Brás, criando assim um centro de ações idênticas.

Através das secções (figura 51) verifica-se que o espaço em branco traduz mudanças de cotas, rampas ou muros de contenção de terras que dificultam a clareza natural de uma atividade comum. Estes fatores revelam minuciosos lugares narrativos, situados de um modo disperso, organizado entre cotas topográficas, o que demonstra a falta de relação existente entre as respetivas áreas e cotas adjacentes, e dos vínculos entre programas. O cemitério encontra-se à cota mais alta (218), seguido do parque infantil da rua Souto de Cima (210), depois o segundo parque infantil da rua da Saudade (200) e por fim a igreja de S. Brás na cota mais inferior (186). As secções retratam as relações existentes ou quase invisíveis que poderiam ser um estímulo para as atividades que sustentam. Na secção b denota-se as possíveis analogias entre o espaço do cemitério e a área do parque infantil, as diversas cotas que vão surgindo, tais aproximações também evidentes nas secções a (parque infantil rua Souto de Cima) e c (igreja de S. Brás).

O difuso assente na composição e organização do espaço público ou programas e atividades de serviço público presente neste espaço origina diversas questões associadas à escassa interatividade entre programas, ou então, à falta de continuidade e relação com os espaços envolventes, gerando ações fragmentadas e separadas, sem sucessão. Mais uma vez, a questão das cotas distintas deve ser tida como potencializadora do espaço, como intensificação e harmonização das rotinas diárias. Existem limites e existem fronteiras, não significa que devem ser ultrapassadas, mas sim justificadas, criando significados e sentidos que reflitam sobre o lugar, sobre o espaço em questão.

Interpreta-se este lugar através das ações comuns nele presentes. Consecutivamente, torna-se relevante explorar e interpretar os espaços entre cotas como continuidade e permanência da ação, para assim permitir harmonizar os focos de atividade. O espaço da igreja de S. Brás, em harmonia com o espaço do cemitério, refletiria sobre o habitar de cada um, revelando estímulos para cada atividade, para cada ação comum.










- |  |  |   |   |
|--|--|---|---|
|  Aprender |  Encaminhar |  Estar   |  Passear   |
|  Brincar  |  Encontrar  |  Estudar |  Trabalhar |
|  Conviver |  Esperar    |  Passar  |   |

Figura 52. Ações comuns no espaço da igreja Matriz | praça Francisco Inácio

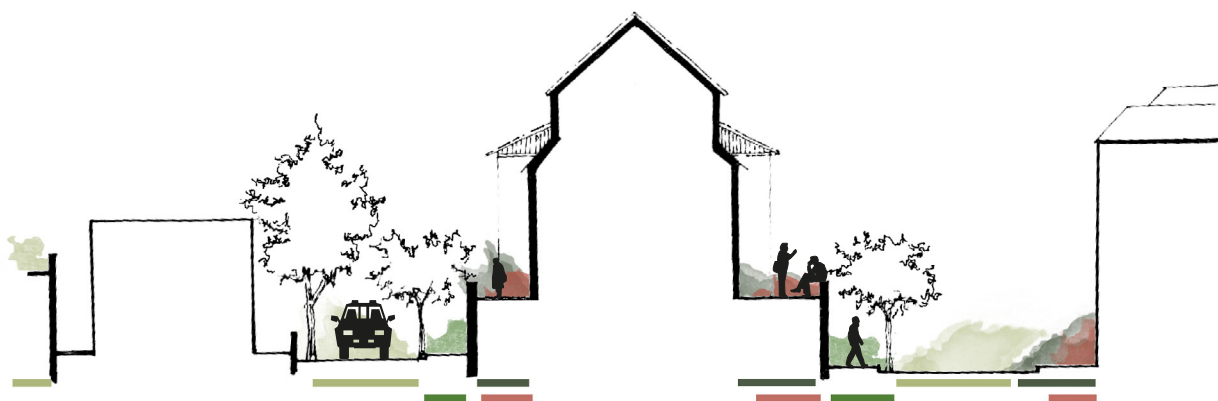
## espaço da igreja Matriz | praça Francisco Inácio

Em particular, o terceiro lugar em análise revela desde logo uma centralização de atividades comuns. Em redor do foco central ativo, o trabalho industrial bastante presente. Desde logo percebem-se as principais questões relativas à vivência diária neste espaço: a densa massa de ações comuns excessivamente concentrada, sem relações ou continuidades espaciais nos lugares que a circundam.

Reconhece-se a variedade de programas e respetivos verbos de ação, organizados em espaços comuns, contudo isolados entre si na medida em que respondem propósitos ou programas distintos. A variedade de serviços possibilita a diversidade de atos diários. Neste espaço percebem-se atividades que remetem para um serviço ou programa específico, ou seja, apesar de compreender uma praça pública (praça Francisco Inácio) as ações comuns correspondem a propósitos específicos, como catequese, escuteiros, escola de música, igreja, cafés, junta de freguesia, parque infantil, correios, USF, entre outros. Assim, as manchas ativas acabam por integrar um único espaço mais central, gerando falta de coesão entre programas distintos.

Desde logo percebem-se questões que traduzem o espaço da igreja matriz juntamente com a praça Francisco Inácio. A partir da planta (figura 52) é demonstrada a falta de articulação geral e coesão no mesmo lugar, neste caso, na praça pública, devido à diminuta vinculação entre os serviços existentes. Ou seja, tal como no espaço da igreja de S. Brás | cemitério, o planeamento e o contexto do espaço em geral, espaço público com mobiliário urbano, jardins e programas específicos, não são criadas e geradas narrativas essenciais para a articulação entre ações, harmonias ativas, necessárias para a vivência comum de uma comunidade.

Durante o processo de investigação, *observar e dialogar*, este espaço refletiu significados essenciais para as rotinas comuns. Nas conversas, as pessoas mais velhas olham este lugar e relembram a sua vivência num passado recente, no qual era intitulado de ‘a feira’, e atuava como a imagem da vila, o centro de Pevidém, local de encontros, festas, dos domingos à tarde. Por outro lado, os participantes mais novos dos diálogos, referem apenas o parque infantil ou então os serviços que usufruem (como a catequese, o grupo coral, etc). Um dos fatores apontados reflete sobre a presença do automóvel, o espaço que o automóvel ocupa atualmente, pois, uma parte da praça é ocupada por parque de estacionamento.












Secção a, a'  
igreja Matriz



Secção b, b'  
praça Francisco Inácio



Secção c, c'  
parque infantil da praça Francisco Inácio

 Aprender	 Encaminhar	 Estar	 Passear
 Brincar	 Encontrar	 Estudar	 Trabalhar
 Conviver	 Esperar	 Passar	

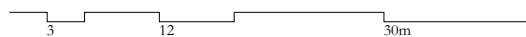


Figura 53. Secções das ações comuns no espaço da igreja Matriz | praça Francisco Inácio

Um outro ponto assenta na antiga escola primária, que trazia vivência e animação para o lugar. No entanto, atualmente já não é escola primária, mas sim escola de música, ocupando apenas os horários de fim de tarde ou sábados. Estas duas questões foram indicadas nas conversas com Glória e Maria e com a enfermeira Ana Paula.

*“O urbano só pode ser confiado a uma estratégia que ponha em primeiro plano a problemática do urbano, a intensificação da vida urbana, a realização efetiva da sociedade urbana (quer dizer, a sua base morfológica, material, prático-sensível)”*.<sup>46</sup>

Recorrendo às secções na figura 53 é possível entender a consistência de ação centralizada num só espaço. Admite-se também que a grande maioria dos verbos reconhecidos nesta área encontram-se, maioritariamente, fragmentados e separados, muitas vezes até no mesmo lugar. Revela-se essencial o princípio de articulação e agrupamento singular das ações comuns, sendo fundamental aproximar cada instante ativo. É necessário ainda articular os verbos de ação com a envolvente próxima, para assim vincular a mancha ativa central, apropriando-a nos espaços envolventes adjacentes e programas vizinhos.

Percebe-se, a partir da planta e secções, a densa envolvente do espaço em análise, edifícios altos, indústrias, muros, divisões que bloqueiam ou que impedem a relação entre áreas, ativas ou por ativar. No entanto, é fundamental olhar a envolvente próxima e incluí-la nas ações comuns, refletir sobre o espaço próximo nas atividades que surgem centradas, de modo a associar separações, faltas de coesão, tornando o espaço num lugar em continuidade permanente na sua relação geral. Assim, possibilitando um equilíbrio genérico entre o *espaço da igreja matriz* | *praça Francisco Inácio* com as indústrias, edifícios, e todas as restantes separações que o circundam, torna-se praticável obter articulação entre cotas, sucessão entre ações, um espaço em conformidade com a vila que o circunda.

Neste sentido, identificam-se pequenas nuances específicas do local, que mais tarde poderão potencializar um espaço prático nas suas atividades, complexo no seu propósito e fluente na sua completude. Deste modo, as memórias recentes são traduzidas e refletidas novamente nas rotinas, e a vivência atual inova o seu sentido mais prático, aprimorando e exprimindo as utilidades e práticas de cada espaço, de cada pessoa, da vila de Pevidém.

46. PORTAS, Nuno. 2007. *A Cidade como Arquitetura*, 2ªed. Lisboa: Livros Horizonte, 212 p. 1ªed. de 1969. p.23



Figura 54. Ações comuns no espaço da feira

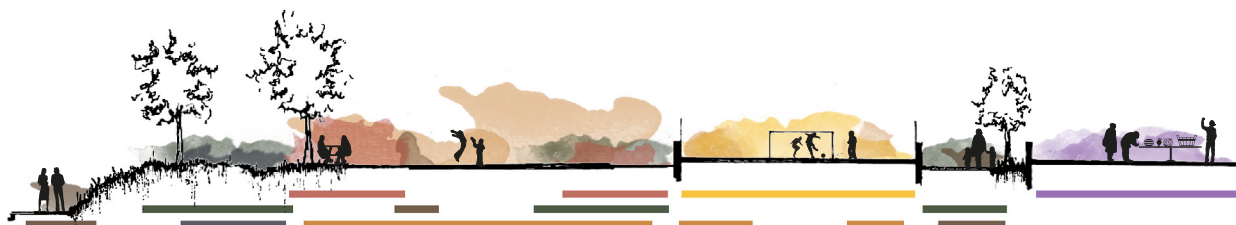
Finalmente o quarto espaço. Comparativamente com os anteriores, revela partes integrantes que correspondem ou se encontram por toda a vila de Pevidém. Trata-se da única amostra que compreende a totalidade dos catorze verbos do *léxico verbal de ações comuns*, demonstrando um espaço complexo no seu conteúdo e denso nas atividades que acolhe.

Não se trata de um lugar densificado, ou centralizado, ou ainda escasso de ações. Apresenta espaços de atividade articulados, demonstrando alguma fluidez nos movimentos e nas rotinas observadas. A principal questão reconhecida neste lugar remete para a articulação de programas e rotinas com os restantes lugares da freguesia. O que não significa que na amostra em questão não se reconheçam assuntos e questões essenciais na sua conotação mais prática.

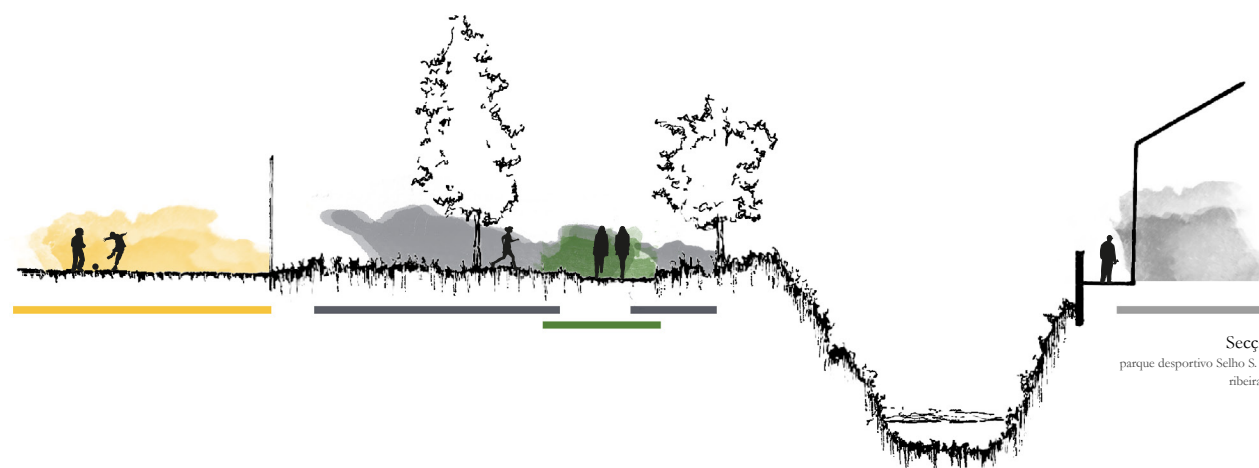
Na figura 54 denota-se com clareza a organização e disposição dos verbos de ação, traduzindo um espaço delineado por programas distintos. O espaço da feira abrange programas variados: feira semanal, parque infantil, campo de jogos, mobiliário urbano, parque para piqueniques, equipamentos para desporto individual, e na envolvente mais próxima, comércio local, cafés e pastelarias, e ainda o parque desportivo de S. Cristóvão. Situa-se a poucos metros da ribeira do Selho, na zona mais a sul da freguesia, fronteira com Selho S. Cristóvão. Ao contrário do espaço da igreja Matriz | praça Francisco Inácio, apesar de este lugar conter também uma área de praça pública, a sua relação com a envolvente traduz uma harmonia contínua, sendo que os programas em volta estão refletidos ao longo do espaço.

O espaço da feira, como já foi referido, abrange diversas ações comuns presentes por toda a amostra. Analisando assim o principal fator assinalado, falta de articulação com a restante vila, remetendo também para a análise efetuada no capítulo I – *o espaço da vila*, percebe-se que esta área se situa na cota mais baixa da vila (135), devido à topografia do vale do Selho. Contudo, a secção geral da vila deve ser refletida como potencializadora das atividades, na medida em que um dos limites de Pevidém consiste na ribeira do Selho. Ou seja, recorrendo à ribeira como fator de aproximação da comunidade para esse espaço, cria-se uma lógica de aproximação, desde a cota mais alta, até à cota mais baixa e vice-versa. Deste modo a vila é tida como um todo e o espaço da feira adquire possíveis articulações contínuas com as restantes áreas da freguesia.





Secção a, a'  
parque infantil da rua João Pereira Fernandes  
parque da feira



Secção b, b'  
parque desportivo Selho S. Cristóvão  
ribeira do Selho

- |  |  |   |   |   |
|--|--|---|---|---|
|  Aprender |  Conviver   |  Esperar |  Exercitar |  Passear   |
|  Brincar  |  Encaminhar |  Estar   |  Jogar     |  Trabalhar |
|  Comprar  |  Encontrar  |  Estudar |  Passar    |   |

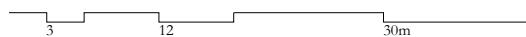


Figura 55. Secções das ações comuns no espaço da feira

Através das seções (figura 55) constata-se a pluralidade de atividades que ocupam e se dispõem pelo espaço em questão, preenchido quase por integral. Com base na investigação de *observar e dialogar*, percebe-se que o parque desportivo de S. Cristóvão não reflete um lugar comum na rotina da comunidade pevidense. Apenas Maria e Glória mencionam o espaço, e André refere que o mesmo não é muito usado pelos habitantes da vila. No entanto, muitos dos participantes referem a rua que faz fronteira com a ribeira e posterior parque desportivo, e o Lidl, o que significa que percorrem este espaço várias vezes, sendo um trajeto rotineiro. Assim, reforçando novamente a importância de atender às particularidades topográficas na generalidade da vila, as ações poderiam criar continuidades ao longo da ribeira, nos espaços de margem, intensificando a sua presença.

O parque da feira é apenas utilizado para a feira semanal na manhã de sábado. Sendo um espaço com cerca de 3440 m<sup>2</sup> de área, um tema que possibilitaria contínuos vínculos entre espaços ativos seria a apropriação do parque da feira nos restantes dias da semana, permitindo assim um equilíbrio prático tangente ao lugar em geral.

*“The point is thus to make as many possibilities for interpretation as possible, in the sense of giving each place the maximum ‘capacity’.”*<sup>47</sup>

Como temáticas essenciais realça-se a necessidade de articular a amostra com o restante lugar de Pevidém, e também potencializar certos verbos de ação mais dissimulados ou menos presentes, como é o caso das ações *conviver e encontrar* fragmentadas e com poucos focos de intensidade, no entanto essenciais para o lugar. Relativamente à tangência com a ribeira do Selho, este elemento natural acaba por estimular à necessidade de articulação do mesmo com o espaço envolvente, como fator de fortalecimento para a vila de Pevidém, potencializando um espaço comum habitado.

Assim, apesar do lugar em estudo traduzir o espaço que abrange a totalidade dos verbos ativos, a análise e interpretação contínuas são fundamentais na medida em que o espaço em questão pertence a um território, a uma vila, e talvez, através da abordagem específica do lugar, a restante vila de Pevidém seja refletida no processo. Deste modo, partindo de um princípio de análise eficaz, a vivência comum transcreve uma amplitude contínua sobre o espaço.

47. HERTZBERGER, Herman. 1977. *Architecture for people*, a+u Architecture and Urbanism, volume 3, no. 73, March, Editor Yoshio Nakamura, Tokyo, Japan, páginas 124-146, p. 140

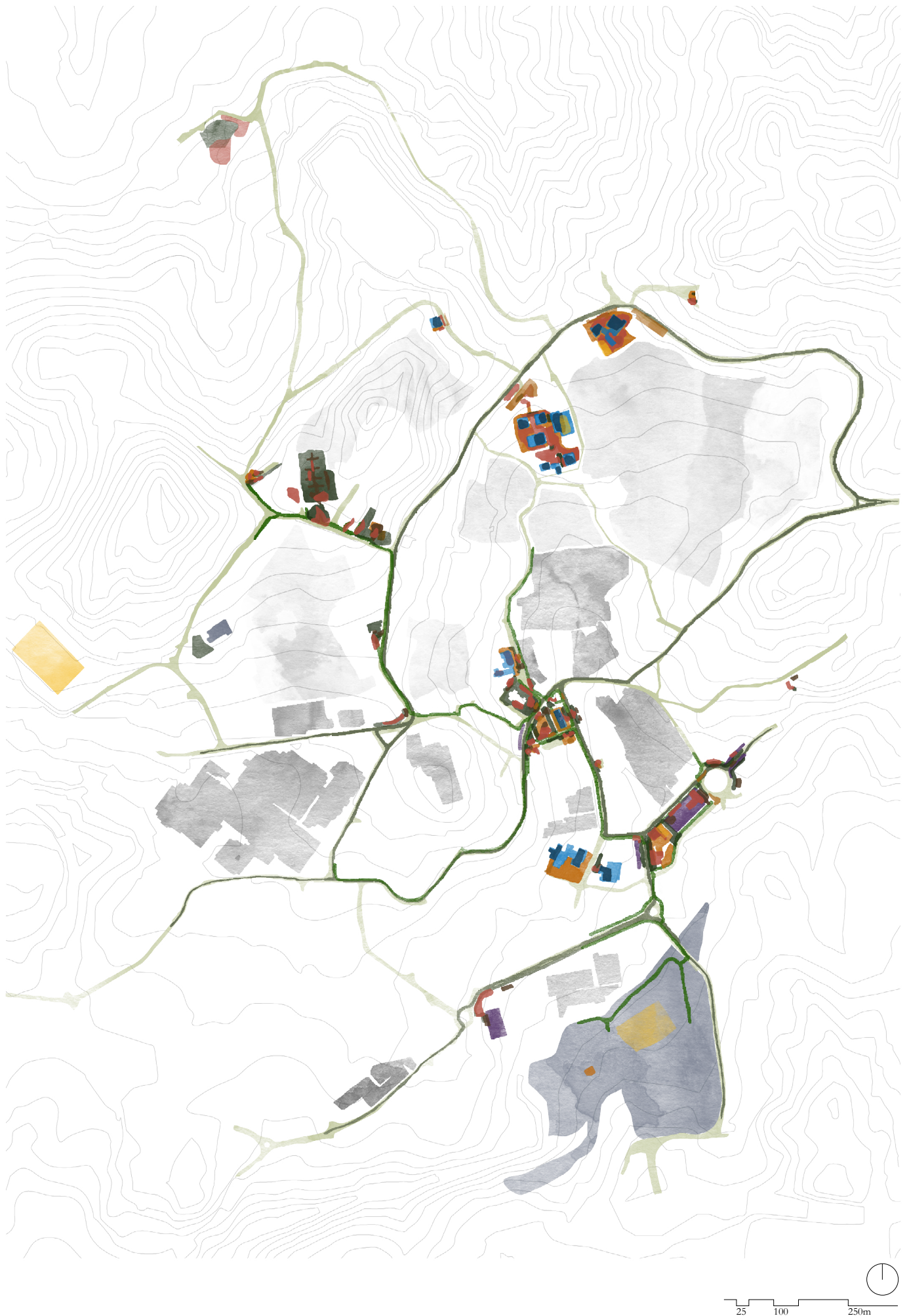


Figura 56. Rotinas comuns de Pevidém *por camadas*

“A heterogeneidade, a variedade excessiva, a desordem, a falta de harmonia, a justaposição incongruente de diversos fragmentos são agora um recurso, uma qualidade para a definição de uma nova paisagem”.<sup>48</sup>

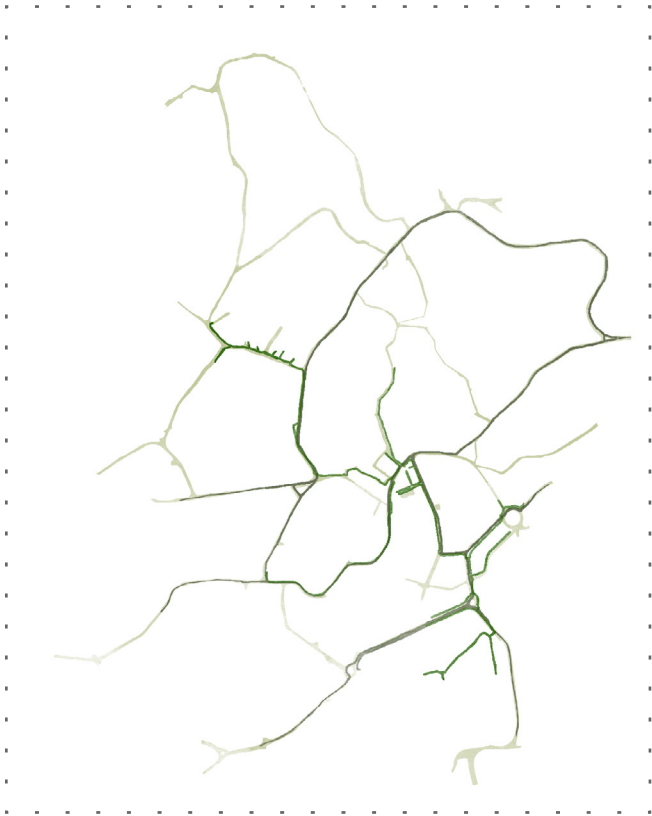
Por intermédio da clarificação dos potenciais, de algum modo esquecidos, presentes por toda a vila, assinalando-os e indicando o fator latente que necessita de uso comum, estabelecem-se novas visões e um novo olhar sobre Pevidém. Assim, como principais fatores analisados, sucedem a **clarificação comum**, uma **possível resolução** e o **uso diário potencial** para cada espaço observado e investigado.

*Por camadas* reflete assim um processo que visa focalizar os usos diários, percebendo os espaços que ocupam, o contacto e relação com outras atividades distintas, consoante analogias de sobreposição e tangência. Cada espaço analisado reflete a vila em geral, permitindo uma compreensão ao mesmo tempo específica de um determinado local, e generalizada por toda a vila. Pevidém interpretado por ações (figura 56), traduzido por manchas ativas de atividades idênticas ao mesmo espaço, ao mesmo território. Ações de oportunidade e potencialidade para as rotinas diárias.

Num processo contínuo, origina-se uma intenção, um motivo específico sobre um olhar particular em cada rotina, em cada espaço. A paisagem presente favorece os hábitos comuns, evidencia as vidas sociais e percursos diários, potencializa o habitar na vila. Apenas é necessário focar esta visão sobre Pevidém.

Refletindo a análise efetuada, percebem-se os modos de *observar*, *dialogar* e posterior *integrar* sobre um lugar. A vila de Pevidém, apesar das questões abordadas, dos problemas identificados, dos fatores difusos da organização do espaço, todos estes assuntos originam os potenciais próprios do lugar, qualidades anteriormente invisíveis ao olhar distante de uma simples passagem. **Olhar a freguesia e identificar particularidades próprias da paisagem, detalhes que definem as rotinas comuns, lugares vivenciados por uma comunidade.** Deste modo, estes espaços não devem ser modificados de longe, mas sim potencializados de perto, intensificando o habitar geral, observando as capacidades próprias e os significados semelhantes.

48. ZARDINI, Mirko, *op. cit.*, p. 212, “(...) la heterogeneidad, la variedad excesiva, el desorden, la falta de armonia, la yuxtaposición incongruente de fragmentos diversos constituyen ahora un recurso, una cualidad para la definición de un nuevo paisaje.” [tradução livre da autora]



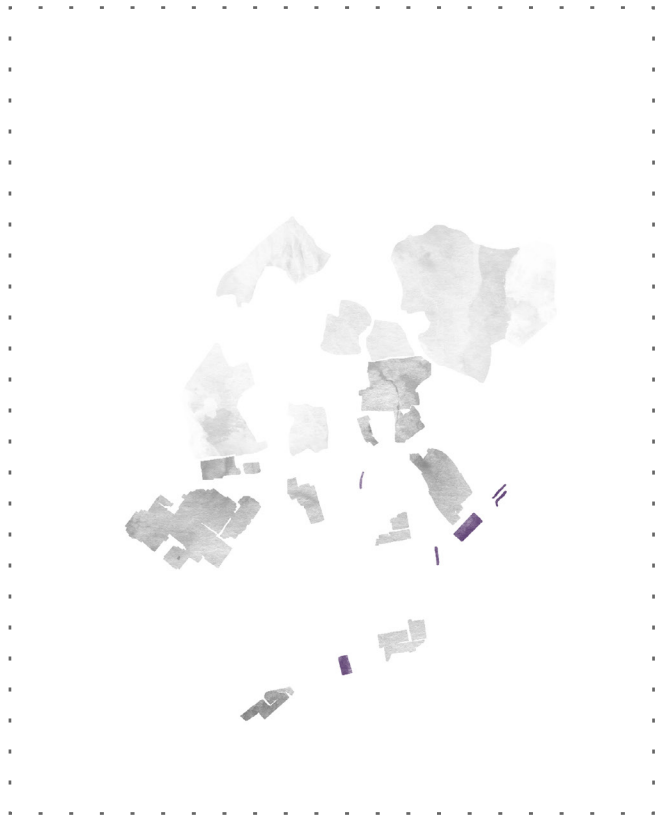
- Encaminhar
- Passar
- Passear



- Encontrar
- Esperar



- Aprender
- Estudar



- Trabalhar
- Comprar



■ Estar  
■ Conviver



■ Brincar



■ Exercitar  
■ Jogar



Ações comuns

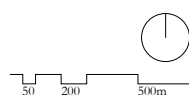


Figura 57. Verbos do léxico verbal de ações comuns agrupados através de significados e narrativas semelhantes

## Imaginar Rotinas

*“The kind of difference that defines every place is not on the order of a juxta-position but rather takes the form of imbricated strata.”*<sup>49</sup>

Após uma análise específica de quatro espaços distintos, *imaginar rotinas* surge como conclusão do capítulo III *Interagir*, e como finalização da presente investigação, permitindo definir uma base final detalhada: **a rotina comum de Pevidém**. Com a interpretação desta base pretende-se perceber os lugares que proporcionam o estar e o habitar, espaços comuns e individuais, espaços abandonados e vivenciados.

É fundamental imaginar ou potencializar rotinas para a comunidade pevidense, tendo como foco principal as crianças. Ao longo do processo de investigação, as crianças assumiram um papel essencial no reconhecimento da vila, com perspectivas alheias e temas distintos, visões próprias e objetivos bastante assertivos em relação aos seus desejos pessoais para a vida comum. Na metodologia de trabalho e nas visitas de campo, o intuito principal refletia na infância observada e espaços projetados ou apropriados para o habitar da criança.

Deste modo, é necessário abordar a vila como espaço que detém qualidades específicas, características próprias, no entanto, essas particularidades assumem-se quando os espaços são considerados como um todo, como lugares habitados e vivenciados.

A figura 57 traduz a relação existente entre determinados verbos do *léxico verbal de ações comuns* e a vila. Alguns verbos foram agrupados no sentido de associar ações que narram histórias em entre si: *Encaminhar*, *passar* e *passar* refletem movimento, a pé ou em transporte, com propósitos distintos, no entanto integrantes no mesmo sentido de espaço-tempo: mobilidade; *Encontrar* e *esperar* demonstram atividades que dependem muitas vezes de dois ou mais fatores (pessoas ou programas), com lugares comuns e áreas sobrepostas; *Conviver* e *estar* assumem um papel de ação mais social, maioritariamente em espaços públicos comuns a toda a comunidade. Descrevem estados habituais no dia-a-dia; *Aprender* e *estudar*, neste caso diretamente associados à rotina das crianças, exprimem regularmente o mesmo espaço e programa, com propósitos e ações dependentes entre si;

49. CERTEAU, Michel de, *op. cit.*, p. 200

*Exercitar e jogar* ações semelhantes como práticas de desporto, com locais próprios como campos de futebol ou parques desportivos, no entanto muitas vezes como lugares de apropriação; *Comprar e trabalhar* resumem verbos que, em relação à vida comum de uma criança, não estão tão presentes na medida em que são ações programadas na vida adulta; por fim, *brincar* surge como principal motor de investigação na rotina infantil uma vez que, ao longo de todo o processo de trabalho, simboliza um aspeto fundamental de pesquisa e análise diárias, assumindo-se como a ação própria comum à criança pevidense.

*Imaginar rotinas* expressa, por fim, a reflexão final das ações comuns da vila de Pevidém. Verbos ativos associados entre si. A partir desta fase aborda-se cada espaço, cada lugar através das ações humanas, das rotinas pessoais e comuns. Lugares que surgem situacionalmente, ausentes de limites e/ou fronteiras, no entanto, abrangem divisões inerentes. Estimulam o aprender, a imaginação e o viver. Nesta correlação entre os espaços e o explorar, surgem sínteses de ligação que são compostas pelas várias coerências analógicas que vão surgindo.

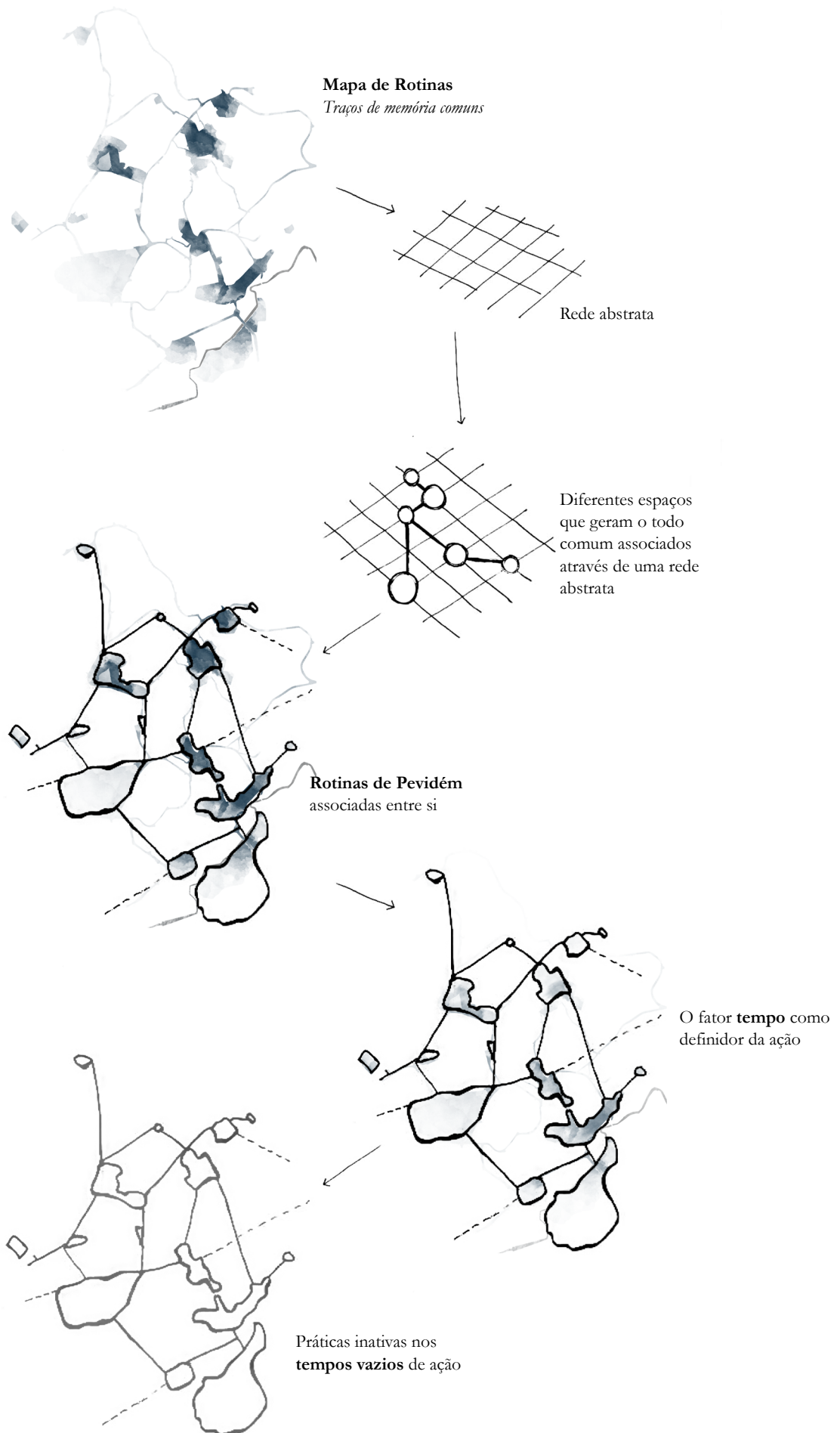
*“Places are fragmentary and inward-turning histories, pasts that others are not allowed to read, accumulated times that can be unfolded but like stories held in reserve, remaining in an enigmatic state, symbolizations encysted in the pain or pleasure of the body (...) the well-being under-expressed in the language it appears in like a fleeting glimmer is a spatial practice”.*<sup>50</sup>

Cada lugar conta a sua história, histórias distintas partilhadas por uma comunidade, inseridas num território. Não estão à vista de um olhar distante, nem de uma simples passagem analisada. Traduzem traços de memória acumulados, e agrupados, sendo necessário desvendá-los, interpretá-los e por fim, compreender o significado do estado das coisas. Sentidos invisíveis no primeiro contato, no entanto estão presentes e retratam cada espaço e cada rotina. Sobreposições de práticas ativas, ações passadas, mas em constante continuidade e permanência, não obstante ao fator da mudança e da passagem do tempo. Nesta interpretação de um lugar, percebe-se o seu significado específico, a prática espacial.

Histórias espaciais como potencializadoras do lugar, imaginar cada espaço através das ações que são diariamente ativadas pelas rotinas usuais. Imaginar através do tempo e do lugar, idealizando e justificando o espaço comum a partir daquilo que o mesmo detém para oferecer à comunidade.

50. *Idem*, p.108





**Figura 58.** Processo da lógica de criação de uma rede sócio-espacial em Pevidém com base nas ações interpretadas e nos tempos vazios

Narrado pelo **tempo**, causa e ocasião, surge o todo, o espaço comum adjacente à vila de Pevidém. Essas particularidades assumem-se quando os espaços são considerados como um todo, criando assim uma **rede socio-espacial** (figura 58).

*“This is the net-like or web-like quality they assume when taken as a whole. They are conceived as a constellation, a scheme made up of situationally arising units - bound of time, accident and circumstance”*<sup>51</sup>

Como rede sócio-espacial entende-se uma conexão subjetiva existentes entre espaços distintos de um mesmo território: *sócio* no sentido em que tem como base as práticas sociais de uma comunidade, as suas rotinas e costumes; *espacial* referindo o espaço formado e criado pelas ações, lugar que contém as especificidades de cada prática ativa. Com isto, é possível **entender o significado das ligações existentes ou inexistentes**, no entanto impercetíveis. Ou seja, o conceito de uma rede sócio-espacial encontra-se assente sobre qualquer espaço habitado, nas suas analogias mais diretas e percetíveis, no entanto, não se encontra evidenciado. A partir do momento em que este conceito se torna visível e percetível, a compreensão de um lugar assume os seus significados mais específicos e particulares.

Na figura 58 está representada essa relação, as ligações e conotações entre programas e ações, e o fator do tempo. O espaço das escolas diretamente associado ao espaço da igreja matriz, ao espaço da feira e do cemitério, conexões refletidas nas rotinas da comunidade. Assim como o espaço da igreja Matriz cria ligação em todos os sentidos da vila. Estas conotações não são apenas vias ou arruamentos, traduzem no seu conceito percursos ou significados semelhantes (como por exemplo, o espaço da escola EB1 de Pevidém encontra-se diretamente associado ao parque infantil da Urbanização da Lapa, na medida em que ambos acolhem a vivência infantil, a ação de *brincar*, e trajetos partilhados entre os espaços). Deste modo, as rotinas de Pevidém são associadas entre si, tendo como base a compreensão da rede sócio-espacial, projetada pelo habitar em comunidade.

No entanto, um fator essencial na representação e conceção desta rede sócio-espacial assenta na questão da **passagem do tempo**. Ao longo do processo de investigação, todos os espaços são representados de forma a traduzir as ações que neles acontecem, ou seja, os horários que abrangem atividades. Esta questão reflete o tempo em que os espaços estão vazios, o que possibilita a conceção de um método de atuação que poderá

51. LEFAIVRE, Liane; ROODE, Ingeborg de, *op. cit.*, p. 46



compreender, por completo, a rotina comum de Pevidém. Ou seja, os **tempos vazios** existentes complementam as práticas comuns, o habitar da comunidade pevidense, traduzindo potenciais modos de interpretação de cada espaço da vila.

A figura 59 representa os verbos ativos no conjunto da vila, demonstrando quebras nos tempos de ação. Traduzindo a análise por espaços (refletindo também na interpretação de *por camadas*), o *espaço das escolas* é representado dentro do espaço-tempo das aulas, das 08.00h às 19.00h diárias, de segunda a sexta-feira, sendo que, entre estes tempos e aos fins de semana, encontram-se os tempos vazios de práticas ativas. Assim, não só as lógicas de continuidade como também de divisão são nulas durante esse período. Já no *espaço da igreja S. Brás e cemitério*, a ocorrência de atividade varia diariamente, sendo que a manhã de sábado e fins de tarde semanais refletem os horários mais preenchidos com atividades diversas. Nos restantes dias, os tempos de ação variam, prevalecendo a ausência de práticas comuns. Relativamente ao *espaço da igreja Matriz e praça Francisco Inácio*, os horários variam constantemente, com os serviços públicos disponíveis entre as 09.00h e as 19.00h, as aulas de música durante a tarde até início da noite, os concertos ao fim de semana, as lições de catequese diárias ao fim da tarde e na manhã de sábado, a missa de sábado à tarde e de domingo de manhã na igreja Matriz, e a praça pública, mais frequentada aos fins de semana e em dias de festa, sendo que nos restantes dias, reflete práticas isoladas entre si. Ações diversas, atividades distintas, por vezes sobrepostas, outras vezes separadas, ou ainda inexistentes. Finalmente, o *espaço da feira* que representa, juntamente com o espaço da *igreja Matriz e Praça Francisco Inácio*, os lugares com mais permanência diária de atividades. Apesar da variedade de horários ativos, apenas nas horas noturnas é que o espaço se encontra inativo. Nos tempos diurnos as ações intensificam-se aos fins de semana e finais de tarde, dependendo também da questão meteorológica. Este fator, nos restantes espaços não está tão presente na medida em que os mesmos representam serviços e programas diários constantes, como as escola, os serviços públicos, as lições de música/catequese, entre outros.

Assim, estes tempos em que os lugares se encontram inativos são incluídos no processo da lógica de atuação da rede sócio-espacial, refletindo por fim uma compreensão que integre o habitar comum da vila de Pevidém, o ativo e inativo, os espaços de tempo refletidos nas ações que sustentam, ações que possuem um horário como influência que varia no lugar e no tempo. *Imaginar rotinas* como processo de entendimento da vila como espaço habitado, imaginar e pensar as práticas diárias relativas aos tempos distintos.

Cada lugar detém qualidades específicas, característica próprias. Na sua junção e relação interdependente cria-se, assim, uma rede de ligação, que interfere com o social e com o espacial, baseando-se nas ligações que vão surgindo. Esta rede assume-se como que um produto consecutivo deste encadeamento inerente aos lugares. Deste modo surge o termo **campos de aprendizagem**.

Como campos de aprendizagem compreendem-se os lugares que proporcionam o estar e o habitar, espaços comuns e individuais, espaços abandonados e vivenciados, lugares que incentivam o explorar, o imaginar, o habitar individual e coletivo. Neste conceito abordam-se a mudança e a adaptação de um espaço comum (o tempo e o espaço), trabalham-se as diversas ligações e respetivos cruzamentos existentes nos instrumentos de ação que são refletidos na relação sujeito-lugar. Um lugar para aprender, o espaço da criação. A conceção dos campos de aprendizagem retrata uma necessidade básica nas rotinas do crescimento, nas atmosferas comuns do habitar, refletindo gestos e ações, imagens e pensamentos, através da especificidade de cada um, de cada lugar.

No surgimento deste conceito, as atividades presentes na vila traduzem uma noção interpretada de uma união de sentidos e significados, cria-se assim o princípio da lógica de ação: identificação de um mapa de rotinas/atividades com o reconhecimento dos vínculos e permanências existentes; sobreposição de uma rede abstrata; surgimento da rede sócio-espacial das rotinas de Pevidém. A partir desta fase de trabalho, é possível formular estratégias e detalhes de como agir, conceber ou potencializar os campos de aprendizagem.

Neste sentido, refletindo mais uma vez sobre o *observar, dialogar e interagir*, através das pessoas, a partir do espaço, é possível completar e incumbir à potencialização ou criação dos campos de aprendizagem. Este conceito surge sobre a interpretação e compreensão da vila de Pevidém, tendo como foco principal o habitar da criança, as carências diárias de algo mais fundamentado, ou potencialização, reflexo das ações da cada um.

*(analisando a vila de norte a sul)* O *espaço das escolas*, as potencialidades presentes numa relação, ainda por realçar, com a várzea agrícola; os terrenos que Carolina menciona na sua conversa, como espaços possíveis para o brincar infantil; e ainda o parque infantil da Urbanização da Lapa, proporciona a relação com as escolas, com as rotinas comuns.

Posteriormente o *cemitério*, com os dois parques infantis próximos, ligações de hábitos diários com o espaço das escolas, criam assim uma continuidade entre ações, através de

programas comuns e passagens alheias. Este espaço é ainda intensificado pela presença da *igreja de S. Brás*, o seu sentido mais próprio e característico para com a vila, um significado presente graças às memórias e histórias contínuas.

Ambos os espaços anteriores diretamente associados ao lugar da *igreja Matriz*, à *praça Francisco Inácio*, referida muitas vezes como um local fechado, contudo presente nas histórias e eventos de Pevidém, também como recurso para serviços e programas do quotidiano, remetendo ainda para o lugar mais central em termos de acessos e trajetórias presentes na vila; rodeado pelo setor industrial, no qual algumas indústrias se encontram abandonadas.

Apesar de ser o espaço mais central da vila, como reflexo das rotinas, não é tido como o centro. Esse valor é atribuído ao *espaço da feira*, com ligações e conotações com o *espaço das escolas e a igreja matriz* | *praça Francisco Inácio*. Um lugar repleto de práticas ativas, do habitar comum, um espaço que reflete o significado da vila para os seus habitantes, para a comunidade que habita diariamente Pevidém. O *espaço da feira* como significado mais próximo do verdadeiro sentido do habitar na vila.

*Imaginar rotinas* interpreta os resultados de um modo intuitivo que, ao longo do capítulo III – *Interagir*, foram sendo desvendados, surgindo de forma sucessiva face ao progresso da investigação. Deste modo, os campos de aprendizagem simbolizam as potencialidades existentes na vila de Pevidém, algumas invisíveis, com necessidade de intensificação, outras ainda por criar, e muitas capacidades apenas por vivenciar ou experimentar.

A vila de Pevidém expressa nos espaços comuns, nas rotinas interligadas, **narrada através dos potenciais campos de aprendizagem.**

**Através da escala, através do tempo, um lugar para a imaginação.**

*“Learning by playing  
Learning Fields  
of hope and freedom  
to create oneself  
in the realm of generosity  
and conscious being.”*<sup>52</sup>

52. SILVA, Cidália F. 2017. *The Planetary School*, Manifesto, escrito na Gulbenkian, Biblioteca de Arte, Lisboa, 13.10.2017 (não publicado)

**Figura 60.** Enric Miralles, *Fotocomposició con la escalinata de San Giorgio, Venezia*. Concurso para o Instituto Universitário de Arquitetura de Veneza, segunda fase, 1998





*“Levei muito tempo a perceber donde ele vinha. O príncipzinho, que me fazia imensas perguntas, não dava mostras de ouvir as minhas. Algumas palavras ditas por acaso é que, pouco a pouco, me foram revelando tudo”.*<sup>53</sup>

53. SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. 2009. *O Príncipezinho*, Editorial Aster, Lisboa, p.15

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

*“Casual time is what is narrated in the actual discourse of the city: an indeterminate fable, better articulated on the metaphorical practices and stratified places than on the empire of evident in functionalist technocracy”.*<sup>54</sup>

O método de investigação desenhado através das **histórias espaciais da criança na vila de Pevidém**, parte de um estudo crítico acerca do **habitar** neste território. Deste modo, a realização da presente investigação traduziu, desde o princípio, o propósito de uma percepção fundamentada, observada e analisada sobre as rotinas diárias na vila.

Como agente fundamental e influenciador no estudo sobre o território, relaciona-se a **criança** e o **habitar infantil**, começando por se selecionar os espaços programados ou apropriados para esse fim. Ao longo do processo, refletiu-se na personagem principal da investigação, a criança como parte de uma comunidade, verificando analogias e conformidades na vila de Pevidém. Também o conceito de **centro urbano** permitiu expandir o processo de investigação, percebendo as ligações da vila com as freguesias vizinhas, a cidade de Guimarães, e ainda locais associados à mesma a partir das rotinas diárias mais passageiras.

O processo e métodos de análise surgiram de um modo sequencial, resultante dos estudos anteriores, ou questões assentes primeiramente. Assim, **Observar** permitiu olhar Pevidém de uma forma mais abrangente, transparecer o papel de **observadora da ação**, das rotinas. Este foi o primeiro reconhecimento da vila como espaço habitado, permitindo estabelecer relações mais evidentes e perceptíveis numa primeira abordagem sobre o lugar. Como resultado desta interpretação das práticas diárias da comunidade, a investigação desenvolve-se de modo a aprofundar os espaços associados.

**Dialogar** surge como uma ação fundamental na percepção da rotina comum. **Falar com as pessoas**, habitantes da vila, comunidades vizinhas, trabalhadores em Pevidém, imigrantes no estrangeiro. Conjugando cada conversa, algumas combinadas, outras ao acaso, com a investigação anterior, para assim contextualizar atividades comuns, espaços habitados, lugares de ação.

Refletindo o habitar individual como potencializador do habitar comum, através de um avanço gradual no método de análise, principia-se o **Interagir** sobre a vila. Partindo de uma base estudada, das complexidades encontradas, entre a pessoa e

54. CERTEAU, Michel de. *op. cit.*, p. 203

o espaço, entre a vila e o habitar comum, **levantam-se questões, fatores influenciadores da ação**, que permitam olhar Pevidém a partir do detalhe ativo ou inativo, permitindo assim uma progressão explícita no modo de estudo crítico sobre um lugar. *Observar, dialogar e interagir*, três ações assentes num processo gradual de investigação, tendo como principal prática a **captação das vivências comuns da vila de Pevidém**.

O espaço comum habitado é agora visto como um todo, através da escala e do tempo, da ação e das rotinas, complementando a reflexão inerente às três fases de ação, revelando assim uma **rede sócio-espacial**, método que permite compreender os diversos sentidos entre analogias distintas de um espaço, contendo um significado abstrato no seu conceito, no entanto concreto a partir das rotinas que ocorrem num lugar. Esta conceção presente no *interagir* sobre a vila, abordando o social e o espacial analisados através das relações compreendidas, origina a conclusão da presente investigação, o termo que resume e reflete todo o processo de análise e atuação sobre o lugar. Assim, inerente aos espaços habitados, às rotinas comuns, às práticas ativas, aos tempos vazios, revelam-se os **campos de aprendizagem**.

Deste modo, principia-se uma possível lógica na continuidade da ação já efetuada: adquirir conhecimentos sobre as práticas comuns ativas do lugar, concebendo assim um **esquema de atividades comuns**, partindo das ligações e permanências constantes entre o habitar e o espaço; perceber e **interpretar a rede sócio-espacial gerada** com base nos entendimentos adquiridos sobre as rotinas e vivências diárias; assim, percebem-se **modos de pensar, criar e potencializar os campos de aprendizagem**, refletidos como justificação ou fortalecimento de uma ação comum.

As diversas questões e assuntos apresentados, desde problemas de escala, divisões entre espaços, organização territorial, desassociação de lugares presentes na mesma vila, consistiam no princípio uma questão ou problema a ser entendido, na medida em que primeiramente eram apenas observados e registados, só mais tarde compreendidos e interpretados. No entanto, vinculando as três ações da investigação e tendo como **base de reflexão o habitar de uma comunidade**, percebem-se as potencialidades de um simples obstáculo, de um muro, das desigualdades entre espaços, refletindo assim a conceção dos campos de aprendizagem inerentes à percepção mais profunda sobre a vila de Pevidém. Apesar das oportunidades apontadas e abordadas, o território permanece controverso e por vezes enigmático.

A **criança** habita e experimenta os campos de aprendizagem, dando possibilidades de ações aos espaços analisados, por vezes invisíveis ao olhar passageiro. Ao longo da investigação procura-se entender essencialmente o **habitar da criança** em Pevidém.

A investigação é entendida como catalisadora para uma futura ação sobre a vila de Pevidém. Procura-se estimular o leitor a **entender o território como uma narrativa ativa**, contada através das práticas comuns de cada pessoa, de cada criança, articulada com um conjunto de processos estratificados, no tempo e no espaço, nos horários nulos e lugares vazios.

Assim sendo, o processo e progressão interpretados neste trabalho refletem o período de investigação, a passagem do tempo desde março de 2018 até janeiro de 2019, dez meses. O surgimento da ideia de campos de aprendizagem traduz assim processos em constante vinculação ativa, com impulsos intuitivos, estímulos refletidos pelas rotinas e ações comuns de uma comunidade.

Numa perspetiva crítica, **aborda-se e estimula-se à intensificação dos hábitos e práticas diárias comuns**. A **narrativa dos campos de aprendizagem incita a uma ação futura** pensada e justificada sobre as questões apontadas, a articulação ou ligação entre ações. A consciencialização que advém da investigação assenta assim num olhar específico, **olhar uma separação, um problema e fundamentá-lo**, potencializá-lo como estímulo de rotinas, intensificador do espaço habitado, **olhar um espaço e entendê-lo como narrativa de práticas num lugar comum**.

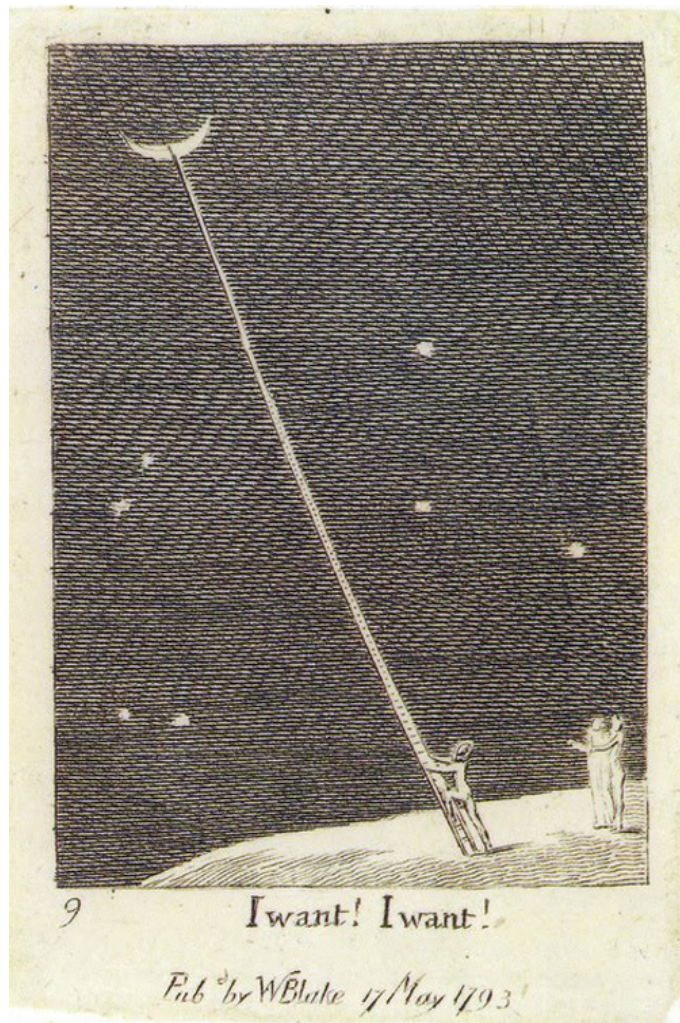
**Narrativas sócio-espaciais da criança em Pevidém**, reflexão assente sobre a vila Pevidém, através do espaço e do tempo, da comunidade e da criança.

Em suma, refletem-se modos inovadores sobre uma abordagem ao território, detalhada e baseada no **habitar observado, dialogado e interagido**, identificando situações e assuntos emergentes, como **impulsor da ação, potencializador do espaço e do tempo, como narrativa dos campos de aprendizagem**.

*“Esta é, para mim, a mais bela e a mais triste paisagem do mundo. É a mesma paisagem da página anterior, mas desenhei-a uma vez mais para vo-la mostrar. Foi aqui que o príncipezinho apareceu pela primeira vez sobre a terra e depois desapareceu.*

*Olhai atentamente para esta paisagem para terdes a certeza de a reconhecer, se algum dia viajardes em África, no deserto. E, se acontecer passardes lá, suplico-vos, não vos apresséis, esperai um pouco, mesmo por baixo da estrela! Então, se uma criança se aproximar de vós, se rir, se tiver cabelos de ouro, se não responder quando a interrogardes, adivinhareis bem quem é. Sede amáveis então! Não me deixeis assim triste; escrevei-me depressa a dizer que ele voltou...”*<sup>55</sup>

**Figura 61.** William Blake's, *I Want! I Want!*, 17 may 1793, é uma das 18 gravuras que documentam os diferentes estágios da vida do homem, publicadas no livro do autor *For Children: The Gates of Paradise* 1793.



9

I want! I want!

Pub<sup>d</sup> by W Blake 17 May 1793



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORBOZ, André.** 2001. *Le Territoire comme palimpseste* in André Corboz, *Le Territoire comme palimpseste et autres essais*, Les Editions de l'Imprimeur, Paris, 1983.
- CERTEAU, Michel de.** 1988. *The Practice of Everyday Life*, California: University of California Press.
- DOMINGUES, Álvaro.** 1999. *Formas e Escalas da Urbanização Difusa: Interpretação e Intervenção no NO de Portugal*. Inforgeo nº14. Lisboa: Edições Colibri.
- E.S.S.P. (European Society for Social Pediatrics).** 1991. *A Criança em Meio Urbano*, comunicações do Congresso Europeu de Pediatria Social, Lisboa, outubro de 1989.
- HERTZBERGER, Herman.** 1977. *Architecture for people*, in. *a+u Architecture and Urbanism*, volume 3, no. 73, March, Editor Yoshio Nakamura, Tokyo, Japan, pp. 124-146.
- HERTZBERGER, Herman.** 2008. *Space and Learning: lessons in architecture 3*, 010 Publishers, Rotterdam.
- LEFAIVRE, Liane; ROODE, Ingeborg de.** 2002. *Aldo van Eyck: the playgrounds and the city*. Amsterdam/ Rotterdam: Stedelijk Museum Amsterdam/ NAI Publishers.
- LEFAIVRE, Liane; TZONIS, Alexander.** 1999. *Aldo van Eyck, humanist rebel – inbetweening in a post-war world*. Rotterdam: 010 Publishers.
- LIGTELIJN, Vincent; STRAUVEN, Francis.** (2008). *Aldo van Eyck – Writings. Volume 1: The child, the city and the artist: an essay on architecture*. The in-between realm. [1962] Amsterdam: SUN.
- LIMA, Adriana Flávia Santos de Oliveira.** 2000. *Pré-escola e Alfabetização, Uma proposta baseada em P. Freire e J. Piaget*, 13ª edição, Editora Vozes Ltda., Petrópolis.
- MAGALHAES, Madalena.** 1984. *A Pluriactividade no Vale do Ave*, Porto, CCRN.
- MARQUES, Teresa, e DOMINGUES, Álvaro.** 1987. *Breve caracterização do “Vale do Médio Ave”*, in: *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. I Série, Vol. III, p. 268-271.

- PIAGET, J.** 1974. *O Nascimento da Inteligência na criança*, Rio de Janeiro, Zahar.
- PIAGET, J.** 1996. *Biologia e conhecimento: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos*, Petrópolis, Vozes.
- PORTAS, Nuno.** 2007. *A Cidade como Arquitetura*, 2ªed. Lisboa: Livros Horizonte, 212 p. 1ªed. de 1969.
- PORTAS, Nuno; DOMIGUES, Álvaro; CABRAL, João.** 2003. *Políticas Urbanas: Tendência, estratégias e oportunidades*, Fundação Calouste Gulbenkian.
- RISO, Vincenzo.** 2010. *Guimarães and the medium valley of the Ave river: a town and its territory as observed through the analysis and the designs of the students of the local school of architecture*, in B. Pelucca, ed. Viaggio in Portogallo. Journey to Portugal. Dentro e fuori i territori dell'architettura. Inside and outside the territories of architecture, Aracne Editrice, Roma.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de.** 2009. *O Príncipezinho*, Editorial Aster, Lisboa.
- SILVA, Cidália F.** 2010. *Beyond Buildings and Roads: An approach to the diffuse territory of Vale do Ave*. in B. Pelucca ed. Viaggio Portogallo. Journey to Portugal. Dentro e fuori i territori dell'architettura. Inside and outside the territories of Architecture. Aracne Editrice, Roma.
- SILVA, Cidália F.** 2007. *Saber ver o Difuso no Vale do Ave*, in 1st International Conference of Young Urban Researchers, ISCTE, Lisboa.
- SILVA, Cidália F.** 2008. *Território Fissiforme*, in Jornal Arquitetos nº231. Lisboa: Ordem dos Arquitetos, p.34-37.
- SILVA, Cidália F.** 2017. *The Planetary School*, Manifesto, Gulbenkian, Biblioteca de Arte, Lisboa, 13.10.2017.
- SILVA, Cidália F. e FERREIRA, Fernando.** 2016. *In(c)(v)ite: the In-between Project*, EURA 2016, In Between Scales, september 28-30, Bucharest, Romania.
- SMITHSON, Alison.** 1983. *AS IN DS*, Lars Muller Publishers, Switzerland, (reprint 2001).

**SOLÀ-MORALES, Ignasi.** 2002. *Presente y Futuros. La arquitectura en las ciudades, in Presente y Futuros. Arquitecturas en las ciudades* (Barcelona: COAC; CCCB) pp.10-23.

**SOLÀ-MORALES, Manuel.** 2008. *De cosas urbanas*, Editora Gustavo Gili, Barcelona.

**TILL, Jeremy.** 2009. *Architecture Depends*. Cambridge, MIT Press.

**ZARDINI, Mirko.** 2005. *De la Ciudad que sube al paisaje que Avanza*, in Solà-Morales, Ignasi e Costa, Xavier (ed.). *Metrópolis*. Editorial Gustavo Gili Barcelona, p. 205-212.

### Trabalhos académicos

**FERNANDES, Gonçalo Nuno Dias.** 2016. *Dos Ciclos e Sistemas aos Interstícios de Creixomil: entre o seu conhecimento e transformação potencial*, Guimarães. Dissertação de Mestrado em Arquitetura, apresentada à Escola de Arquitetura da Universidade do Minho em 2016.

**FERNANDES, Marisa Carvalho.** 2015. *Projeto de representação da impermanência: entre a Nazaré e a Lagoa da Pederneira*, Guimarães. Dissertação de Mestrado em Arquitetura, apresentada à Escola de Arquitetura da Universidade do Minho em 2015.

**FERREIRA, Fernando.** 2010. *Incitar o Tempo. Processos, lugares e espaços no Vale do Cávado*, Guimarães. Dissertação de mestrado em Arquitetura, apresentada à Escola de Arquitetura da Universidade do Minho em 2010.

**JUAN, Marta Labastida.** 2013. *El Paisaje Próximo. Fragmentos del Vale do Ave*, Guimarães: Escola de Arquitetura da Universidade do Minho. Tese de doutoramento em Arquitetura (Área: Cidade e Território) apresentada à Escola de Arquitetura da Universidade do Minho.

**LOPES, Frederico Duarte.** 2017. *Children's Interactions in the City: the interplay of mobility, affordances and urban space*, Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana. Tese de doutoramento em Motricidade Humana (Especialidade de Comportamento Motor), apresentada à Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa.

**SOMOZA, Marta.** 2016. *Iniciación en el Lenguaje Paisajero, cuáles son los signos que narran los paisajes?*, Tese orientada por Ricard Pié i Ninot, Universidad Politécnica de Catalunya, Departamento de Urbanismo y Ordenación del Territorio (UOT).

**SOUSA, Daniela Alves.** 2016. *Do Doméstico à escala do Lugar: Minas da Borralha*, Guimarães. Dissertação de Mestrado em Arquitetura, apresentada à Escola de Arquitetura da Universidade do Minho em 2016.

### Sítios da internet

<https://www.amap.pt/>

<http://www.cm-guimaraes.pt>

<http://www.jfpevidem.pt/>

<https://www.google.pt/maps>

<http://www.pevidem.com/s/139>

### Relatos de habitantes de Pevidém

**Ana Paula Silva**, primeira conversa, Unidade de Saúde Familiar de Pevidém, 3 de maio de 2018.

**Glória e Maria**, segunda conversa, parque da feira, Pevidém, 9 de outubro de 2018.

**Mafalda e Sara**, terceira conversa, parque infantil da praça Francisco Inácio, Pevidém, 9 de outubro de 2018.

**António e Fábio**, quarta conversa, parque infantil da praça Francisco Inácio, Pevidém, 9 de outubro de 2018.

**André**, quinta conversa, ginásio *Biba Mais*, Pevidém, 9 de outubro de 2018.

**Carolina, Gabriela, Leonor, Joana e Lara**, sexta conversa, ginásio *Biba Mais*, Pevidém, 19 de outubro de 2018.

## Índice Iconográfico

**Figura 1.** Piet Mondrian, *Composition no. 3 with colour plane*, 1917 | pag. 21

in: LEFAIVRE, Liane; ROODE, Ingeborg de. 2002. *Aldo van Eyck: the playgrounds and the city*. Amsterdam/ Rotterdam: Stedelijk Museum Amsterdam/ NAI Publishers, p.47.

**Figura 2.** Corneille, drawing published in *Promenade au Pays des Pommes*, 1949, Stedelijk Museum Amsterdam | pag. 21

in: LEFAIVRE, Liane; ROODE, Ingeborg de. *op.cit.*, p.37.

**Figura 3.** Piet Mondrian, *sea and starry sky (zee en sterrenlucht)* (1915) | pag. 21

in: <https://www.pubhist.com/w27491> [acedido a 05.06.18].

**Figura 4.** K. Lynch, *Galaxy, 'The Pattern of the Metropolis'*, Daedalus, Winter, 1961 | pag. 21

in: LEFAIVRE, Liane; ROODE, Ingeborg de. *op.cit.*, p.46.

**Figura 5.** K. Lynch, *Polycentred net, 'The Pattern of the Metropolis'*, Daedalus, Winter, 1961 | pag. 21

in: LEFAIVRE, Liane; ROODE, Ingeborg de. *op.cit.*, p.46.

**Figura 6.** Pieter Bruegel the Elder, *Kinderspelen*, 1560. Kunsthistorisches | pag. 9

in: <https://www.wikiart.org/en/pieter-bruegel-the-elder/children-s-games-1560> [acedido a 05.06.18].

**Figura 7.** Fotografia de Matteo De Bernardini, *two kids playing in acqua alta*, Piazza di San Marco, Venezia, 2017 | pag. 21

Fotografia fornecida pelo autor.

**Figura 8.** Aldo Van Eyck playgrounds, fotografia de Jaime Álvarez Santana, 1969 | pag. 21

in: LEFAIVRE, Liane; ROODE, Ingeborg de. *op.cit.*, p.91.

**Figura 9.** Atelier Urban Nomads, collage-Staburgueiros, project is a collaboration with Leveld Kunstnartun, Leveld, Ål, Norway and Leveld Skole | pag. 21

in: <https://stabburgueiros.wordpress.com/2015/03/28/stabburs-espigueiros-stabburgueiros/> [acedido a 14.05.2018].

**Figura 10.** Atelier Corajoud, Les jardins d'École à Paris, fotografia de Jacky Mace | pag. 21

in: <http://corajoudmichel.nerim.net/les-quatre-parcs/parcjardinseole/Corajoud-Jardins-Eole-24.html> [acedido a 20.03.2018].

**Figura 11.** Ilustração de análise | redescobrir a criança no espaço | pag. 24

Ilustração elaborada pela autora [15.08.18].

**Figura 12.** Fotografias tiradas pela autora na visita de campo 09.10.2018 | pag. 26.

**Figura 13.** Primeiro reconhecer o Vale do Ave como território de ação. | pag. 28.

**Figura 14.** Vila de Pevidém | freguesia Selho S. Jorge. | pag. 30-31.

**Figura 15.** Pevidém como centro urbano: planta esquemática das atividades observadas na amostra | pag. 32.

**Figura 16.** Atividades diárias permanentes da comunidade observadas na vila (meses: março a outubro de 2018, das 8h às 20h) | pag. 34.

**Figura 17.** Fotografias tiradas durante as visitas de campo | pag. 38.  
(fotografias captadas pela autora).

**Figura 18.** O espaço da vila habitado pelas crianças | pag. 42.

**Figura 19.** Topografias como organizadoras de programa | pag. 44.

**Figura 20.** O espaço da escola e a sua relação com a vila | pag. 46.

**Figura 21.** Ilustração das ligações entre o espaço da escola e os espaços da Igreja Matriz e parque da feira | pag. 48-49.

**Figura 22.** Fotografias dos parques infantis de Pevidém | pag. 52.  
(captadas pela autora).

**Figura 23.** Caracterização individual dos parques infantis | equipamentos presentes | pag. 54-55.

**Figura 24.** *Frames* de um vídeo gravado pela autora a partir do parque de estacionamento situado ao lado da escola EB1 de Pevidém nº1 (escola presente nas imagens) | pag. 61.  
[26.03.18].

**Figura 25.** Ilustração que retrata a captação da observadora presente no espaço | pag. 62.  
Ilustração elaborada pela autora [15.08.18].

**Figura 26.** Fotografias de intervenientes nas conversas de participação ativa | pag. 64.  
(captadas pela autora) [09.10.18 | 19.10.18].

**Figura 27.** Decifrar as ações individuais no quadro *Kinder-spielen* de Pieter Bruegel the Elder | pag. 66.  
in: <https://www.wikiart.org/en/pieter-bruegel-the-elder/children-s-games-1560> [acedido a 05.06.18].

**Figura 28.** Fotografias do espaço do Pavilhão Gimnodesportivo da empresa Coelima | pag. 68.  
(captadas pela autora) [02.07.18].

- Figura 29.** Apontamentos da parte da manhã, espaços e atividade | pag. 70.  
(ilustrações da autora).
- Figura 30.** Apontamentos da parte da tarde, espaços e atividades | pag. 72.  
(ilustrações da autora).
- Figura 31.** Fotografias das conversas do dia 9 de outubro de 2018 | parque da feira e parque infantil da praça Francisco Inácio | pag. 76.  
(captadas pela autora e por Gonçalo Rodrigues).
- Figura 32.** Fotografias das conversas dia 19 de outubro de 2018 | ginásio *Biba Mais* em Pevidém | pag. 78.  
(captadas pela Leonor, uma das intervenientes das conversas).
- Figura 33.** Conjunto dos doze mapas pessoais *da Palavra ao Traçado* | pag. 80.
- Figura 34.** Mapa comum das histórias espaciais *da Palavra ao Traçado* | pag. 81.
- Figura 35.** Mapa pessoal das histórias espaciais de Ana Paula | pag. 82.
- Figura 36.** Mapa pessoal das histórias espaciais de Glória e Maria | pag. 84.
- Figura 37.** Mapa pessoal das histórias espaciais das primas Sara e Mafalda | pag. 86.
- Figura 38.** Mapa pessoal das histórias espaciais de António e Fábio | pag. 88.
- Figura 39.** Mapa pessoal das histórias espaciais de André | pag. 90.
- Figura 40.** Mapa pessoal das histórias espaciais de Carolina | pag. 92.
- Figura 41.** Mapa pessoal das histórias espaciais de Gabriela e Leonor | pag. 94.
- Figura 42.** Mapa pessoal das histórias espaciais de Joana e Lara | pag. 96.
- Figura 43.** Child's coloured pencil drawings of rabbits (colours as own stuffed toy rabbit) | pag. 101  
in. SMITHSON, Alison. 1983. *AS IN DS*, Lars Muller Publishers, Switzerland, reprint 2001, p.112-113.
- Figura 44.** União de sentidos e significados, ligação entre rotinas e espaços | pag. 102.  
Ilustração elaborada pela autora [15.08.18].
- Figura 45.** Traços de memória comuns tangents aos tempos de atividades, às rotinas individuais e aos programas diários | pag. 106

**Figura 46.** Espaços ativos através do verbo refletido em cada história de cada lugar | pag. 108.

**Figura 47.** Ilustração conceptual do método analítico a ser utilizado em *por camadas* | pag. 112  
[10.12.18].

**Figura 48.** Ações comuns no espaço das escolas | pag. 114.

**Figura 49.** Secções das ações comuns no espaço das escolas | pag. 116.

**Figura 50.** Ações comuns no espaço da igreja de S. Brás | Cemitério | pag. 118.

**Figura 51.** Secções das ações comuns no espaço da igreja de S. Brás | Cemitério | pag. 120.

**Figura 52.** Ações comuns no espaço da igreja Matriz | praça Francisco Inácio | pag. 122.

**Figura 53.** Secções das ações comuns no espaço da igreja Matriz | praça Francisco Inácio | pag. 124.

**Figura 54.** Ações comuns no espaço da feira | pag. 126.

**Figura 55.** Secções ações comuns no espaço da feira | pag. 128.

**Figura 56.** Rotinas comuns de Pevidém *por camadas* | pag. 130.

**Figura 57.** Verbos do *léxico verbal de ações comuns* agrupados através de significados e narrativas semelhantes | pag. 132-133.

**Figura 58.** Processo da lógica de criação de uma rede sócio-espacial em Pevidém com base nas ações interpretadas e nos tempos vazios | pag. 136.

**Figura 59.** Espaços de tempo refletidos no *léxico verbal de ações comuns* | pag. 138.

**Figura 60.** Enric Miralles, *Fotocomposición con la escalinata de San Giorgio*, Venezia. Concurso para o Instituto Universitário de Arquitetura de Veneza, segunda fase, 1998 | pag. 143

in: <https://i-h1.pining.com/564x/ef/57/50/ef575032bf7ad1be34db6cdefc43ea94.jpg> [acedido a 21.01.2019].

**Figura 67.** William Blake's, *I Want! I Want!*, 17 may 1793, publicadas no livro do autor *For Children: The Gates of Paradise* 1793 | pag. 151

in: <http://spacecollective.org/ClaireL.Evans/7847/Footprints-on-the-Moon> [acedido a 20.01.19].



## **anexo 1. etiquetas industriais | p. 161**

1. etiqueta da “Empresa Industrial de Pevidém”, in: <https://arquivo.amap.pt> (acedido a 24.04.2018)
2. etiqueta João Ribeiro da Cunha, Filhos e Ca., Lda. in: <http://restosdecoleccion.blogspot.com> (acedido a 23.01.2019)

## **anexo 2. fotografias capturadas pela autora**

| p. 162 - 163

1. chegada à vila sentido Guimarães - Pevidém (21.01.2019)
2. escola EB1 de Pevidém nº1 vista do parque de estacionamento (21.01.2019)
3. escola EB1 de Pevidém nº1 vista do parque de estacionamento (26.03.2018)
4. passeio lateral à escola EB1 de Pevidém nº1 (21.01.2019)
5. escola EB1 de Pevidém nº1 edifício de 1996 (21.01.2019)
6. escola EB1 de Pevidém nº1 edifício de 2010 (21.01.2019)
7. entrada da escola EB 2.3 de Pevidém (21.01.2019)
8. pavilhão desportivo da escola EB 2.3 de Pevidém (26.03.2018)
9. pavilhão desportivo da escola EB 2.3 de Pevidém (26.03.2018)
10. percurso em redor da escola EB 2.3 de Pevidém em contacto com a várzea agrícola (26.03.2018)
11. percurso em redor da escola EB 2.3 de Pevidém em contacto com a várzea agrícola (26.03.2018)
12. percurso da rua Gomes - várzea agrícola (26.03.2018)
13. cemitério da vila de Pevidém (21.01.2019)
14. igreja de S. Brás (21.01.2019)
15. igreja de S. Brás (26.03.2018)
16. tanque de água da rua Gomes (21.01.2019)
17. tanque de água da rua Gomes (21.01.2019)
18. tanque de água da rua do Montenegro (21.01.2019)

## **anexo 3. fotografias capturadas pela autora**

| p. 164 - 165

1. centro paroquial de Pevidém (21.01.2019)
2. igreja Matriz de Pevidém (21.01.2019)
3. junta de freguesia Selho S. Jorge (21.01.2019)
4. coreto praça Francisco Inácio (21.01.2019)

5. praça Francisco Inácio (21.01.2019)
6. praça Francisco Inácio (26.03.2018)
7. escola de música (21.01.2019)
8. unidade de saúde familiar de Pevidém (21.01.2019)
9. sociedade musical de Pevidém (21.01.2019)
10. parque da feira (21.01.2019)
11. parque da feira (21.01.2019)
12. parque da feira (21.01.2019)
13. ribeira do Selho (21.01.2019)
14. escola EB1 de Selho S. Cristóvão (21.01.2019)
15. escola EB1 de Selho S. Cristóvão (21.01.2019)
16. parque desportivo Selho S. Cristóvão (21.01.2019)
17. parque desportivo Selho S. Cristóvão (21.01.2019)
18. *lidl* (21.01.2019)

## **anexo 4. fotografias capturadas pela autora**

| p. 166 - 167

1. relação da escola EB1 de Pevidém nº1 com a várzea agrícola | fotografia panorâmica (26.03.2018)
2. praça Francisco Inácio (26.03.2018)
3. vista sobre a várzea com as escolas EB 2.3 e EB1 de Pevidém ao fundo (21.01.2019)

## **anexo 5. desenhos originais dos mapas**

personais (09.10.2018 | 19.10.20) | p. 168 - 179

1. mapa de Glória, 63 anos (09.10.2018)
2. mapa de Maria, 62 anos (09.10.2018)
3. mapa de Fábio, 12 anos (09.10.2018)
4. mapa de António, 11 anos (09.10.2018)
5. mapa de Sara, 8 anos (09.10.2018)
6. mapa de Mafalda, 8 anos (09.10.2018)
7. mapa de André, 26 anos (09.10.2018)
8. mapa de Carolina, 11 anos (09.10.2018)
9. mapa de Leonor, 11 anos (09.10.2018)
10. mapa de Gabriela, 11 anos (09.10.2018)
11. mapa de Joana, 11 anos (09.10.2018)
12. mapa de Lara, 11 anos (09.10.2018)
13. desenhos de Carolina e Leonor.

## **anexo 6. fotografias da maquete utilizada na apresentação da investigação (13.03.2019)**

| p. 180 - 181

## ANEXOS



1.



2.



1.



2.



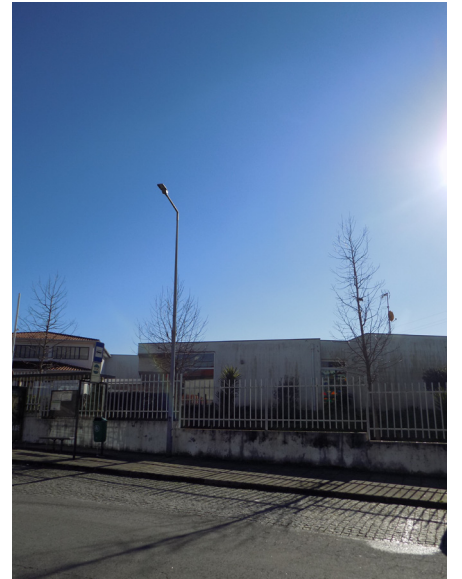
3.



4.



5.



6.



7.



8.



9.



10.



11.



12.



13.



14.



15.



16.



17.



18.



1.



2.



3.



4.



5.



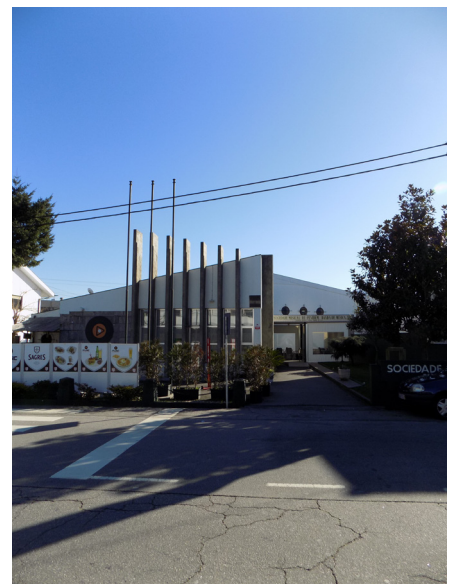
6.



7.



8.



9.



10.



11.



12.



13.



14.



15.



16.



17.



18.



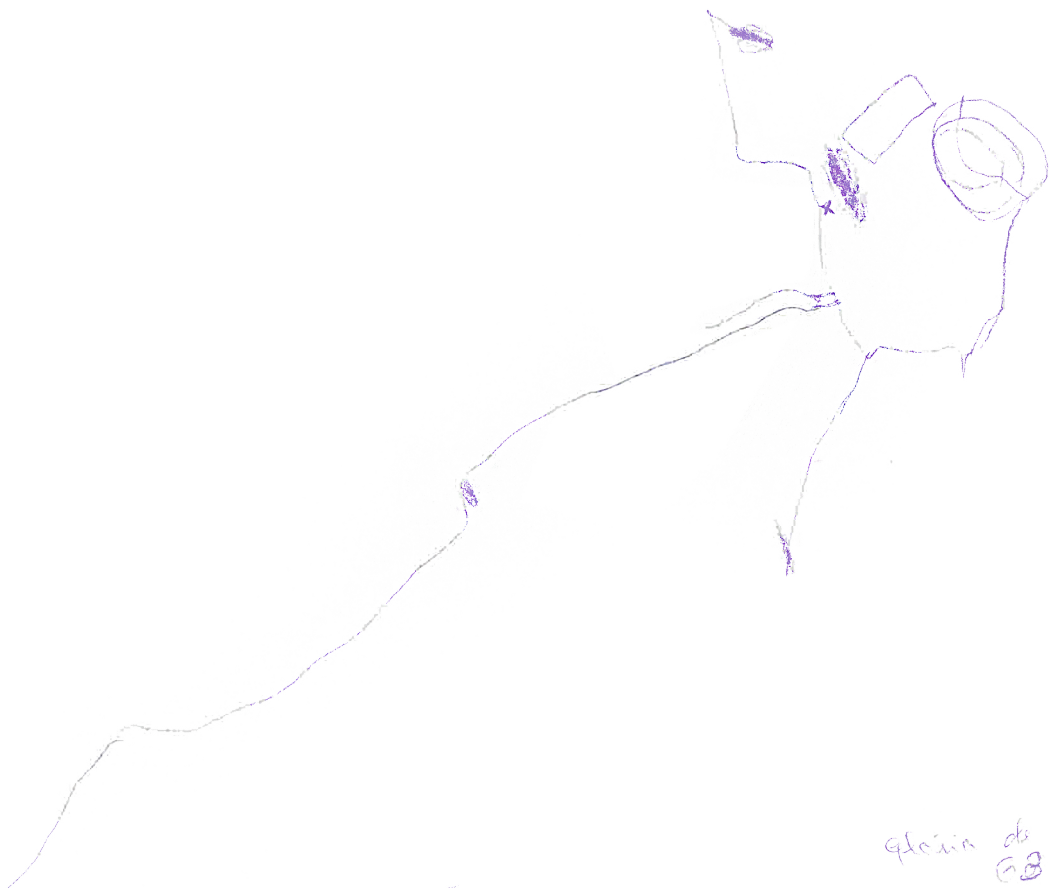


1.



3.

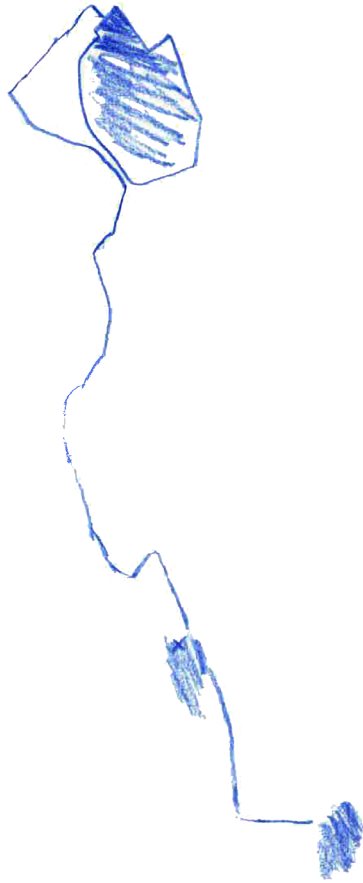




glacia de Bastro  
68 años



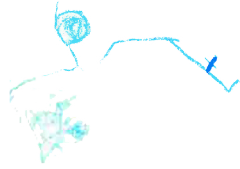
Mano Pina Alvar  
62



Sabis Mendes 12



Antônio Pereira 17



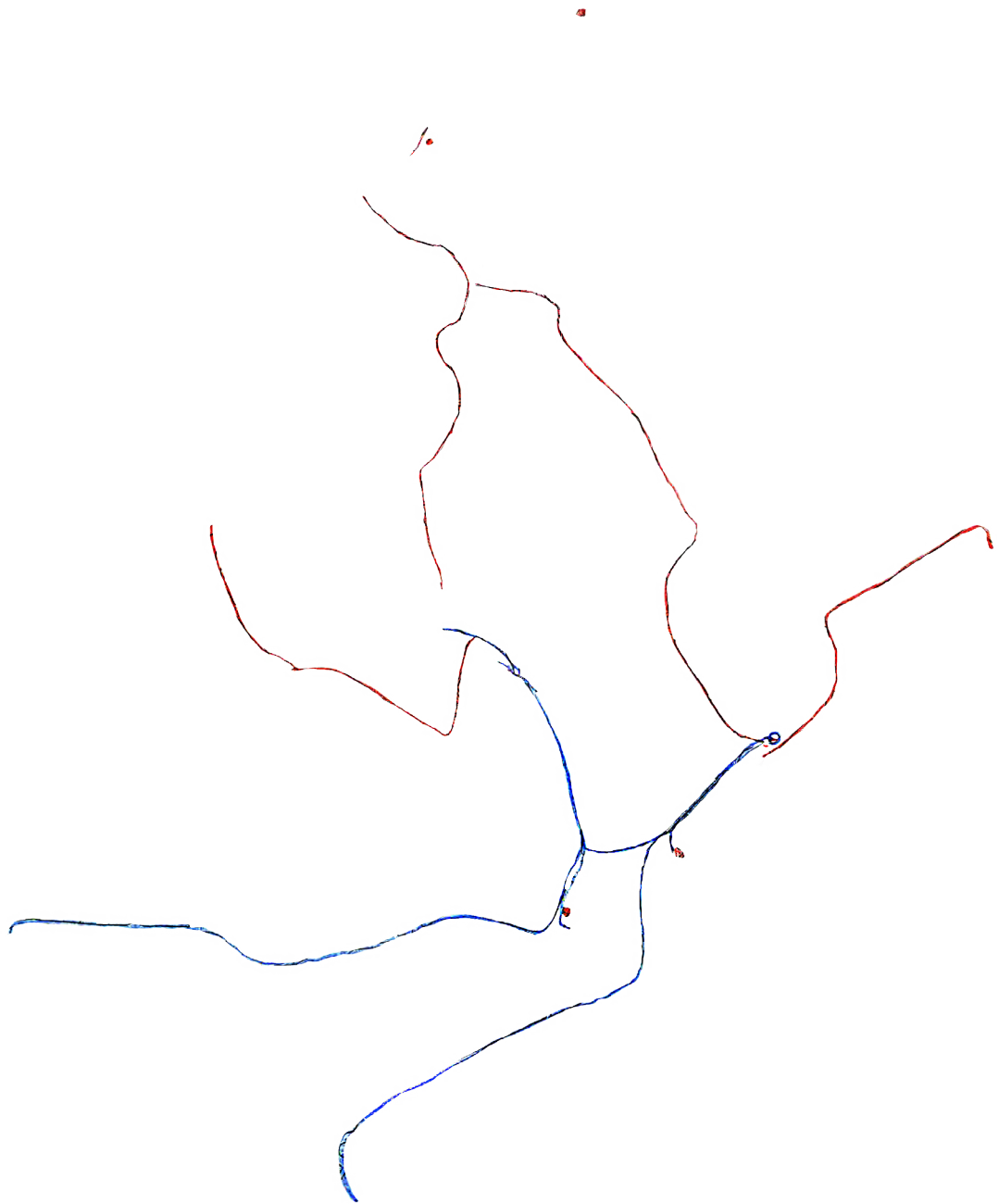
Sara Cardoso 8

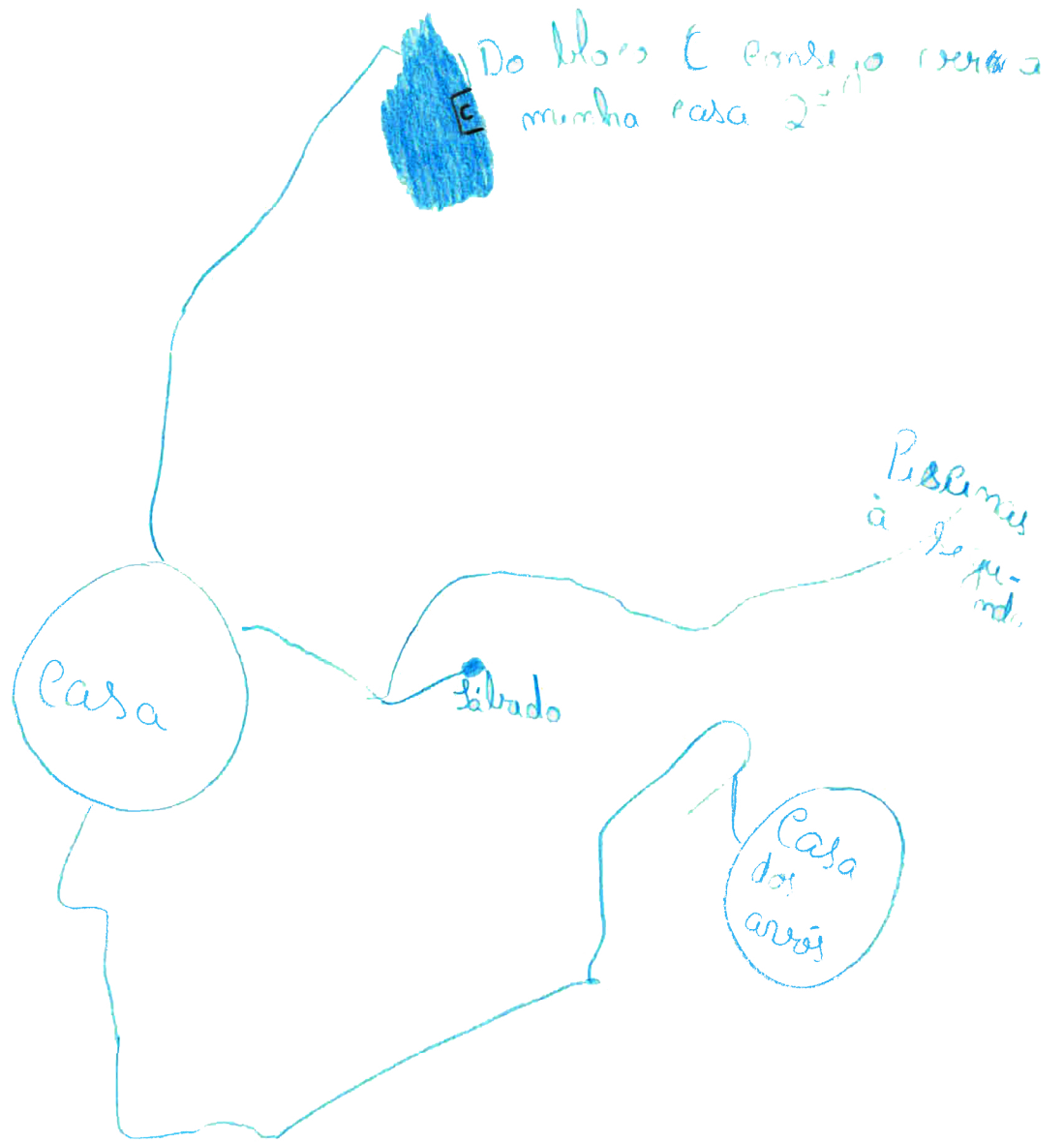
5.



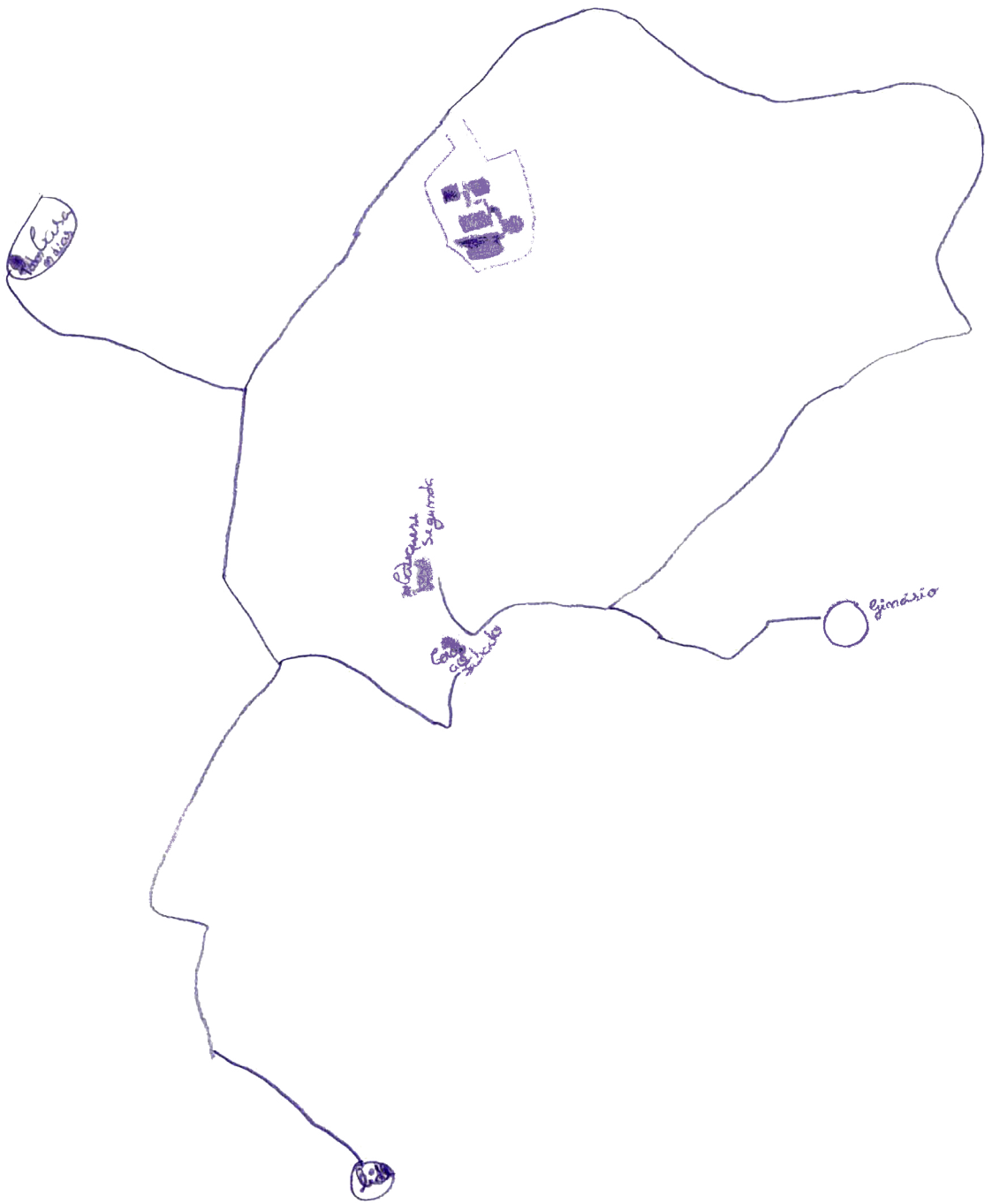
Mafalda Vidal 3

6.





(Sol) Exercicio 11



Gabriela (gaby) Hama



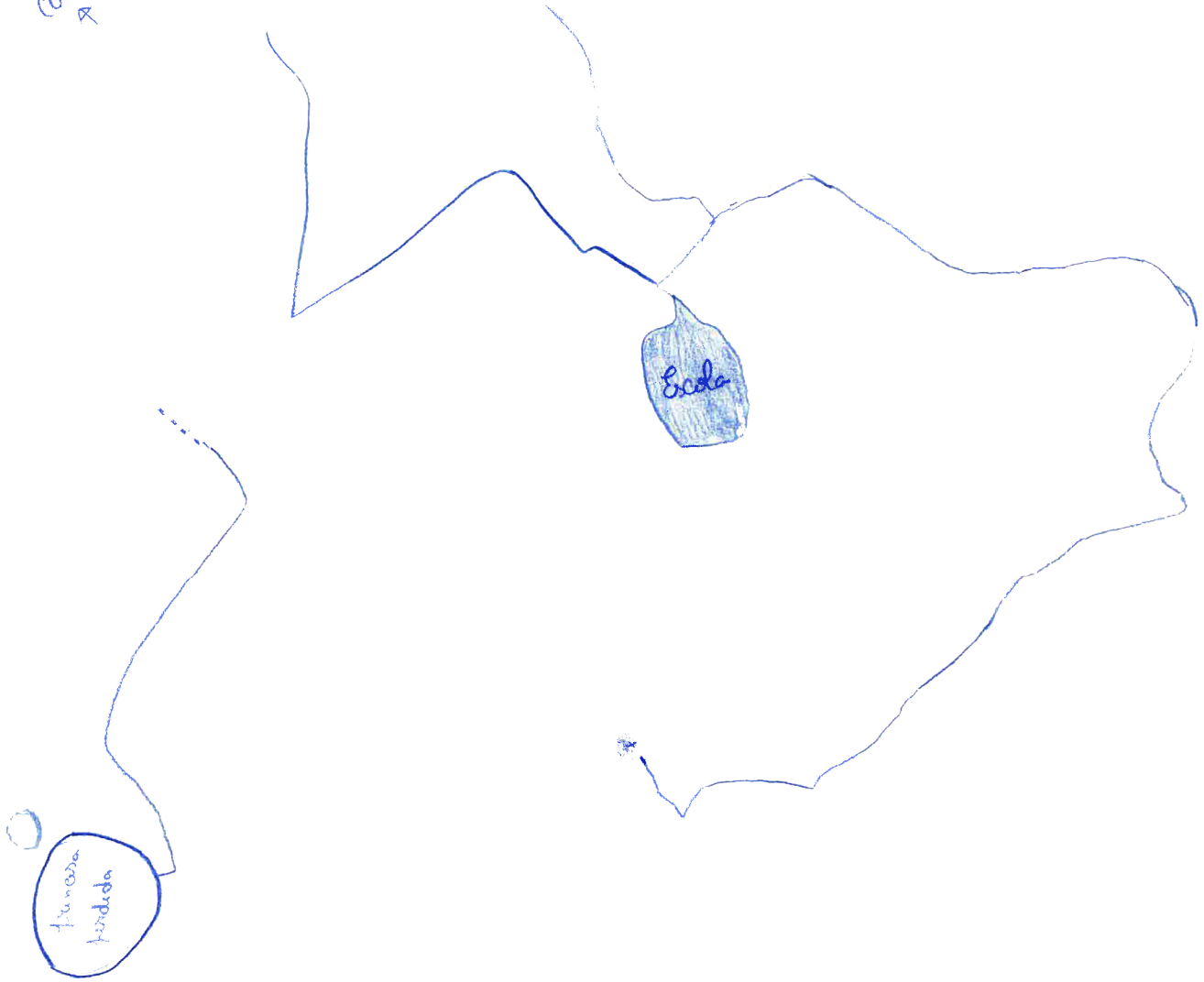


CASA DE ALMOZARDO

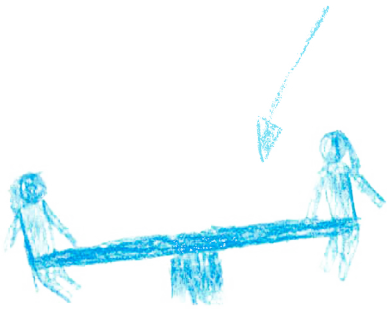
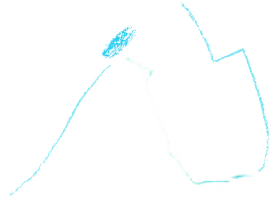


zona II áreas / montanhosa

Costa  
↑

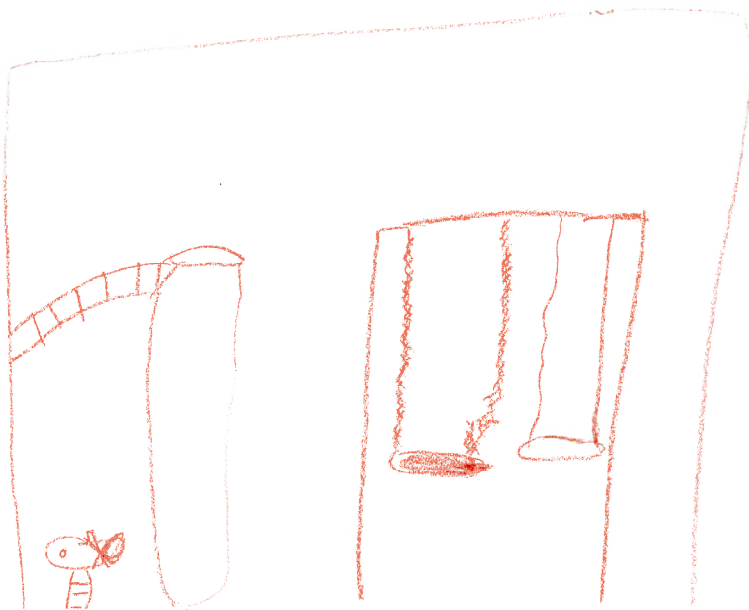


Lara Felice Hones



Balanco (sub e dex)

Carolin. 11



Comu? (Nob)  
llomus



Maquete utilizada na apresentação da investigação | 13.03.2019

Base representativa das três cotas exploradas no capítulo I - *Observar, o espaço da vila.*

Cota inferior: 135m

Cota intermédia: 150m

Cota superior: 185m

A apresentação foi estruturada com base nas catorze visitas de campo efetuadas entre o mês de janeiro 2018 e janeiro 2019, descritas na *Introdução, Metodologia.*

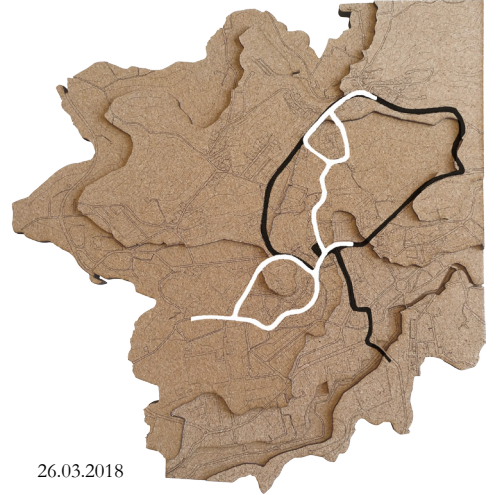


Ao longo da apresentação, conforme eram introduzidas e descritas as catorze visitas de campo, a autora ia colocando cada percurso que efetuou em cada dia, numa relação de sobreposição. Através de cada trajeto exposto era possível estabelecer relações espaciais entre programas e a vila de Pevidém.

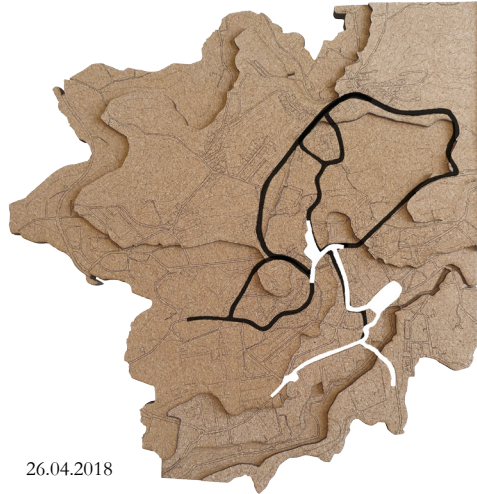
Deste modo, no final da apresentação e como resultado, obtém-se o **mapa das histórias espaciais da autora da investigação**, complementando o trabalho efetuado.



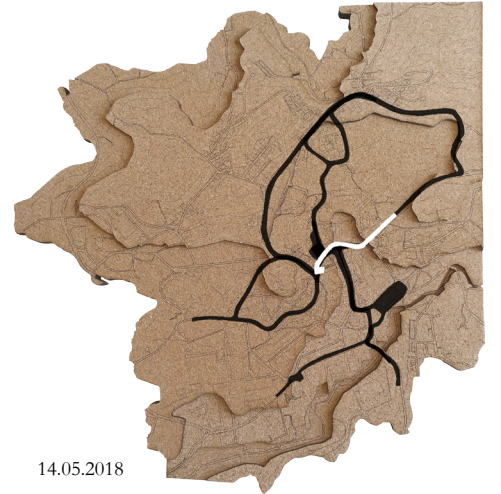
04.01.2018



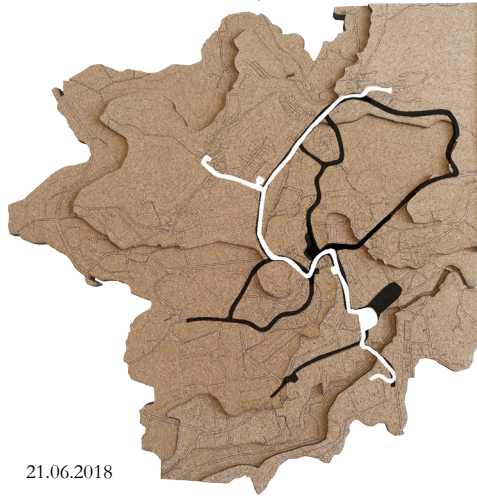
26.03.2018



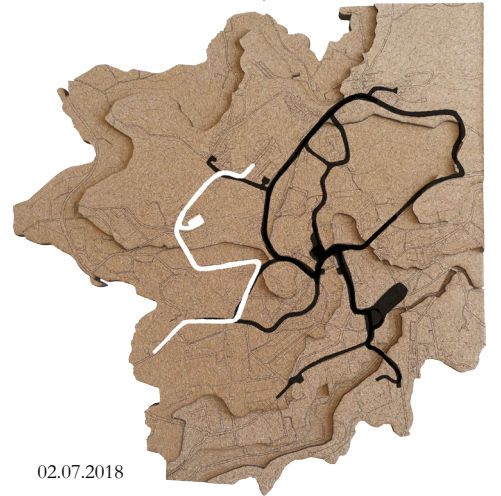
26.04.2018



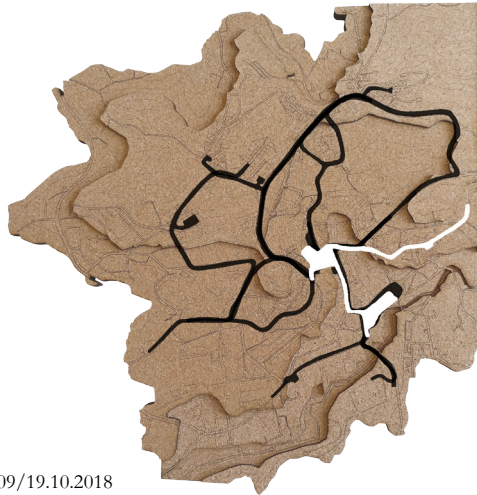
14.05.2018



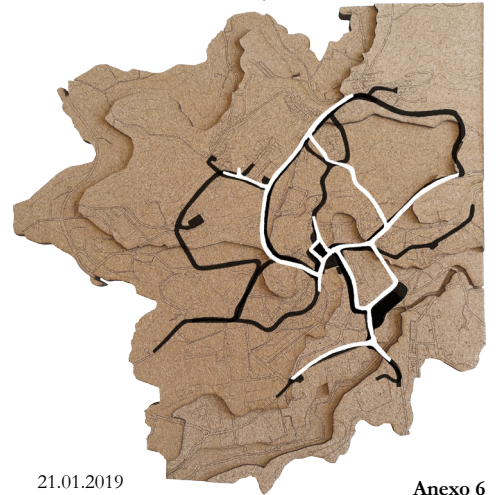
21.06.2018



02.07.2018



09/19.10.2018



21.01.2019

Anexo 6